MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS - FACALE

ADRIANA VIANA PEREIRA

A CIRCULAÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS NO JORNAL *O PROGRESSO:* DÉCADAS DE 1950 A 1980

DOURADOS-MS
2014

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS - FACALE

ADRIANA VIANA PEREIRA

A CIRCULAÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS NO JORNAL *O PROGRESSO:* DÉCADAS DE 1950 A 1980

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras (área: Literatura e Práticas Culturais), sob orientação do Prof. Dr. Paulo Bungart Neto.

DOURADOS-MS
2014

BANCA EXAMINADORA

ADRIANA VIANA PEREIRA

A CIRCULAÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS NO JORNAL *O PROGRESSO:* DÉCADAS DE 1950 A 1980

_____

Paulo Bungart Neto – FACALE/UFGD
(Presidente/Orientador)

_____

Eudes Fernando Leite – FCH/UFGD
(Membro titular)

_____

Alexandra Santos Pinheiro – FACALE/UFGD
(Membro titular)

_____

Leoné Astride Barzotto – FACALE/UFGD
(Membro suplente)

À minha mãe Luzenilda Viana Pereira, pelos seus
sábios ensinamentos sobre a vida, por ser exemplo
de mulher que venceu o câncer e superou seus medos.
Por todo o seu amor e sacrifícios para nos conceder
uma vida digna...

AGRADECIMENTOS

É com enorme satisfação e orgulho que direciono meus agradecimentos àqueles que estiveram envolvidos mais diretamente com a minha pesquisa de mestrado.

Primeiramente, `a Santíssima Maria, que sempre me cobriu com seu manto sagrado.

À minha família que, por diversas vezes, deixei de fazer o papel de filha, irmã ou tia para cumprir com as minhas obrigações como mestranda.

À minha mãe Luzenilda Viana Pereira, que me ensinou a nunca desistir dos meus sonhos e sempre me incentivou a prosseguir com os estudos, apesar de todos os problemas pessoais e financeiros.

Ao meu pai, diante de seus princípios e defeitos, me tornei uma pessoa melhor.

Aos meus irmãos Alex Viana Pereira e Ana Paula Viana Pereira, pelos anos de convivência e pela confiança depositada em mim, e também à minha cunhada Joice Cristina, por, juntamente com meu irmão Alex, estarem sempre por perto nos momentos especiais, pelo acolhimento, carinho e incentivo nesta mudança pela qual passei neste início de ano.

Ao meu sobrinho Caio Lima Pereira, que por diversas vezes não pude compartilhar de suas brincadeiras e sentar no sofá para assistir desenho. E, com seus poucos anos de idade, consegue compreender as minhas fragilidades tornando os meus dias mais harmoniosos.

Ao meu namorado, Jairo Prestes Machado, que me proporcionou momentos felizes, pela paciência e companheirismo.

Às minhas amigas, que fazem parte da minha família. Pessoas especiais que não apenas compartilharam dos momentos bons, mas que também trocaram lágrimas.

Ao meu orientador, prof. Dr. Paulo Bungart Neto, por sua dedicação, postura profissional para com o meu trabalho. Sua preocupação em auxiliar no empréstimo de livros para complementar o desenvolvimento da pesquisa, as horas de reuniões e as várias trocas de e-mails para melhores esclarecimentos.

À prof. Dr. Alexandra Santos Pinheiro, pela parceria desde a graduação. À sua paixão contagiante pela literatura. Sua posição não apenas como professora, mas também como ser humano que se preocupa com a verdadeira formação do aluno.

Ao corpo discente do PPG-Letras, na área de Literatura e Práticas Culturais, por proporcionarem momentos de solidariedade e troca de experiências dentro e fora da universidade.

Ao corpo docente do PPG-Letras da UFGD, da área de Literatura e Práticas Culturais, que se demonstrou bastante envolvido com a turma e com as disciplinas ministradas.

A todos os funcionários da FACALE, estes que mantém a faculdade funcionando de forma responsável e organizada.

À toda editoração do jornal *O Progresso*, principalmente, à proprietária Adiles do Amaral, que demonstrou um grande interesse pelo trabalho e cedeu espaço para a investigação do material.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), porque através do auxílio financeiro foi possível fomentar a proposta da dissertação.

À banca de qualificação, composta pelos professores doutores: Alexandra Santos Pinheiro e Eudes Fernando Leite, que proporcionaram uma discussão construtiva e ampliaram as possibilidades de investigação do trabalho.

RESUMO

PEREIRA, Adriana Viana. *A circulação de textos literários no jornal O Progresso: décadas de 1950 a 1980*. Dissertação (Mestrado em Letras – Literatura e Práticas Culturais). Programa de Pós-Graduação em Letras, UFGD, Dourados-MS, 2014.

Esta Dissertação de Mestrado tem por objetivo analisar textos literários que foram publicados nas colunas do jornal *O Progresso* entre as décadas de 1950 e 1980, com ênfase para as crônicas e poemas que retratam o início da formação cultural da cidade de Dourados e região. Dentre os escritores que mais colaboraram com as colunas do jornal, destacaremos Weimar Gonçalves Torres, Armando da Silva Carmello e José Pereira Lins. Os materiais coletados nas encadernações do jornal, bem como os textos pertencentes ao Centro de Documentação Regional da Faculdade de Ciências Humanas (FCH/UFGD), possibilitam a investigação dessas manifestações literárias, articulando a formação cultural e histórica pelo viés da literatura e da memória coletiva. Assim, a dissertação terá como objetivo principal analisar esses textos e observar a sua importância em uma sociedade na qual os moradores, em sua maioria, eram fazendeiros e comerciantes. Para realizar tais análises, recorremos aos teóricos: Roger Chartier (2009), Maurice Halbwachs (2003), Jacques Le Goff (2003), Ecléa Bosi (2003) e Márcia Abreu (2003), dentre outros.

Palavras-chave: Memorialismo sul-mato-grossense; Manifestações literárias em Dourados; *O Progresso.*

ABSTRACT

This Master Degree dissertation aims at analyzing literary texts published in *O Progresso* [*The Progress*] newspaper between the decades of 1950 and 1980, mainly the chronicles and poems related to the beginning of the cultural formation of Dourados and region. Among the writers who collaborated with the newspaper, we distinguish Weimar Gonçalves Torres, Armando da Silva Carmello e José Pereira Lins. The materials collected in the newspaper bindings, as well as the texts available in Centro de Documentação Regional (CDR) of Faculdade de Ciências Humanas (FCH/UFGD), allows the investigation of these literary manifestations, articulating the cultural and historical formation according to concepts related to literature and collective memory. Thus, this dissertation aims at analyzing these texts and considers their importance in a society in which the inhabitants were mainly farmers and sellers. To fulfil these analyzes, we used concepts from theoreticians like Roger Chartier, Maurice Halbwachs, Jacques Le Goff, Ecléia Bosi and Márcia Abreu, among others.

KEYWORDS: memoirs in Mato Grosso do Sul; literary manifestations in Dourados; *O Progresso* [*The Progress*].

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 09

CAPÍTULO 1
MEMÓRIA, HISTÓRIA E MARCAS LITERÁRIAS QUE CONSTITUEM UMA IDENTIDADE 13

1.1 Memória e história 14
1.2 História e literatura 19
1.3 Literatura regional 23

CAPÍTULO 2
AS ENCADERNAÇÕES DO JORNAL *O PROGRESSO*: A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA E DA IDENTIDADE DOURADENSE 29

2.1 Formação histórica de Dourados 30
2.2 Histórico do jornal no Brasil.....36
2.3 O jornal *O Progresso* e suas significativas manifestações culturais.....40
2.4 Jornalismo Literário: a crônica.....44

CAPÍTULO 3
AS CONTRIBUIÇÕES LITERÁRIAS DOS ESCRITORES WEIMAR TORRES, JOSÉ PEREIRA LINS E ARMANDO DA SILVA CARMELLO.....48

3.1 Weimar Torres.....48
3.1.1 Weimar Torres: político e proprietário do jornal *O Progresso*.....48
3.1.2 As produções poéticas de Weimar Torres.....53
3.2 José Pereira Lins.....59
3.2.1 José Pereira Lins e a propagação da leitura.....59
3.2.2 José Pereira Lins: crítico literário e escritor.....61
3.3 Armando da Silva Carmello.....64
3.3.1 A construção da identidade douradense: Armando da Silva Carmello 64
3.3.2 “Crônica das ruas”.....69

CONSIDERAÇÕES FINAIS 73

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 76

ANEXOS 81

INTRODUÇÃO

A presente dissertação, vinculada ao Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras da UFGD, tem por objetivo geral analisar e interpretar textos literários veiculados no jornal *O Progresso*, em Dourados, entre as décadas de 1950 e 1980. A ideia para essa pesquisa se originou de um trabalho de Iniciação Científica desenvolvido entre 2009 e 2010, intitulado *História de leitura de um deputado federal: o poeta Weimar Torres*. Neste, averiguou-se a presença de vários registros literários de escritores locais. A pesquisa, financiada pelo CNPq, focalizou os cadernos de anotações de Weimar Torres, *Coração de Estudante* e *Juventude*, observando a construção de sentido e a materialidade dos cadernos que geraram uma obra póstuma, *Meus Versos*, publicada em 1970 por Adiles do Amaral, viúva do poeta. Neste levantamento, concluímos que o escritor incentivou consideravelmente as manifestações culturais de Dourados e contribuiu, através de poemas regionais, para a imagem histórica da cidade, em textos que apontavam as riquezas naturais e as conquistas materiais e intelectuais dos douradenses. Weimar Torres também escreveu diversos poemas amorosos, revelando sua grande paixão pela literatura romântica.

Acreditamos que os dados arquivados, ou seja, aqueles que não foram analisados na Iniciação Científica, são de grande relevância para a pesquisa atual, principalmente por contemplar registros sobre a formação cultural da cidade. Poucas pesquisas se voltam para a região sul-mato-grossense e, as que o fazem, analisam, em sua maioria, suas belezas físicas, os costumes indígenas e paraguaios, esquecendo-se de averiguar os leitores e intelectuais que residiam ou ainda residem na região e os textos literários que faziam/fazem parte do dia a dia dessas pessoas.

O trabalho desenvolvido na Iniciação Científica auxiliou a compreensão do tema e a delimitação do *corpus* da pesquisa. A intenção não é dar continuidade, mas abranger outros escritores que deixaram importantes textos literários nas colunas do jornal, abordando de uma forma mais ampla os meios sociais e políticos nos quais os textos circulavam. Consideramos indispensável a recuperação de vários documentos inéditos – além de contribuir para a compreensão da identidade regional, os dados coletados fornecem informações sobre a construção e o desenvolvimento urbano e cultural da cidade. Como importantes "espaços" nos quais a pesquisa se desenvolveu, merecem ser destacados: a biblioteca do professor José Pereira Lins; o Centro de Documentação Regional (CDR) da UFGD; o Museu de Arte de Dourados; a Biblioteca da Academia Douradense de Letras; e o acervo da Biblioteca da UFGD.

Diante das informações obtidas, analisam-se nesta dissertação os textos literários que circulavam no jornal entre as décadas citadas, no entanto, é preciso compreender o perfil dos leitores da região. Observar qual era a intenção dos escritores e a importância de seus textos perante uma sociedade em que os moradores, em sua maioria, eram fazendeiros e comerciantes. Optamos por selecionar os escritores que participaram mais efetivamente nas colunas do jornal e contribuíram para a consolidação de práticas de leitura. Dentre os quais, Weimar Torres, José Pereira Lins e Armando da Silva Carmello serão merecedores de uma investigação mais detalhada.

Para um suporte mais coerente diante da proposta de pesquisa, no primeiro capítulo, examinamos com atenção os influentes teóricos que estão diretamente ligados às relações sociais e culturais que abarcam o enfoque histórico adotado, tais como, por exemplo, Roger Chartier, Terry Eagleton, Norbert Elias, Armand Mattelart e Antonio Candido.

Antes de tratar das práticas culturais, investigaremos os aspectos históricos e políticos que envolvem o meio social, pois nada está isento das condições impostas pela elite. O papel do pesquisador de literatura está ligado a questões históricas, ou seja, buscar fontes literárias e não literárias para se fazer uma análise sistemática do ambiente social em que os textos circulavam, quais textos, para quais pessoas. Vários teóricos defendem que a literatura tem a mesma importância que a história, ambas, de forma diferenciadas, são fontes importantes de pesquisa que representam a realidade. Como afirma Ria Lemaire:

> A literatura, como a história, apesar de ser menos didática, menos autoritária, na sua expressão também se funda num processo de socialização; socialização das memórias, das narrações, dos discursos. Tanto a literatura quanto a história buscam estimular comportamentos e formas de pensamentos desejados, propondo modelos e pondo em ação estratégias discursivas tais como a persuasão, a sedução, a verossimilhança, a credibilidade e a autoridade das palavras (LEMAIRE, 2000, p. 12).

Tendo como principal foco de pesquisa as encadernações do jornal *O Progresso*, é possível averiguar uma editoração com intenções sociais, educacionais e políticas. O jornal publica suas colunas abrangendo notícias sobre os moradores da região, as transformações econômicas de Dourados, colunas destinadas à propaganda eleitoral e algumas voltadas para a divulgação da literatura e da produção de escritores locais. A partir de vários dados coletados da editoração, será possível analisar textos e escritores que fazem parte da cultura sul-mato-grossense e as possíveis intenções sociais.

O segundo capítulo abrange um histórico sobre a formação e a análise de alguns textos selecionados nas encadernações[1] do jornal *O Progresso*, de acordo com a temática abordada nesta pesquisa. Diante dos diversos textos arquivados de Weimar Torres, selecionamos os que estão mais diretamente ligados a personalidade de poeta, proprietário e político. Torres, como proprietário do jornal, escreveu diversos textos que revelam seus interesses com relação à editoração, através dos quais levou ao público informações sobre as dificuldades e a necessidade de instalar uma imprensa na cidade recém-fundada. Com o novo meio de comunicação em circulação, promoveu novas expectativas de vida para os moradores douradenses. De acordo com as palavras do escritor, percebe-se também seus interesses como político, já que usa do meio jornalístico para anunciar propagandas políticas, benfeitorias realizadas na cidade e as possíveis mudanças para o futuro.

O jornal *O Progresso* pode ser considerado uma fonte de pesquisa muito rica para a região, pois registra várias informações sobre o crescimento regional, intelectual e cultural de Dourados. É importante observar que o objetivo da editoração não era de arquivar os documentos, mas sim a expansão de informações. Com o passar das décadas, as edições que foram armazenadas em encadernações tornaram-se arquivos históricos para a realização de pesquisas sobre a região. De acordo com José Domingos de Brito (2007), em *Literatura e jornalismo*, o homem sempre tem informações a transmitir, cria e recria a realidade simbolicamente: "A contribuição simbólica é ampla, engloba a linguagem, a arte, o mito, a religião, a filosofia e a ciência. Ao usar os símbolos, o homem pode exprimir intenções, significado, desejos e, portanto, adquire o poder de alterar as formas de vida social" (BRITO, 2007, p. 11).

Logo nas primeiras encadernações do jornal, Weimar Torres deixa clara a ideia de levar as edições para toda a população douradense: "O jornal é a voz do povo. Si o povo tem motivos de reclamar ou pedir qualquer serviço, as colunas do jornal se tornam a boca de todos, para uma só voz..." (*O Progresso*, 27 de setembro de 1951; ortografia vigente na época).

Tendo em vista a ampla discussão que envolve a educação, a importância da literatura e sua mediação entre os jovens, foi relevante analisar as colunas do professor José Pereira Lins, que publicou, durante a década de 1950, textos sobre a importância da leitura dos cânones literários como, por exemplo, *Os Lusíadas* e a *Divina Comédia*. As colunas do professor

[1] Desde o início das publicações do jornal *O Progresso* as edições foram arquivadas e encadernadas para melhor conservação do material.

retratam, em sua grande maioria, além dos grandes clássicos da literatura, as questões educacionais da cidade.

Lins assume, em seus artigos, uma postura de educador, uma vez que tenta contribuir com a educação dos moradores e se mostra preocupado com o desinteresse dos jovens de sua época pela literatura canônica. Apesar de toda importância que ele dedica às obras universais, também valoriza a literatura regional, enaltecendo vários escritores sul-mato-grossenses, como Lobivar Matos. Diante do número de artigos assinados pelo professor Lins, bem como pela qualidade dos mesmos, propõe-se, nesse trabalho, analisar a sua contribuição para o amadurecimento cultural de Dourados.

Nas colunas do jornal, publicadas entre os anos destacados, foi possível perceber diversos escritores da região envolvidos com as manifestações culturais da cidade, vários registros que apontavam para o crescimento econômico e educacional como, por exemplo, as primeiras lojas comerciais, a construção das primeiras residências e bibliotecas, a criação e nomeação das ruas. O escritor Armando da Silva Carmello contemplou as edições do jornal com diversas crônicas que relatam os acontecimentos do dia a dia, as transformações que ocorriam na época e a história dos nossos pioneiros. As crônicas de Carmello permitem observar o hibridismo presente em nossa cultura, a construção histórica e cultural de Dourados. Como afirma José Couto Vieira Pontes:

> Literatura é fenômeno de aglomerados humanos, de convivência, em que se chocam as tradições com as contradições, de modo que é necessário, antes de tudo, para apreciar a história literária de uma determinada região, pesquisar a formação de seus primeiros núcleos populacionais, urbanos ou rurais (PONTES, 1981, p. 12).

No entanto, pode-se dizer que a literatura é a consequência da diversidade cultural, do choque entre as diversas etnias. Deste modo, as produções literárias não devem ser analisadas como algo homogêneo e inflexível. Ela retrata as origens, representando uma época específica dentro da história.

Alguns dos principais textos analisados foram incluídos no final do trabalho, na seção intitulada “Anexos”. No decorrer da pesquisa tiramos fotografias das encadernações, já que não foi possível escanear ou fotocopiar as colunas do jornal. Os arquivos selecionados do (CDR) foram escaneados e incluídos nos anexos.

CAPÍTULO 1: MEMÓRIA, HISTÓRIA E MARCAS LITERÁRIAS QUE CONSTITUEM UMA IDENTIDADE

O primeiro capítulo desta dissertação de mestrado tem como foco apresentar discussões teóricas que servirão de base para as análises realizadas nos capítulos seguintes. Como já mencionado no título, o capítulo pretende demonstrar de que forma manifestações culturais como construções de escolas, cinemas e outras instituições, o incentivo à leitura através das produções literárias e muitos outros fatores contribuíram para a formação cultural e intelectual da cidade de Dourados.

A partir do *corpus*, registros literários deixados por escritores regionais nas colunas do jornal *O Progresso*, entre as décadas de 1950 e 1980, busca-se compreender a memória histórica, a construção da identidade e os aspectos sociais, intelectuais e econômicos que moldaram a cidade, sobretudo aqueles relacionados à cultura e à educação. De acordo com o recorte literário de uma determinada época, investigamos as características poéticas e as informações pertinentes abordadas por cada escritor, retratando com prudência a existência dos interesses políticos, posses de terras e uma possível pretensão de "civilização" que envolvem tais textos. Primeiramente, contudo, é necessário examinar com a devida atenção o que os diversos teóricos ressaltam em relação à memória, história e identidade.

A história de uma cidade é construída não apenas através de registros históricos, mas também dos relatos dos indivíduos que compõem determinada sociedade. Como indica Ecléa Bosi, em *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social* (2003), os aspectos descontínuos do sujeito, os episódios familiares e sociais devem ser considerados agentes relevantes na construção histórica das cidades. A memória trabalha com o tempo vivido, as lembranças, os patrimônios históricos deixados pelos primeiros moradores e todas as crenças e costumes que ainda estão presentes na vida dos indivíduos.

Deve-se ter em mente que para averiguar um passado que já não existe mais, devemos ter cautela e não supor verdades, mas sim hipóteses. Os registros literários de escritores regionais influenciam de maneira peculiar na construção cultural e intelectual de uma região, além de discutir, muitas vezes de forma poética, os fatos que envolvem a sociedade em determinado período. Englobam assuntos pertinentes a um grupo que não se enquadra nos padrões elitistas, transparecendo os problemas sociais, educacionais e econômicos. Dessa forma, a literatura se torna uma fonte riquíssima para os historiadores, pois permite uma compreensão mais ampla sobre os elementos do universo sociocultural.

1.1. Memória e história

Por muitas vezes, o conceito de cultura, no século XVIII, foi confundido com o processo de desenvolvimento da educação pertencente a um ideal elitista europeu. A palavra cultura é derivada do latim (*cultus*) e pode ser definida como uma complexa variante que demarca os valores de determinada sociedade, refere-se às manifestações artísticas, costumes, crenças, forma de organização social e todos os outros hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade.

A cultura também envolve todas as habilidades e criatividades que os seres humanos podem executar durante a vida dentro de sua comunidade. Como relata Leoné Astride Barzotto em "A construção da identidade cultural por meio do texto literário pós-colonial: Brasil e Guiana", as sociedades diferenciam-se umas das outras por abranger características próprias de um povo:

> Se 'comunidade' é a qualidade ou o estado do que é comum, denotando o que há de concordância, conformidade e identidade e, ainda, explicando a junção e um grupo social comum que habita uma mesma região, sob um mesmo governo, irmanado por uma mesma herança histórica e cultural, pode-se argumentar que para cada comunidade há uma cultura que lhe é inerente. Todavia, a cultura em si mesma é muito mais abrangente porque apreende todas as polaridades do humano enquanto ser social o que, de uma forma ou de outra, dentro do processo sociocultural, molda o que se entende por comunidade (BARZOTTO, 2012, p. 81).

A construção da identidade de uma comunidade se dá a partir das manifestações culturais do coletivo, das crenças, das artes, da moral, da religião, da economia e, principalmente, da diversidade cultural dos indivíduos. Ao se pensar em sociedade e cultura, o escritor e sociólogo alemão Norbert Elias (1994), em *A sociedade dos indivíduos*, levanta importantes considerações acerca das pluralidades e singularidades que complementam a sociedade. O teórico defende que a sociedade é composta por uma porção de pessoas juntas, ou seja, as sociedades só existem porque circulam nelas um grande número de pessoas: "[...] Ninguém duvida de que os indivíduos formam a sociedade ou de que toda sociedade é uma sociedade de indivíduos" (ELIAS, 1994, p.16). Na verdade, um não existe sem o outro, a sociedade é formada por diversas particularidades que perfaz um todo coletivo.

Elias ainda afirma que, desde quando o indivíduo nasce, está confinado a situações impostas pelo seu meio, seja ele familiar, religioso, escolar ou profissional. Mesmo que o indivíduo esteja só, sempre existirá um círculo de relações presentes em sua memória. Para diversos pesquisadores, tais como Paul Ricoeur, Maurice Halbwachs, Jacques Le Goff, Ecléa Bosi, dentre outros, investigar a história e a memória da sociedade exige não apenas a

averiguação de textos escritos, mas também saber valorizar as experiências e narrativas orais de todas as camadas sociais.

Diante das diversas teorias e observações, pretende-se apresentar de que maneira a história, a memória e a literatura estão diretamente interligadas e se materializam nas encadernações do jornal *O Progresso*, e de que modo esses elementos sociais contribuíram para a construção da identidade e dos patrimônios históricos de moradores douradenses. Os textos literários produzidos pelos escritores Weimar Torres, José Pereira Lins e Armando da Silva Carmello representam uma subjetividade e várias possibilidades de interpretação. Tais textos tornaram-se registros históricos e memorialísticos não apenas pela qualidade da escrita e apresentar informações pertinentes, mas também por serem publicadas em um jornal reconhecido na região.

A memória vem sendo discutida há séculos e por diversas áreas do conhecimento, apresenta uma habilidade psicológica e biológica atribuída aos seres humanos, com a capacidade de registrar e acumular informações no cérebro. Portanto, deseja-se destacar que a memória é um elemento essencial na construção da identidade de uma comunidade, na busca pelas origens e na conservação das tradições, das manifestações culturais, dos poderes políticos e de todos os outros valores que regem a sociedade.

Por muitos anos, a memória era designada por aqueles que possuíam a habilidade de gravar e articular oralmente os acontecimentos do seu grupo. Com as novas tendências da era moderna, a invenção da imprensa, a urbanização, organizações sociais, profissionais e mudanças nas percepções individuais, o arquivamento dessa memória coletiva teve que se adequar a novas realidades.

Tornou-se cada vez mais comum, nas últimas décadas, registrar, através de documentos históricos, a acumulação de objetos ou até mesmo transpor oralmente a memória pertencente a uma cidade ou grupo. É uma forma de manter no presente os acontecimentos que marcaram o passado de determinada região. Na pesquisa realizada pelo professor do Departamento de Geografia da UFRJ, Mauricio de Almeida Abreu (1998), em “Sobre a memória das sociedades”, destaca-se a importância, nos dias de hoje, de se estudar as memórias das cidades brasileiras e, dessa forma, compreender as novas relações identitárias que vêm se estabelecendo no século XXI. De acordo com Abreu, é preciso revalorizar os vários vestígios do passado, já que vivemos em tempos de transformações e mudanças constantes, de modo que as tradições, as raízes e personalidades importantes que contribuíram para a construção da nossa identidade, pelas várias circunstâncias, já não fazem sentido para as novas gerações.

As relações sociais estabelecidas entre os indivíduos de uma mesma sociedade, muitas vezes, ocorre de forma conflituosa. Essas vivências dão origem, de acordo com Abreu (1998, p. 14), a "inúmeras memórias coletivas, que podem ser bastante distintas umas das outras, mas que têm como ponto comum a aderência a essa mesma cidade". No início do século XX o antigo Estado de Mato Grosso sofreu diversas mudanças econômicas e culturais, diversos povos caminhavam em direção aos rumores de uma região próspera. A migração de japoneses, libaneses, gaúchos, nordestinos, dentre outros, provocou um choque entre as culturas e estabeleceu-se um processo de transição e negociação. Os escritores, colaboradores das colunas do jornal *O Progresso,* registraram alguns dos momentos marcantes na transformação histórica da cidade e região. Sessenta e três anos após o lançamento de uma editoração em Dourados, pode-se considerar os textos publicados no jornal e, posteriormente arquivados em encadernações, como umas das fontes memorialísticas mais importantes sobre a história da cidade de Dourados. Como afirma Maurice Halbwachs, em *A memória coletiva,* "Um acontecimento só toma lugar na série dos fatos históricos algum tempo depois de ocorrido. Portanto, somente bem mais tarde é que podemos associar as diversas fases de nossa vida aos acontecimentos nacionais" (HALBWACHS, 2003, p.75).

Para Ecléa Bosi, em *Memória e sociedade: lembranças dos velhos* (1994), o corpo presente permite uma relação com o passado, pois as indagações que nos importunam no presente e dúvidas sobre o futuro, muitas vezes, terão respostas ou esclarecimentos somente em relatos do passado. Ou seja, a memória é uma forma de trazer à tona um tempo que não existe mais. Porém, a imagem que construímos da infância ou de acontecimentos que marcaram a vida social de um grupo é avaliada de diferentes ângulos, dependendo das mudanças do nosso estado físico e das mudanças de percepção que ocorrem durante a vida.

A memória é um elemento essencial da identidade de um lugar. A memória de um lugar, a memória de uma cidade, é, portanto, um aspecto da memória coletiva. O sociólogo francês Maurice Halbwachs debruçou-se em suas pesquisas sobre as diversas formas sociais da memória. O intelectual explora as características, as semelhanças e as diferenças entre a memória individual e a memória coletiva. Para o teórico, os aspectos sociais servem como ponto de referência no grande esforço da reconstrução da memória. Sendo assim, no momento em que o grupo não consegue mais manter vivas no presente as lembranças do passado, por motivos de mudanças no grupo ou na própria sociedade em que vivem, essas memórias passam a ser registradas, tornando-se "memória histórica". Contudo, a história trabalha com fatos distantes e a memória com fatos vividos, nesse sentido, o termo "memória histórica" vem sendo muito contestado, pois se a história é uma construção que investiga o passado do

ponto de vista social, é também um processo que, através da memória individual, encontra caminhos semelhantes, mas também diversificados, divergindo de indivíduo para indivíduo.

Como afirma Halbwachs, a memória não é apenas individual, é também coletiva, pois as lembranças vividas pelos indivíduos não pertencem exclusivamente a eles, são experiências adquiridas e compartilhadas com um grupo. O estudo da memória coletiva começou a se desenvolver através da investigação oral, do relato de fatos comuns a um grupo.

Jacques Le Goff (2003), em *História e memória*, defende que as memórias estão ligadas à vida social do indivíduo, é seu grupo que determina os fatores que devem ou não ser conservados. É relevante, de acordo com ele, distinguir memória individual da memória coletiva, apesar de ambas estarem diretamente ligadas, não se confundem. Nossas memórias são relativamente dependentes do ambiente social em que vivemos, somos motivados pelos discursos familiares, políticos e religiosos. Cada um de nós constrói uma história, porém, estamos inseridos dentro de um grupo com certos valores. Para Elias, vivemos de acordo com as regras que nos foram ensinadas durante a vida. Cada indivíduo domina as suas atitudes e escolhas tendo como base um todo social, ou seja, o indivíduo é parte de um todo:

> Não há dúvida de que cada ser humano é criado por outros que existiam antes dele; sem dúvida, ele cresce e vive como parte de uma associação de pessoas, de um todo social – seja qual for. Mas isso não significa nem que o indivíduo seja menos importante do que a sociedade, nem que ele seja um "meio" e a sociedade, o "fim" (ELIAS, 1994, p. 19).

É certo afirmar que também guardamos sentimentos íntimos e, portanto, particulares, fatos que apenas nós vivenciamos, mesmo assim, essas lembranças individuais só existem a partir de uma memória coletiva. Os indivíduos carregam em sua memória recordações únicas de sentimentos ou acontecimentos que, muitas vezes, só eles vivenciaram, porém, essas lembranças são estimuladas por determinado grupo, seja a família, o trabalho, a escola , a igreja ou outro tipo de acontecimento coletivo, como shows de entretenimento e grandes eventos multimídia. A memória coletiva é a reminiscência de um grupo, cada indivíduo compartilha suas lembranças, "umas apoiadas nas outras".

Os indivíduos se identificam com acontecimentos relevantes para o seu grupo. Como defende Halbwachs, a memória individual se apoia na memória coletiva como forma de comprovar seus relatos:

> Se essas duas memórias se interpenetram com frequência, especialmente se a memória individual, para confirmar algumas de suas lembranças, para torná-la mais exatas, e até mesmo para preencher algumas de suas lacunas, pode se apoiar na memória coletiva, nela se deslocar e se confundir com ela em alguns momentos,

> nem por isso deixará de seguir seu próprio caminho, e toda essa contribuição de fora é assimilada e progressivamente incorporada à sua substância (HALBWACHS, 2003, p. 71).

As memórias individual e coletiva contribuem para a recuperação das memórias da cidade. Le Goff lembra que a memória em sociedades que não possuíam a escrita era conservada de geração para geração, através da oralidade. Os indivíduos armazenavam grande quantidade de informações no seu patrimônio genético, eram livres para criarem outras possibilidades, já que não sentiam a necessidade de decorar palavra por palavra. Como afirma Paul Ricoeur (2007), guardamos na memória apenas o que consideramos importante para nós. O que não consideramos relevante é "descartado", ou seja, nós esquecemos. Como afirma Ecléa Bosi, devemos observar os fatores que, por algum motivo, caíram no esquecimento, pois os acontecimentos omitidos ou esquecidos também contribuem para a construção dos fatos: "Esquecimento, omissões, os trechos desfiados de narrativa são exemplos significativos de como se deu a incidência do fato histórico no quotidiano das pessoas" (2003, p. 18).

As lembranças antes estavam apenas armazenadas na mente dos sujeitos de forma abstrata, com o surgimento da escrita, essas memórias passaram a ser registradas para que não houvesse o risco do esquecimento, como acontecia, naturalmente, nas sociedades sem escrita. Em sua obra, Le Goff cita o trecho de uma carta escrita por Guy, conde de Nevers, no qual afirma:

> O uso das letras foi descoberto e inventado para conservar a memória das coisas. Aquilo que queremos reter e aprender de cor fazemos redigir por escrito, a fim de que se possa reter perpetuamente na sua memória frágil e falível seja conservado por escrito e por meio de letras que duram sempre (*apud* LE GOFF, 2003, p. 445).

Sendo assim, a memória se tornou mais "palpável", uma vez que várias pessoas podem ter acesso a bibliotecas, jornais, revistas, etc. Com a revolução tecnológica ocorrida no século XX, é possível arquivar centenas de informações nos mais diversos registros. Para Halbwachs e Le Goff, o armazenamento das informações via escrita possibilita a comunicação através do tempo e do espaço, no entanto, memória e história estão intrinsecamente ligadas, pois enquanto existe, pelo menos oficialmente, uma única história, há muitas memórias diferentes. Assim como a história está preocupada em registrar acontecimentos que comprovem nossas origens, nossos antepassados, a memória coletiva se constitui como identidade de um grupo.

Para esses teóricos, a história se utiliza da memória, pois a escrita é uma forma de manter perpetuamente os fatos, de modo que a memória passa também a fazer parte do

registro histórico, portanto, da própria história. Porém, ambas possuem objetivos diferentes, a história permite observar com certa distância a estruturação social de uma determinada época, tentando chegar o mais perto possível da realidade. Na memória coletiva existem várias possibilidades de interpretação, pois cada indivíduo apresenta um ponto de vista diferente sobre a memória coletiva. Como salienta Halbwachs, a história constrói arquivos, documentos e todos os mecanismos que podem ser usados como fonte. Portanto, ela não comporta todo o passado, por certo que, além da história escrita, existe uma história viva que se renova e se transforma com o tempo.

1.2 História e literatura

No século XX, os pesquisadores sentem a necessidade de se voltarem para os relatos da vida cotidiana de pessoas comuns, não contemplando mais apenas heróis e datas marcantes. Com os relatos dos marginalizados, foi possível perceber uma realidade mais clara sobre a sociedade em que vivemos. A literatura utiliza uma linguagem que permite aos leitores terem tanto uma consciência dos acontecimentos ocorridos quanto dos episódios inventados, possibilitando uma experiência íntima com os personagens e causando certa identificação ou indignação. Já a história é a reconstrução do passado a partir da memória de personagens reais e fontes escritas.

Por muito tempo, a literatura erudita foi considerada primordial e praticamente exclusiva, abordando apenas temas relacionados à cultura elitista. A arte literária era vista, principalmente, como forma de entretenimento, “literatura por literatura”. Para Peter Burke (1992), em “Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro”, tanto a literatura quanto a história tiveram que buscar na “história-vista-de-baixo”, novas opiniões e experiências para se compreender o passado. A história deixa de abordar temas globais e passa a pesquisar particularidades, e, com os novos estudos literários, o papel do escritor não era apenas escrever esteticamente suas histórias, ele passou a ter o compromisso de emocionar, causar angústia, alertar e, principalmente, retratar de forma implícita ou explícita os fatores políticos, econômicos e culturais da sociedade. Escritores se debruçam em temas nunca explorados antes, a história das minorias, a miséria, as mulheres, os negros, etc.

Para Sandra Jatahy Pesavento (2006), na literatura encontramos vestígios de um passado que não presenciamos, daí a importância da imaginação. É um discurso ficcional que fornece explicações de acontecimentos históricos, sentimentos e a convivência entre as diversas culturas e classes. A literatura extrapola os limites da história, se utiliza da memória,

do imaginário para representar uma realidade passada e, dessa forma, atingir o público leitor. Seus personagens não existiram de fato como ocorre em fontes históricas, mas representam possíveis individualidades presentes na época descrita.

Muitos teóricos, a exemplo de Peter Burke, Roger Chartier, Sandra Jatahy Pesavento, Antonio Candido e outros, tratam a literatura como uma maneira de apresentar a realidade em forma de ficção, oferecendo aos leitores diversas capacidades de perceber o mundo. E, dessa estratégia, escritores utilizam fatos históricos para escreverem a sua obra, bem como se utilizam da história para criar personagens com enredos surpreendentes e fantásticos. Além disso, a ficção também denuncia aspectos culturais, e é possível, por exemplo, através dela, desmascararmos a corrupção e outras mazelas, e discutirmos os problemas culturais e econômicos da sociedade.

A literatura proporciona a libertação, desmascara a hipocrisia dos poderosos, e mostra aos leitores os direitos e deveres de uma nação. Ela deve ser vista como um processo de humanização que permite aceitar e respeitar outras culturas. Para tal efetivação, é necessário divulgação, condições básicas para aquisição de livros e acesso aos cinemas, eventos de arte, dança, teatro etc. Permitir novos conhecimentos sobre a arte possibilita ao indivíduo novas expectativas de vida, e novos olhares sobre a "verdade" cambiante.

É importante destacar que com os novos temas abordados pelos estudos literários, com tantos detalhes, acontecimentos brutais, heróis que representam a realidade de um passado, por mais que traga fatos que provavelmente aconteceram na nossa sociedade, nunca deixará de ser uma "representação". Para Roger Chartier, em "Poderes e limites da representação", a representação é uma ideia a respeito da memória dos objetos ausentes. Muitos filmes e livros são inspirados em fatos reais de uma determinada época ou pessoa, mas nunca será a vida ou história tal qual como aconteceu, existe uma subjetividade em volta de quem vai recontar essa história, o que ela pretende destacar e o que pretende esconder. Como afirma Chartier:

> Representação: imagem que remete à ideia e à memória os objetos ausentes, e que os pinta tais como são. Neste primeiro sentido, a representação mostra o "objeto ausente" (coisa, conceito, ou pessoa), substituindo-o por uma "imagem" capaz de representá-lo adequadamente. Representar é, pois fazer conhecer as coisas mediatamente "pela pintura de um objeto", "pelas palavras e pelos gestos", "por algumas figuras, por algumas marcas" – como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias. Representar, no sentido jurídico e político, é também "manter o lugar de alguém, ter em mãos sua autoridade" (CHARTIER, 2002, p. 165).

Todo processo de estruturação pelo qual a literatura atravessou no século XVIII nos faz refletir sobre a sua significância, a expressão através da escrita que possibilita aos leitores um imaginário (um olhar amplo diante do real e do não real). Sandra Jatahy Pesavento, em

História e literatura: uma velha-nova história, aponta o imaginário como um desencadeador de ideias, sentimentos e manifestações através da escrita, da imagem, da oralidade e da música: "o imaginário é sempre um sistema de representação sobre o mundo, que se coloca no lugar da realidade, sem com ela se confundir, mas tendo nela o seu referente" (PESAVENTO, 2006, p. 13). É graças ao imaginário que é possível pensar no novo, observar nossas experiências e identificar as lacunas de nossa existência, criando, assim, outras possibilidades.

A história busca em documentos comprovar os fatos e a partir daí construir um discurso do que poderia ter acontecido, tornando-se narrativa dos fatos verídicos. A literatura, como já mencionada, usa o real como referência, porém, ela não tenta ser real, excede todos os limites da história, tornando-se uma representação, o imaginário, o que poderia ter sido e não foi. A história, para muitos intelectuais, não é a pura verdade, mas sim, a tentativa de se alcançar a veracidade. Elabora versões do que poderia ter acontecido, atingindo, então, a verossimilhança. É evidente para muitos estudiosos que os escritores buscam informações em fontes históricas, assim como a história investiga obras literárias como fonte de pesquisa. Para Pesavento, História e Literatura são narrativas que tentam explicar um passado:

> Assim, literatura e história são narrativas que tem o real como referente, para confirmá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão, ou ainda para utrapassá-lo. Como narrativas, são representações que se referem à vida e que a explicam. Mas, dito isto, que aparece aproximar os discursos, onde está a diferença? Quem trabalha com história cultural sabe que uma das heresias atribuídas a esta abordagem é a de afirmar que a literatura é igual à história (PESAVENTO, 2006, p. 15).

Apesar de distintas as finalidades da literatura e da história, ambas questionam, investigam e elegem determinado recorte temporal e/ou espacial. Porém, a realidade é descrita de ângulos diferentes. Segundo Peter Burke, a história tradicional se baseava em documentos, narrativas da elite, guerras e movimentos políticos. Com os novos paradigmas, a história passou a abranger acontecimentos da vida popular, passou-se a dar maior importância para o cotidiano de pessoas comuns, e as histórias dos subalternos passam a ser registradas: "Os historiadores da cultura popular tentam reconstituir as suposições cotidianas, comuns, tendo como base os registros do que foram acontecimentos extraordinários nas vidas dos acusados: interrogatórios e julgamentos" (BURKE, 1992, p. 25). A história tem como princípio organizar uma realidade através dos dados fornecidos pelo passado. Tanto a história quanto a literatura selecionam determinados fatos e os reelaboram através da escrita, acrescentando ou eliminando dados (sobretudo a literatura) de forma a oferecer um relato convincente aos leitores.

Ria Lemaire (2000) aponta para a relação entre literatura e história em que ambas caminham juntas, apesar de apresentarem abordagens diferentes. De acordo com a teórica, a história deve ser concisa e comprovada, seus personagens de alguma forma existiram em tempos passados. Já a literatura cria personagens para retratar certo momento da história de forma privilegiada, multiplica as possibilidades de leitura, causando impacto com seus detalhes presentes no enredo:

> História e literatura reconfiguram um passado. Trata-se, no caso da história, de uma reconfiguração "autorizada", circunscrita pelos dados fornecidos pelo passado (as fontes), pela preocupação da investigação sobre documentos, pelos critérios e exigências científicas do método. A literatura, ao contrário, permite que o imaginário levante vôo mais livre e amplamente, que ele fuja, numa certa medida, aos condicionamentos impostos pela exigência da verificação pelas fontes (LEMAIRE, 2000, p. 11).

Essa evidente diferença entre ambas faz com que uma complete a outra. O que a história carrega como representação da verdade, tendo limites e cumprimentos de critérios, a literatura transforma em uma narrativa ficcional, não tem limites nem pretende ser encarada como real.

Vale ressaltar que uma obra literária não deve ser vista apenas como uma estrutura esteticamente criada para emocionar e fazer seus leitores entrar em um mundo imaginário, ela apresenta pistas que outras fontes não fornecem. Antes de qualquer coisa, é necessário investigar os aspectos históricos, políticos e sociais a que a obra está vinculada. Na literatura, assim como na história, pode-se encontrar, por meio da ficção, marcas sociais de um povo, registros do ambiente físico, religião, política e muitos outros assuntos que merecem ser destacados pelo autor. O papel do pesquisador de literatura está ligado a questões históricas, ou seja, buscar fontes literárias e não literárias para se fazer uma análise sistemática do ambiente social em que os textos circulam.

O trabalho do literato se distingue com o do historiador: investigar, rastrear, recortar e anotar, principalmente, fatos que muitas vezes não foram percebidos pelo historiador. A literatura é especialmente a impressão da vida, nos faz perceber a causa e a solução de muitos problemas. É a manifestação cultural de todos os homens e de todos os tempos. A história a utiliza como mecanismo de instrução, como fonte que aborda temas sociais que rodeiam o nosso dia a dia, pois ela possibilita um equilíbrio entre dados históricos e dados ficcionais.

1.3 **Literatura regional**

Os escritores regionalistas têm por objetivo enfatizar as produções do local, da comunidade/coletivo, como forma de identificação do "nosso", apontando traços marcantes da "história local", características distintivas de costumes, linguagem, folclore, manifestações culturais, etc. A literatura regional é uma forma de se distinguir do outro, mostrando as suas próprias características, ou seja, é a partir da diferenciação do outro que encontramos a nossa identidade, a nossa própria cultura que, entretanto, sempre estará ligada com outras culturas e sujeitas constantemente ao processo de mudanças e transformações.

Com as novas críticas que se fundamentaram diante das temáticas literárias no século XIX, vários pesquisadores passaram a discutir sobre a importância das produções das margens. Atualmente, os grandes centros de poder passaram a ser maciçamente "invadidos" por movimentos migratórios, ou seja, povos de várias regiões em busca de sobrevivência. No entanto, não existem culturas homogêneas e povos de identidade imutáveis, como afirmavam os imperialistas. Com o fim da colonização, vários outros centros surgiram, ou seja, não é possível considerar apenas um centro como dominante e composto por identidades "puras". Valorizar e considerar as manifestações das minorias é uma forma de compreender melhor esse mundo híbrido em que vivemos.

Nas primeiras décadas do século XX, com o Modernismo brasileiro, passou-se a apresentar maiores preocupações em representar as nossas propostas de arte. Segundo Thomas Bonnici, em "Teoria e crítica pós-colonialista", mesmo com a mescla de estilos, temas e preocupações em retratar o social, as manifestações literárias ainda estavam presas às influências europeias:

> Em geral, todavia, fortes laços ainda amarravam as literaturas americanas aos modelos europeus. Praticamente até meados do século XX, no contexto dos países novos fabricados pelo colonialismo, não existia uma literatura nacional na África e na Ásia, e a literatura produzida nesses continentes seguia padrões eurocêntricos, já que foi escrita por viajantes, missionários, mulheres de administradores coloniais e soldados intimamente ligados à metrópole colonizadora (BONNICI, 2006, p. 261).

As histórias locais produzem conhecimento a partir de seu ambiente, retrata o homem, a linguagem, a paisagem e as riquezas culturais de uma região. Com o movimento Realista (segunda metade do século XIX), que pressupõe a busca da perfeição formal, a objetividade e verossimilhança, passou-se a valorizar e tomar conhecimento da cultura regional como produtora de conhecimento e a reafirmação de suas origens. Os escritores regionais

expressam a partir de seu *locus* de enunciação as experiências e as precariedades que envolvem o coletivo. A arte regional representa, de acordo com Hugo Achugar, em *Planetas sem boca*, apenas interesses locais e não possui valor universal:

> O sujeito social pensa, ou produz conhecimento, a partir de sua "história local", ou seja, a partir do modo que "lê" ou "vive" a "história local", em virtude de suas obsessões e do horizonte ideológico em que está situado. A história local, a partir da qual o presente trabalho está escrito, tem a ver com interesses locais concretos, os quais não têm valor universal, e ambos não podem ser propostos como válidos para toda a América Latina e, talvez, menos ainda, para esse conjunto que alguns chamam de "as Américas" (ACHUGAR, 2006, p. 29).

Ao apresentar como objeto de pesquisa colunas do jornal *O Progresso*, cujo objetivo é analisar as construções da identidade de Dourados nas décadas retratadas, percebe-se que, na maioria das vezes, a importância dessa pesquisa está apenas para os próprios moradores da região e pesquisadores que se interessam pelo assunto, não possuindo significância, ou seja, o que se produz aqui só possui valor para o local.

Desde a época das colônias temos a imagem dos colonizadores como opressores que se classificaram como poderosos, usaram do discurso e da brutalidade como forma de oprimir e reafirmar a sabedoria suprema, por muitos anos se autointitularam como modelo de civilização, educação e cultura a ser seguido pelos colonizados (subalternos). De acordo com Thomas Bonnici, subalterno significa pessoas/objetos compostos por colonizados, trabalhadores rurais, operários, negros e qualquer classe ou etnia diferente da elite espanhola, portuguesa ou inglesa. Como afirma Bonnici, "o saber, portanto, é produzido pelo poder", os discursos da hegemonia são o que controlam a nossa forma de pensar e agir dentro da sociedade. Para o teórico, a hegemonia é o domínio de um estado sobre o outro, denomina seus interesses como comuns a todos ou outros.

O subalterno apenas articula o balbucio[2], pois este teve a sua cultura decepada e não produz argumento ou qualquer forma de expressão sobre as suas origens, pois o acesso ao poder lhe foi vedado. Para Achugar, o sujeito marginalizado e periférico é uma minoria subjulgada e subvertida. Portanto, é necessário compreender o lugar a partir de onde se fala, de onde se constrói as experiências. As representações literárias locais não são apenas a busca da identidade cultural de determinada sociedade, mas também uma forma de estar envolvido

---

[2] Segundo Gayatri Spivak, o subalterno não pode falar, "pois se falar já não o é. O subalterno é falado pelos outros" (*apud* ACHUGAR, 2006, p. 20). Portanto, para Achugar, o balbucio é uma forma de diferenciação diante dos "centros culturais", o balbucio é necessário como forma de reivindicar sua posição e sua alteridade.

com as questões de poder que, reivindica incessantemente o seu reconhecimento global e a legitimação como cânone.

A literatura e as primeiras atividades culturais ocasionadas na região sul de Mato Grosso foram construídas a partir da aglomeração de diferentes povos que migravam para o Estado, juntamente com as etnias paraguaia e indígena que já habitavam nas terras. O historiador José Couto Vieira Pontes escreveu uma obra após quatro anos da divisão do Estado de Mato Grosso: em *História da Literatura Sul-Mato-Grossense* (1981), relata os primeiros indícios de manifestações culturais e cita escritores regionais que marcaram a história da literatura sul-mato-grossense. Na época existia uma grande preocupação em classificar uma identidade cultural própria da região, cujo principal interesse era distinguir geograficamente e culturalmente os estados de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. Pontes ressalta que a exaustiva vida no campo não deixava espaço para as atividades culturais:

> Assim, numa sociedade de homens afeitos às duras e arriscadas lides no campo, sujeitos aos constantes assédios dos índios e aos ataques dos bandoleiros, dificilmente se desenvolveria, naqueles rudes tempos, alguma atividade cultural (PONTES, 1981, p. 21).

De acordo com Pontes, no início do século XIX, ainda não existia um nome ligado à literatura. Acredita-se que, apesar da falta de registros literários, é evidente que os nativos da região já apresentavam alguns tipos de expressões marcantes, próprias de sua cultura, tais como: contos, danças, rituais e qualquer outra atividade artística. Porém, procurava-se na época uma “civilização”, ou seja, os índios e/ou paraguaios eram vistos como selvagens, no entanto, não serviam como parâmetros culturais da região. Deste modo, todas as riquezas naturais de arte e modos de sobrevivência “selvagem”, como diziam os colonizadores, ficaram à margem da sociedade. Para Bonnici, os imperialistas criaram grandes centros de dominação e a suas periferias dominadas por um sistema de supervisão e outremização:

> O colonialismo, portanto, gira em torno de um pressuposto no qual o poderoso *centro* cria a sua periferia. Embora o binômio centro/margem seja uma noção binária, ela define o que ocorreu na representação dos indivíduos durante o período colonial. O mundo foi dividido em duas partes, hierarquicamente constituídas, e o centro se consolidava apenas através da existência do *outro* colonizado. Segue-se que o centro, a civilização, a ciência, o progresso existiam porque havia todo um discurso sobre a colônia, a selvageria, a ignorância, o atraso cultural (BONNICI, 2009, 264).

De acordo com os objetivos específicos propostos no presente trabalho, inicialmente há que se observar a inserção dos escritores locais, as representações subjetivas, a construção de uma identidade através de discursos colonizadores.

Pode-se perceber, em diversas colunas do jornal *O Progresso,* um espaço reservado para os escritores da região, dentre os principais, merecem ser destacados: Armando da Silva Carmello, José Pereira Lins e Weimar Gonçalves Torres. Vale ressaltar que esses eram considerados escritores regionais e profissionais que representavam a camada elitista do período exposto. São personalidades diaspóricos que, como os demais moradores douradenses, migraram para a pequena cidade em busca de realizações profissionais e, de certa forma, contribuíram com a construção histórica e cultural da cidade. Semanalmente retratavam assuntos de aspecto político, cultural, econômico e outros assuntos de interesses locais que serão analisados nos capítulos seguintes.

Os escritores escrevem a partir de interesses não apenas do coletivo, mas também por interesses políticos e pessoais. Estes retratavam a luta pelo progresso e "civilização[3]" da cidade, expunham de forma poética as riquezas naturais da região, denunciavam as mudanças que deveriam ser feitas em prol dos moradores urbanos e rurais. O professor José Pereira Lins, por exemplo, utilizava de seu espaço nas colunas do jornal para relatar e incentivar a leitura e a importância de valorizar as várias formas da expressão cultural.

Segundo Antonio Candido (1967), em "O direito à Literatura", o ato de escrever está relacionado não apenas em descrever um personagem com problemas sociais, mas em como as experiências sofridas irão influir na vida do leitor, e se tal fato não se referir aos acontecimentos da época e se identificar com o leitor, o trabalho será perdido. Para melhor refletir sobre a atuação da literatura e o seu espaço merecido na sociedade, o teórico aponta consideráveis contribuições que ela exerce no meio em que circula, dependendo do conceito de cultura de cada grupo. A literatura permite conceitos vinculados com a história, ou seja, muitos dos símbolos utilizados nas narrativas ficcionais estão diretamente ligadas com a imagem que se tem do passado, ajudando a compreender o presente de uma determinada comunidade. Pode-se dizer que a literatura possibilita o reconhecimento de algo herdado, nos fornece informações de diversas épocas, tornando-se possível uma análise do presente e ajuda a pressupor um futuro.

---

[3] Para muitos teóricos, dentre eles Thomas Bonnici e Silviano Santiago, a civilização é uma estratégia de apagar comportamentos e manifestações culturais consideradas "primitivas e selvagens", perpetuando as ideologias e paradigmas do poder elitista.

A pesquisa de dissertação de Mestrado em História, intitulada *A construção da identidade douradense: (1920 a 1990),* desenvolvida na Universidade Federal da Grande Dourados pelo professor Mercolis Alexandre Ernandes, aponta para os vários registros acerca do perfil dos moradores que saíram de suas regiões em busca de novas oportunidades. De acordo com os dados de Ernandes, mais da metade dos moradores eram analfabetos, pois os imigrantes não possuíam lugar fixo de moradia e, por isso, não frequentavam escolas:

> A civilização está estreitamente ligada à civilização sonhada. A não-alfabetização da população, segundo o entrevistado, devia-se ao fato de que, talvez, mais da metade dos 80% dos analfabetos era composta por "imigrantes nômades", isto é, que já passaram por vários Estados, sem fixar-se em nenhum. O analfabetismo seria, portanto, uma consequência da migração constante em busca de melhores condições de vida (ERNANDES, 2009, p. 46).

Diante dessa informação, cria-se certa inquietação em relação aos escritos que aqui serão analisados, para quem se destinavam as denuncias, as exaltações das belezas regionais, o incentivo às leituras e todas as outras marcas literárias fixadas semanalmente nas colunas do jornal? Pensando na realidade daquela época, foram em vão esses registros? A primeira vista, o que se pode com certeza afirmar é que os escritores demonstravam certa preocupação com o quadro cultural e intelectual da cidade. Muitas medidas políticas estavam empenhadas apenas em transformar Dourados em uma cidade produtora e civilizada, esquecendo-se que uma das formas de realizar tal progresso seria por meio da educação e valorização da identidade.

Ainda de acordo com Ernandes, a identidade douradense foi marcada por meio de símbolos: os heróis, as datas que rememoram as eventuais vitórias e conquistas, a história das miscigenações e choques culturais que ocorreram em grande escala. Provavelmente, uma das intenções dos escritores apontados, seja a necessidade da construção de uma identidade douradense, por isso pretendiam registrar momentos únicos, fatos que contribuíram para o crescimento econômico e cultural da cidade.

Como aborda Achugar, em relação aos cânones literários dos grandes centros, o que os escritores literários douradenses produziram nessa época foi apenas um balbucio, uma necessidade de ser ouvido e ser reconhecido. O professor e comparatista Paulo Sérgio Nolasco dos Santos defende em suas obras a importância de valorizar o regional, nossos artistas plásticos, escritores, músicos e outros produtores de cultura. Buscando informações em fontes primárias, como: documentações, diários, memórias, autobiografias, rascunhos de textos, enfim, tudo que possa contribuir para a construção da nossa identidade cultural. No prefácio da obra de Santos "Literatura, arte, e cultura na Fronteira Sul-mato-grossense", de autoria de Mário Cezar Silva Leite, este ressalva a necessidade da existência de trabalhos e

pesquisas sobre a nossa região, valorizando os artistas fronteiriços e do “interior”, levando em consideração os cânones, centro e periferia:

> Muito inicialmente ainda e *grosso modo*, o chamado artista local necessariamente não precisa ter, ao produzir, qualquer preocupação com as discussões “regional-nacioanal-etc.” Entretanto, ao produzir criando elementos (textuais, visuais, etc) que se fixam ou fixarão como elaborada representação de um imaginário e memória coletivos de pertencimento e localização comunitários – criar símbolos que reelaborarão, reforçarão e ampliarão uma tradição local – estabelece a “diferença”, a distinção, a particularização do local e, se for uma boa obra de arte, de sua obra (*apud* SANTOS, 2008, p. 8).

O escritor regionalista se coloca no interior de uma comunidade, estabelecendo um diálogo que se identifica com as vivências da sociedade em sua volta. O escritor douradense Carlos Magno Mieres Amarilha, em um dos seus artigos intitulado “30 anos de Mato Grosso do Sul: memórias, histórias e umas pendengas”, defende que a memória coletiva é um meio de reaver a identidade de um povo, através da memória é possível perceber vozes que foram silenciadas pelo poder, e é através dela que se procura conhecer o passado para se fazer o presente. Até mesmo a memória é constituída de poder, pois contamos as nossas vivências a partir de interesses políticos.

Por meio da literatura regional podem ser encontradas marcas sociais de um povo em determinado momento da história, registros do ambiente físico, religião, política e muitos outros assuntos que merecem ser destacados pelo autor.

CAPÍTULO 2 – IDENTIDADE DOURADENSE: ASPECTOS HISTÓRICOS, CULTURAIS E ECONÔMICOS

A identidade cultural de um povo é construída a partir da interação social, das trocas de experiências e, principalmente, dos processos migratórios que exigem estratégias de adaptação e sobrevivência. De acordo com Pierre Bourdieu (2003), em *O poder simbólico*, são atribuídos determinados valores para os elementos sociais que representam a realidade histórica de uma comunidade. Os poderes simbólicos são visualizados e adquiridos pelos membros da comunidade. As manifestações típicas de um grupo caracterizam e diferenciam uma comunidade da outra. Os personagens históricos, os monumentos, os costumes e hábitos são fatores estipulados e visualizados pela coletividade como forma de identificação, ou seja, uma identidade. Para se compreender as mudanças sociais e culturais que ocorreram na região é preciso conhecer o início de tudo, a história, as raízes e a memória coletiva.

Antes de qualquer coisa, deve-se ressaltar que não existe uma história verdadeiramente única e uniforme sobre a formação populacional e geográfica da região sul-mato-grossense, ela é confusa e as informações são divergentes entre os próprios historiadores. Para uma melhor compreensão sobre os recortes literários das colunas do jornal *O Progresso*, se fez necessário investigar algumas abordagens gerais sobre o início da organização social, o povoamento e os aspectos culturais que contribuíram para a formação histórica da cidade.

Primeiramente, examinaremos com atenção a formação histórica de Dourados, a construção da nossa identidade e as diversas culturas que contribuíram para sua formação. É preciso frisar que só é possível chegar a uma análise positiva se compreendermos as produções literárias somadas aos fatores políticos, econômicos e sociais que englobavam os acontecimentos da época. E com os dados coletados nas colunas do jornal, levantaremos hipóteses sobre os registros e uma interpretação que demonstre a variedade cultural dos primeiros moradores da cidade.

Também consideramos de grande importância contextualizar os aspectos históricos do jornal no Brasil e o início da editoração de *O Progresso* na cidade de Dourados. Com os interesses políticos e a necessidade da expansão da informação, o meio jornalístico impresso, no início do século XX, tornou-se uma atividade essencial para a sociedade. Para Marcelo Cancio (2005), o jornalismo permite ao indivíduo a capacidade de desenvolver o senso crítico: “As ações jornalísticas, além de serem processos que possibilitam a transmissão de informações periódicas essenciais para o ser humano, estão relacionadas diretamente com os conceitos, anseios, interesses e valores da sociedade” (CANCIO, 2005, p. 25). A

periodicidade do jornal torna-o companheiro diário dos leitores, que procuram em suas páginas entretenimento e informações coerentes com os fatos reais, porém, deve-se ter em mente que a editoração possui interesses ideológicos, pois a ação jornalística também é um tipo de discurso que envolve, entre outros fatores, interesses comerciais.

2.1 Formação histórica de Dourados

De acordo com dados levantados por diversos pesquisadores, tais como Telma Valle de Loro, Áurea Rita de Ávila Lima Ferreira, Lori Alice Gressler, Mercolis Alexandre Ernandes, dentre outros, os primeiros moradores que constituíram a cidade de Dourados foram as comunidades indígenas Caiuá, Guaraní e Terena.

O professor e jornalista José Barbosa Rodrigues, em *História de Mato Grosso do Sul* (1985), destaca a cultura Guaraní, dentre as tribos indígenas, a mais influente na região, pois habitavam em uma grande extensão da América do Sul. A dedicação à pesca, lavoura, caça, extração de frutos silvestres e habilidades na confecção de vasilhames domésticos e pinturas, surtiram, inevitavelmente, um forte influxo na cultura sul-mato-grossense. Muitas outras tribos habitaram o território que hoje é denominado como Mato Grosso do Sul, porém, em menor número e com a invasão dos colonizadores europeus foram totalmente extintos.

Rodrigues (1978) torna visível e distinto, em sua obra *Isto é Mato Grosso do Sul: nasce um estado*, os primeiros passos que acarretaram a divisão do Estado de Mato Grosso, que ocorreu oficialmente em 11 de outubro de 1977. O surgimento de um novo Estado que, oficialmente, foi criado no final do século XX, mas que teve a sua origem logo após a descoberta do Brasil, pois em 1524 o português Aleixo Garcia foi o primeiro homem branco a caminhar pelo território. A região apresentava, como menciona o jornalista, um viveiro de índios:

> Antes do ciclo das “bandeiras”, que saindo na sua maioria de Piratininga, geralmente chefiadas por portugueses e integradas pelos bravos mamelucos descendentes de reinóis e mulheres ameríndias, a região compreendida pelo Estado de Mato Grosso do Sul constituía, principalmente nas zonas pantaneiras e às margens dos rios Paraguai e Paraná, verdadeiro viveiro de índios, pois elevavam-se a várias centenas de milheiros os componentes das diversas nações de silvícolas (RODRIGUES, 1978, p. 21).

Com o desbravamento das terras e o poder exercido pelos espanhóis, jesuítas e posteriormente os bandeirantes, as centenas de tribos indígenas passaram a ser exploradas nas plantações de cana-de-açúcar e na extração da erva mate. Em 1915, através do Decreto nº 401,

o Presidente do Estado de Mato Grosso reserva um lote de terras de 3.600 hectares para a colônia indígena de Dourados. A divisão não ocorreu de forma amigável, pois os nativos foram limitados em suas próprias terras, criando-se, assim, as aldeias que ainda hoje se encontram em alguns pontos do município e região. De acordo com Rodrigues: "Foi graças a esses denodados exploradores – bandeirantes e monçoeiros – que o território do atual Estado de Mato Grosso do Sul foi sendo desbravado" (RODRIGUES, 1978, p. 25). Os ameríndios eram considerados selvagens, logo foram privados de suas terras para que a "civilização" e o "progresso" ocorressem de forma "positiva".

A ambição dos paraguaios em relação às ricas terras brasileiras ocasionou a "Guerra da Tríplice Aliança" (conhecida como "Guerra do Paraguai"), movida pelo ditador Solano López, que se estendeu de dezembro de 1864 a março de 1870. A história da guerra é complexa e envolve diversos fatores econômicos, culturais e territoriais, no entanto, não cabe no presente trabalho apresentar tais detalhes, mas observar de que forma os conflitos influenciaram na constituição populacional do Estado de Mato Grosso. E não devemos deixar de salientar a representação histórica do Tenente Antônio João Ribeiro que, ao emitir uma mensagem ao Comandante Dias Silva, em Nioaque, sobre a invasão dos soldados paraguaios pouco antes de morrer em combate, consagrou-se como personagem heroico. Monumentos foram construídos em sua homenagem como, por exemplo, a lápide com a mensagem enviada ao Comandante: "Sei que morro, mas o meu sangue e de meus companheiros, servirão de protesto solene contra a invasão do solo da minha pátria" (CARMELLO, 1978, p. 9).

Deve-se destacar que a colônia paraguaia também contribuiu em muitos aspectos para a formação cultural e identitária do povo douradense. Após o massacre e as sucessivas epidemias e fome no final do século XIX, muitos grupos paraguaios fugiram da situação lastimável em que se encontrava o seu país. Como retrata Paulo Sérgio Nolasco dos Santos em *Entretextos*: *crítica comparada em literatura de fronteiras* (2012), a partir da convivência e o grande número de povos paraguaios que habitavam o estado, pode-se observar nas produções simbólicas do local a predominância de várias características da cultura paraguaia, como: a polca paraguaia, o chamamé, o tereré, o chimarrão, a sopa paraguaia, a literatura, o artesanato, as crendices, entre muitos outros elementos culturais:

> Uma faceta singular da vida e dos costumes dessa região fronteiriça com o Paraguai permite ser verificada já a partir das próprias produções simbólicas: artes plásticas, língua/literatura, música, costumes/regionalismo, culinária, crendices/lendas, manifestações religiosas e folclóricas, etc. Significativo fato histórico-cultural da região diz respeito aos intercâmbios feitos, no início do século passado, entre os povos desta região fronteiriça, pois as viagens, o acesso e intercâmbio comercial

> eram mais efetivados com o Paraguai e não com o Leste ou centros brasileiros da época, aspecto conformador de um particular isolamento e de um destino marcado pelo cultivo e extração da erva-mate e por uma cultura e práticas sociais voltadas à criação das próprias produções simbólicas como a "guarânia", música que bem retrata a identidade e alma do povo da região, compartilhador de hábitos e causos nascedouros à sombra da erva-mate e da degustação do "tereré", bebida típica da região (SANTOS, 2012, p. 103).

Populações dos diversos cantos do Brasil e exterior começaram a migrar para a região no início do século XIX, com o intuito de possuir terras e melhores condições de vida. Em *Dourados e a democratização da terra: povoamento e colonização da Colônia Agrícola Municipal de Dourados (1946-1956),* a historiadora e professora Maria Aparecida Ferreira Carli faz um levantamento dos relevantes aspectos que contribuíram para o processo de colonização e povoamento, as ocupações das terras consideradas devolutas e a concentração fundiária da Colônia Agrícola Municipal de Dourados[4]. Como bem retrata a pesquisadora, as posses de terras eram feitas simplesmente pela "ocupação", no entanto, não havia nenhuma lei que controlasse tais posses até 1850, quando foi criada a Lei nº 501, intitulada "Lei de Terras", em que o único meio de adquirir as terras era por meio da compra.

A Companhia Mate Laranjeira teve importante participação na expansão populacional do Estado de Mato Grosso. A empresa foi dirigida por Thomaz Laranjeira, que descobriu extensos ervais nativos na região. Futuramente, na área ocupada pela Companhia Mate Laranjeira, seria criada a Colônia Agrícola Municipal de Dourados (CMD). Como afirma Carli, a empresa liderou o plantio, a colheita e a exportação da erva-mate no século XX, com o trabalho braçal executado, sobretudo, por indígenas e paraguaios:

> Em 1902 a Mate Laranjeira foi assumida pela Sociedade Comercial Francisco Mendes Gonçalves & Companhia, com sede em Buenos Aires. A prática extrativista da Mate Laranjeira no sul de Mato Grosso conservou-se por um longo período. A empresa atuava tanto no território paraguaio quanto no brasileiro, e em ambos exercia seu domínio (CARLI, 2008, p. 48).

Com os projetos de implantação de colônias, Getúlio Vargas, no início de 1938, promove a *Marcha para o Oeste* com a pretensão de povoar e desmatar as grandes áreas do antigo Mato Grosso. Com tais objetivos políticos de colonização, nacionalização de fronteiras e desenvolvimento econômico do oeste brasileiro, criou-se em 1943 a Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND), implantada oficialmente em 1948, correspondendo às

---

[4] "O fato de ter um grande percentual de suas terras devolutas, propícias à agricultura, e agregando também outras necessidades da época, é que levou os governos a desenvolverem projetos de colonização no sentido de povoar a região. Deve-se considerar também a sua capacidade de absorção de migrantes na agricultura, e mesmo a retenção destes, desde o início dos processos de colonização promovidos pelos governos federal, estadual e municipal" (CARLI, 2008, p.69).

cidades, vilas e distritos do atual Mato Grosso do Sul. Com a política do Estado Novo e com um grande percentual de terras na região sul de Mato Grosso, um grande número de migrantes paulistas, nordestinos, gaúchos e dentre outros povos começaram a se instalar na região.

> Os migrantes que aqui chegaram eram de diferentes regiões do país, entre ela a corrente migratória nordestina, que foi empurrada pela concentração crescente da posse da terra no Nordeste e puxada pela industrialização mais intensa do Sudeste. A vertente migratória que veio em direção ao centro-oeste foi atraída pelos imensos espaços "vazios" para expandir a fronteira agrícola, motivados pelos sonhos de terem seu pedaço de terra (CARLI, 2008, p. 65).

A cidade de Dourados passou a receber um considerável fluxo de contingentes mineiros, gaúchos, paulistas e até mesmo imigrantes japoneses e libaneses. A professora e pesquisadora Edna Mitsue Inagaki, em *Imigração japonesa para o Brasil*: *os japoneses em Dourados (século XIX e XX)*, faz uma contextualização histórica da trajetória dos japoneses que tiveram que procurar abrigo em outros países. Com a intensa crise financeira em que se encontrava o Japão após a Segunda Guerra Mundial, a população teve que abandonar o seu país em busca de sobrevivência. Migraram, principalmente, para o Estado de São Paulo para trabalhar nas fazendas cafeeiras, não se adaptaram ao trabalho e a exploração exercida pelos fazendeiros. No entanto, passaram a migrar para o sul de Mato Grosso engajados na construção da Estrada de Ferro conhecida como Noroeste do Brasil.

Os japoneses se destacaram no campo, o que favoreceu mudanças na paisagem rural e na alimentação dos douradenses: "O hábito dos moradores locais de se alimentarem de abóbora e mandioca com um pedaço de carne, também foi sendo modificado com a introdução das verduras e legumes [...]" (INAGAKI, 2008, p. 88). As imigrações e migrações dos diferentes povos foram favoráveis ao gradual e progressivo crescimento geográfico e econômico da região, porém, o aglomerado de diversidades ocasionou muitos conflitos de comunicação, choques de culturas e disputa territorial.

Foram várias as situações sociais que propiciaram a diáspora entre o século XIX e XX, principalmente em direção ao Brasil. Como indica Roney Salina de Souza, em *A viagem*: *imigrantes sírios e libaneses em Dourados*, a maioria das famílias agricultoras da Síria e Líbano chegaram ao Brasil em busca de terras e trabalho, pois as sucessivas guerras, a falta de terra para o plantio causou a miséria de muitas famílias:

> A América atraía o imigrante porque tinha uma relação de terra-trabalho diferente de outros continentes. Na Europa, por exemplo, a terra estava cara e a mão-de-obra, barata. Aqui na América, a terra era farta a mão-de-obra, escassa, logo cara. A

> possibilidade de se conseguir uma propriedade rural em curto prazo chamava a atenção de trabalhadores pobres e sem terra (SOUZA, 2008, p. 26).

As propagandas que se faziam sobre um Estado promissor também chamaram a atenção dos trabalhadores. Os periódicos que circulavam na região, tais como *O Progresso*, *Folha do Povo* e *O Douradense* desempenhavam importante papel na construção de representações simbólicas da região, revelando a necessidade de trabalhadores e certa exaltação em relação aos benefícios que a terra oferecia.

> As atividades humanas despontam variadamente. A lavoura e a criação crescem progressivamente, endossando, desde já, um futuro certo de muita prosperidade. Patrícios e estrangeiros se apressam na instalação de novas e modernas fazendas, adquirindo se outras propriedades. É o capital que aporta, trazendo em sua companhia um sem número de mistéres outros, capazes todos de produzir riquezas (*O Progresso*, 3 de abril de 1951)[5].

Vários colonos devem ser destacados pelo seu empenho e realizações na região, vale mencionar o paranaense Marcelino Pires que, em 1903, instala-se e toma posse de terras conhecidas, na época, como fazenda Alvorada. Marcelino Pires lutou e reivindicou incessantemente junto ao governador da época pela criação de patrimônios, uma delas foi a Vila das Três Padroeiras, porém, encontrou diversas dificuldades pelo caminho, pois as terras pertenciam à Companhia Mate Laranjeira. O pioneiro[6] Januário Pereira de Araújo também contribuiu para a formação histórica da cidade, construiu uma casa que seria a primeira edificação da atual Avenida Marcelino Pires. A falta de pavimentação e estradas que facilitassem o acesso à região dificultou por muitos anos o aumento da população. Em 1907 foi aberta a estrada do Porto Quinze, o que possibilitou a vinda de várias famílias para o distrito.

Na obra *Memória fotográfica de Dourados*, de Regina Heloiza Targa Moreira, percebe-se através das imagens fotográficas acompanhadas de legendas, a organização e a estrutura do meio urbano e rural da cidade no início do século XX. A historiadora recupera a memória histórica de Dourados através de uma sequência de fotografias, dentre elas encontramos a

---

[5] Optamos em transcrever os fragmentos do jornal *O Progresso* exatamente como se encontram em suas páginas, respeitando as normas ortográficas da época.

[6] Ao retratar os "pioneiros" da cidade de Dourados, referimo-nos aqueles que estiveram empenhados em desbravar as extensas matas, enfrentando todos os tipos de obstáculos presentes numa região de selvas. De acordo com o Minidicionário de Soares Amora (2009), "pioneiro" é: 1) explorador de sertões; 2) pessoa que abre caminho; precursor. Não se deve esquecer que os indígenas foram os primeiros habitantes desta região, portanto, os colonos não foram exatamente os precursores (no sentido de primeiros habitantes), exceto no sentido de exploradores das matas brutas com objetivos de colonizar e progredir na região.

imagem de vários pioneiros em suas residências, como: Marcelino Pires e sua família, Joaquim Teixeira Alves, Francisco de Mattos Pereira e sua família, Januário Pereira de Araújo e sua família, Liberato Leite de Faria (Laquicho) e esposa Amélia Freitas de faria, dentre outros importantes moradores que contribuíram para a história do patrimônio de Dourados. Contudo, como destaca Moreira na introdução do trabalho, as fotografias representam apenas uma parte da população douradense, ao que tudo indica, a periferia da região era esquecida de tais eventos:

> A partir do material conseguido, pode-se notar que apenas uma parte da população tinha acesso à fotografia, sendo atingida pela câmera do fotógrafo que selecionava o tema das fotografias. Da mesma forma, notou-se também que apenas uma parte da cidade era objeto de interesse do fotógrafo. Isto tudo dificultou a reconstituição do universo urbano, já que, no momento em que se procurou a periferia da cidade a mesma não foi encontrada nas fotografias. O mesmo ocorreu quando se procurou o trabalhador, o homem simples, que apareceu em poucas fotografias. No espaço dedicado ao índio, tem-se as fotografias da Missão Caiuá e uma vazio, que chega mesmo a demonstrar como é que a presença do índio não civilizado ou não catequizado incomoda ou desperta simples curiosidade (MOREIRA, 1990, p. 6).

As várias outras informações que merecem ser destacadas da obra acima serão analisadas, juntamente com as colunas literárias do jornal *O Progresso*, no capítulo seguinte. Com o crescimento econômico e populacional gradativo, Dourados se emancipa oficialmente de Ponta Porã em 1935, e, de acordo com o primeiro censo Municipal de Dourados, em 1940, a cidade totalizava 14.985 habitantes, sendo que 13.164 eram moradores da zona rural. Para Ernandes, vários fatores contribuíram para o progresso da cidade, pois logo após a emancipação, o governador federal procurou urbanizar a região, incentivou a criação de casas comerciais e a construção de pontes e estradas para facilitar a locomoção.

Porém, como bem devemos lembrar, no Brasil, em geral, as conquistas e progressos foram obtidos de forma bastante lenta, principalmente, na educação. É evidente que com o grande número de migrantes, que não possuíam um ponto fixo de moradia, tinham preocupações primeiramente com o sustento de suas famílias, tornando-se a educação um privilégio apenas para uma minoria. Como aponta Ernandes, em 1948 o município possuía apenas dezessete escolas, sendo que “treze estavam em funcionamento com 917 alunos matriculados, e as outras quatro haviam registrado mais de 200 alunos interessados, mas não puderam funcionar por falta de estrutura e verbas” (ERNANDES, 2009, p. 45).

Com as habilidades e técnicas dos colonos, na década de 1960, a agricultura tomava novos rumos, os gaúchos elevaram a área plantada de 3.500 para 134 mil hectares. A

produção de carne bovina e grãos tomaram tal expansão que passaram a atender à demanda do mercado internacional.

Como afirmam Loro e Ferreira, a formação cultural de Dourados se deu, primeiramente, pela diversidade cultural paraguaia e indígena e, posteriormente a cultura gaúcha, nordestina, japonesa, libanesa etc, que persistem até o presente momento como as mais influentes em nossos costumes, na alimentação e nas vestimentas:

> Pela própria formação da cidade, é de se esperar a absorção, pela cultura nascente, de elementos culturais diversos, exercendo maior influência a cultura gaúcha e a paraguaia, influência esta bastante representativa na maneira de trajar e alimentar. O uso de bombachas era uma constante, inclusive para mulheres, que as usavam sob as saias. O uso da calça comprida feminina chegava a escandalizar a população da época. Comia-se, então, churrasco, sopa paraguaia, chipa, locro (canjica cozida com carne gorda e osso). Tomava-se chimarrão e tereré, com variações (LORO e FERREIRA, 1985, p. 17).

Ainda de acordo com as pesquisadoras Loro e Ferreira, os meios de comunicação na década de 1922 eram precários, pois as notícias chegavam apenas através de viajantes ou por um único rádio que pertencia ao Sr. João Rosa Góes. A situação da comunicação só começou a melhorar com a instalação do jornal *O Progresso* em 1951, da Rádio Clube de Dourados em 1954 e da TV Morena no final da década de 1960.

2.2 Histórico do jornal no Brasil[7]

O processo mecânico móvel de impressão surgiu a partir da invenção do gráfico alemão Johannes Gutenberg no século XV e, rapidamente ganhou força e desenvolveu mecanismos para a impressão em massa de jornais, revistas e livros no século XVIII. Os jornais apresentavam, aproximadamente, quatro páginas justamente para proporcionar uma leitura rápida e atender as necessidades das várias classes de leitores.

Atualmente podemos encontrar em qualquer hora ou lugar, uma edição de jornal, seja ela impressa ou via *internet*. Nela consta diversas notícias sobre a cidade ou outro país, críticas sobre política, economia ou educação. Porém, para alcançar o *status* de fonte de divulgação permanente de notícias, a história da imprensa revela que a sua trajetória atravessou vários obstáculos no Brasil colonial.

---

[7] Este subitem tem por finalidade apresentar um breve histórico da implantação do jornal no Brasil somente para contextualizar o assunto que se lerá em seguida, ou seja, para entendermos melhor como se deu o processo de desenvolvimento do jornal na cidade de Dourados a partir de elementos históricos determinantes de seu início em nível nacional.

A imprensa, assim como todos os outros setores, teve um nascimento tardio no Brasil, fato que se soma a percalços ao longo dos séculos XVIII e XIX. Assim, as primeiras edições dos jornais tiveram que contar com gráficas precárias, analfabetismo da população, ausência de livrarias e pontos de vendas. Ao analisar a história da imprensa e/ou do jornal é possível observar que as atividades jornalísticas acompanharam e, de certa forma, superaram as dificuldades e todas as mudanças políticas e econômicas que ocorreram no país nos período de regimes de exceção, em particular as fases mais repressivas da Era Vargas (1937-1945) e dos Governos Militares (1964-1985).

Os redatores ou gazeteiros (como eram chamados os jornalistas no século XVIII), não eram livres para expressarem e noticiarem sobre os acontecimentos políticos. Como relata Ana Luiza Martins e Tânia Regina de Luca (2011), os impressos da época eram classificados como periódico, gazeta ou folha, além de não possuir características de meio jornalístico, sendo denominados como revistas doutrinárias. Os letrados e seus textos eram vigiados e controlados pelo Desembargo do Paço[8], no entanto, deveriam obedecer a certas posturas morais, sendo assim, se voltavam mais para a publicidade.

É sabido que, por muitos séculos, a coroa portuguesa controlou a leitura e a produção de determinados livros. O Brasil entrou no século XIX sem tipografias, sem jornais e sem universidades, ou seja, não havia condições mínimas para a formação crítica de um público leitor. Os intelectuais Nelson Werneck Sodré, em *História da imprensa no Brasil* (1977), e Márcia Abreu, em *Os caminhos dos livros* (2003), apontam para conclusões óbvias de que não existiam leitores no Brasil colonial. E não é de se admirar que muitas decisões fossem tomadas contra a manifestação e propagação do conhecimento nesta jovem nação, pois não era conveniente para Portugal que houvesse "civilização" no Brasil, mantendo-os na ignorância seria mais fácil manipular e manter o domínio. Como relata Márcia Abreu:

> Com uma concentração urbana e um número de estabelecimentos de ensino muito menores que os ingleses, e com um conjunto de escravos que podia chegar a 2/3 da população total, não se pode esperar pela existência de muito mais do que 500 leitores na cidade. Como termo de comparação, veja-se que apenas 445 pessoas nascidas no Rio de Janeiro formaram-se em Coimbra ao longo do século XVIII (ABREU, 2003, p. 39).

[8] O Desembargo do Paço foi criado no século XIX no reinado de D. João II. Como destaca Márcia Abreu, as obras que revelassem qualquer desacato às autoridades, religião, costumes ou qualquer outro tipo de censura as obra eram suspensas até se fazer as devidas correções: "Nem só de proibições e perseguições vivia a Mesa do Desembargo do Paço. Ocupava-se também da liberação de obras remetidas para o Brasil vindas do exterior e da fiscalização do trânsito de impressos entre os portos brasileiros" (ABREU, 2003, p. 59).

O pequeno número de leitores está relacionado não apenas ao controle, mas também à aquisição das obras, em que apenas os que tinham poder aquisitivo podiam comprar. As obras demoravam meses para chegar à cidade, isso quando não se perdiam em meio a outras mercadorias transportadas no navio, ou eram devoradas por traças e ratos. Essas informações nos remetem à situação atual de leitura, pois ainda se sofre com o controle e a acessibilidade aos livros, sendo que o número de leitores continua proporcionalmente bem inferior ao número de habitantes, e o acesso é facilitado, muitas vezes, apenas para a elite.

Com a transferência da coroa portuguesa no início do século XIX para o Rio de Janeiro, o quadro cultural, educacional e econômico do Brasil passou a tomar novos rumos. Para caminhar a favor da civilização e em busca de melhores condições de vida para os diversos moradores que imigravam para o Rio de Janeiro, a corte providenciou construções de bibliotecas, teatros e redações de jornal. Com as novas possibilidades de divulgação e consolidação da leitura, teve um aumento significativo na circulação de livros e nos títulos disponíveis: "A transferência da Família Real para o Brasil teve forte impacto no cenário cultural e, por conseguinte, na circulação de livros, fazendo aumentar significativamente, como se viu, número de títulos de belas-letras disponíveis" (ABREU, 2003, p. 40).

O Brasil, enquanto colônia, não possuía nenhum meio de comunicação, até então proibido oficialmente, contudo, a vinda de D. João mudou essa realidade. A imprensa no Brasil só começa a ter resultados com o funcionamento permanente da *Gazeta do Rio de Janeiro*, de 10 de dezembro de 1808 a 1822, cujo fundador foi o Frei Tibúrcio José da Rocha. Segundo Sodré, o jornal circulava com a proteção oficial e relatava apenas fatos ocorridos na Europa.

> Por meio dela só se informava ao público, com toda a fidelidade, do estado de saúde de todos os príncipes da Europa e, de quando em quando, as suas páginas eram ilustradas com alguns documentos de ofício, notícias dos dias natalícios, odes e panegíricos da família reinante. Não se manchavam essas páginas com as efervescências da democracia, nem com a exposição de agravos. A julgar-se do Brasil pelo seu único periódico, devia ser considerado um paraíso terrestre, onde nunca se tinha expressado um só queixume (SODRÉ, 1977, p. 23).

Outro fator marcante para a história da imprensa brasileira é a primeira edição livre de censura, do jornal *Correio Braziliense,* fundado por Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, em 1º de junho de 1808. Os textos eram todos impressos em Londres, porém retratavam sobre os assuntos do Brasil. O jornal circulava clandestinamente no Brasil e em Portugal. O conteúdo noticioso, sob inspiração iluminista, era baseado nos acontecimentos das Américas e da Europa. Vale ressaltar que neste período a manutenção do jornal dependia

apenas da renda das assinaturas, “embora seu proprietário fosse empreendedor de largas relações, procurando arrecadar fundos necessários para seu negócio, é sabido que o número de assinaturas que amealhou, num total de seiscentas, não justifica economicamente o empreendimento” (MARTINS, 2001, 49).

No século XX, como relatam Martins e Luca, os periódicos custavam, de acordo com o número de páginas, cerca de 40 a 80 réis o exemplar (em moeda corrente na época), tornando-se mais acessíveis que os livros, desse modo, as edições também apresentavam longos trechos de obras literárias e faziam divulgações dos livros antes de suas publicações, tornando-se um espaço disputado, principalmente, para a divulgação da literatura romântica que reunia nomes consagrados da época. De acordo com Martins, a circulação dos impressos tornava-se mais intensa e interessante para seus leitores:

> Importa considerar que a existência do periodismo ancorava-se em agremiações e/ou grupos que se queriam colocar, valendo-se do aperfeiçoamento do papel e de suportes técnicos que uma imprensa secular vinha permitindo operacionalizar, conjuntura favorecida, especialmente, pelo evoluir dos meios de transporte. Jornais, e em seguida revistas, tornaram-se instrumentos correntes de informação, consignando-se aos primeiros as notícias de teor político e de divulgação imediata e às revistas temas variados, de informação mais elaborada, anunciando as ultimas descobertas sobre as matérias abordadas (MARTINS, 2001, p. 39).

Vários fatores contribuíram para o desenvolvimento dos jornais. Com a entrada das ferrovias e das telecomunicações em 1850 intensificou-se na segunda metade do século XIX a distribuição dos impressos. Também se passou a valorizar a opinião pública na esfera política, as ideias e críticas ultrapassavam os limites do julgamento privado. Porém, essa liberdade não obteve grandes expansões, ainda seguiam uma linha sinuosa. Apesar da repressão que prosseguia com a República Velha, a imprensa desenvolveu novos mecanismos para chamar a atenção dos leitores. Focou-se em assuntos relacionados com a industrialização, os operários e a imigração, que registrou um considerável aumento no início do século XX.

O colunista Ricardo Noblat, em *A arte de fazer um jornal diário*, afirma que o jornal não deve ser visto apenas como um meio lucrativo e, muito menos, as edições devem ser pensadas e impressas com a finalidade de vender ideias de um determinado partido. O jornal tem o compromisso de informar imparcialmente todos os fatos que interessam à comunidade, lembrando que a sua sobrevivência e sucesso depende da confiança pública: “Um jornal é ou deveria ser um espelho da consciência crítica de uma comunidade em determinado espaço de tempo” (NOBLAT, 2007, p. 21).

Mesmo com os sucessivos avanços tecnológicos, o surgimento de novas mídias, tais como o rádio, a TV por assinatura e a *internet*, os jornais brasileiros souberam se adaptar a esse novo cenário, buscando constantemente novas eficiências técnicas como, por exemplo, o jornal *online*.

2.3 Jornal *O Progresso* e suas significativas manifestações culturais

A cidade de Dourados contou com seu primeiro meio de comunicação impresso em 1948, *O Douradense*, jornal fundado por Armando da Silva Carmello. Era impresso em Campo Grande e circulou efetivamente em Dourados até 1951: "O jornal noticiava os acontecimentos da cidade e informava a população da política nacional, sendo por vezes, transcritas reportagens de *O Progressista,* o jornal que circulava em Campo Grande" (ERNANDES, 2009, p. 43).

Em 1951, Weimar Gonçalves Torres trouxe para a cidade de Dourados a primeira gráfica e o segundo jornal de circulação, *O Progresso*, mantendo-se até os dias de hoje um importante veículo de comunicação. O jornal iniciou sua trajetória em 1920, na cidade de Ponta Porã, e pertencia ao advogado José dos Passos Rangel Torres, mas com as inúmeras responsabilidades como advogado, jornalista e promotor de justiça, Rangel Torres suspende as publicações. Weimar Torres transferiu a tipografia de Ponta Porã para Dourados em 1951 e, desde então, prossegue com os objetivos do seu pai de contribuir de alguma maneira com o progresso da sociedade de Mato Grosso do Sul e, consequentemente, ganhou *status* como um dos primeiros e importantes empreendedores da cidade. As primeiras edições foram impressas letra por letra pela tipografia, evoluindo para o sistema linotipo, em que cada letra tem que ser escolhida e montada uma a uma. O papel impresso demorava em torno de três dias para ficar pronto e iniciar a sua circulação.

Dentre os primeiros anos de publicação, pôde-se averiguar uma significativa "coletânea" de textos literários e informações sobre o crescimento econômico e cultural da cidade. Torres faleceu em 14 de setembro de 1969, em um acidente aéreo quando retornava de Brasília. Atualmente, o jornal é comandado pela viúva do escritor, Adiles do Amaral, e suas filhas June Ângela do Amaral Torres e Blanche Maria Torres.

Diante das colunas do jornal *O Progresso* pôde-se perceber o grande incentivo pela leitura dos cânones, sempre abordando colunas sobre poemas, trovas, versos e outros gêneros abordados por diversos escritores da região. Não tivemos informações consistentes sobre quem lia os jornais, mas diante da pesquisa realizada sobre a população da época na obra de

Lori Alice Gressler, *Aspectos históricos do povoamento e da colonização do estado de Mato Grosso do Sul* (1988), pudemos constatar que a maioria era trabalhador rural, ou seja, tinha pouco acesso à leitura e os habitantes não passavam de 14.985. Mesmo assim, Weimar Torres investiu em uma tipografia, acreditando na capacidade do crescimento econômico e cultural dessa cidade, como ele mesmo declara na coluna "Nossas Diretrizes":

> Sai hoje à público, este primeiro jornal impresso em terra douradense. Como criança, tímida, enfrentamos a opinião pública, e nos lançamos á aventura de dar a Dourados um jornal permanente, independente e capaz de servir a todos com igualdade e lealdade [...]. Pensamentos que ocorrerá destas colunas, sincero e puro, nobre e transparente, para levar a todos que as lerem, a todas as camadas sociais, a ricos e pobres, a nossa idéia, nossas opiniões e a opinião do povo que é antes de ninguém aquele que mais merece e, mais precisa (*O Progresso*, 21 de abril de 1951).

Nas décadas analisadas é possível observar uma variedade de colunas com registros de manifestações culturais, tais como: poemas de escritores desconhecidos, crônicas, divulgação cultural e de eventos nas escolas, propagandas políticas e informações sobre a construção das primeiras bibliotecas, cinemas e lojas. Nos poemas dos escritores que aqui residiam, podemos constatar que mesmo eles não sendo naturais dessa região, exaltavam as belezas da cidade. Assim, de certa maneira, *O Progresso* também contribuiu para a instalação de povos de diversas regiões, e foi o veículo de comunicação mais utilizado para fazer propaganda de uma terra produtiva, e que precisava de ajuda para o cultivo e realizar o tão sonhado "progresso".

Fernanda Chaves de Andrade (2009), em seu artigo "Os discursos sobre o progresso: a imprensa de Dourados e região no início da década de 50 do século XX", comenta sobre as construções e representações sociais nas quais os jornais da região exerceram grandes influências no século XX. Para ela, o "progresso" é uma ideologia do jornal *O Progresso*, o próprio nome da editoração já demonstra tal pretensão. As colunas ressaltam, incessantemente, propagandas "exageradas" sobre a região, promovendo uma imagem de um local acolhedor e com terras férteis para o plantio. Na coluna literária "Dourados – Ilha abençoada", o poeta Francisco Alpi descreve Dourados como uma ilha "imune as tempestades" e acolhedora de todos os povos que nela desejam morar: "Dourados é uma ilha / Dentro de um mar de matas imensas, / sulcadas de rios e riachos. / Lá no meio está a ilha – Dourados! / Eldorado novo e colossal, / novo garimpo e quantos garimpeiros, / desejosos de riquezas, / sedentos de fartura vegetal" (*O Progresso*, 20 de dezembro de 1953).

Tendo em vista que a cidade necessitava de trabalhadores braçais para o desenvolvimento econômico e geográfico e, com base nos objetivos varguistas de integrar a

região Centro Oeste à economia nacional, o jornal desempenhou o papel de promover ideias e atrair o maior número de migrantes para a região.

Como consta no trabalho realizado pelas professoras Telma Valle de Louro e Áurea Rita de Ávila Lima Ferreira, em *Manifestações literárias em Dourados* (1985), o jornal se constitui como um importante veículo que colaborou para o amadurecimento literário em Dourados. Era divulgador de inúmeros registros literários que, em sua maioria, nunca foram reunidas em livro. Segundo as pesquisadoras, as colunas abordavam temas como política, questões amorosas e sentimentos ufanistas:

> Nas três primeiras décadas, com raras exceções, as produções literárias eram, em sua maioria, manifestações ingênuas e sentimentais. Surgiram profundamente por ocasião de datas comemorativas, caracterizavam-se pela feição laudatória (que se apresentavam sob as mais diferentes formas: crônicas, trovas, poemas) e se inseriam numa temática pouco variada, restrita a: a) motivo político; b) questões amorosas; c) sentimentos ufanistas (FERREIRA; LOURO, 1985, p. 33).

Como objeto de estudo, o jornal *O Progresso*, além de ser um importante meio de divulgação de Dourados e região, tornou-se para a realização deste trabalho uma rica fonte de pesquisa, pois recuperamos e registramos textos inéditos de escritores regionais, além de contribuir para a construção da identidade e da história de um povo. Dados que foram coletados nas encadernações do jornal, fornecem várias informações sobre o desenvolvimento financeiro, cultural e intelectual da cidade.

Com a instalação do jornal *O Progresso*, em 1951, a cidade de Dourados passa a ter um importante meio de comunicação dos acontecimentos culturais, políticos e econômicos que ocorriam na época. É através das colunas do jornal que podemos observar com mais clareza o caminho para o progresso, por meio de descrições de casas, ruas e lojas, bem como das diversas críticas sobre as necessárias melhorias no meio urbano e na educação e, principalmente, pelas primeiras manifestações culturais e literárias da cidade.

Nas pesquisas realizadas na própria editoração do jornal, percebe-se de que maneira foram armazenadas suas primeiras edições, desde quando ainda eram impressas em Ponta Porã, na década de 1920. As edições foram encadernadas na sequência de datas e anos das publicações, dessa forma, podemos observar as gradativas mudanças que foram ocorrendo durante os anos que se passavam. Os primeiros exemplares disponibilizam mais espaço para a literatura, propaganda política e notícias gerais sobre as novas construções de patrimônios.

Através das edições também foi possível observar os problemas enfrentados pelo próprio jornal. Em uma das colunas, intitulada “Douradenses confiamos na tua ajuda”,

Weimar Torres faz um apelo aos comerciantes e pessoas mais ricas da cidade, pois a editoração sobrevive apenas com os anúncios e, ao que tudo indica, o jornal estava passando por dificuldades financeiras: "Por isso, apelamos para o comercio e para os bons douradenses, no sentido de obtermos anuncios e assinaturas afim de que possamos ter um jornal cada vez melhor, para melhor servir a este grande povo e a esta grande terra" (*O Progresso*, 06 de janeiro de 1952).

Dentre as décadas de 1950 a 1980, encontram-se no jornal diversos textos literários, como crônicas, contos e poemas que manifestam, de um modo geral, as belezas naturais da região, acontecimentos do cotidiano, a história dos migrantes e assuntos políticos. Esses registros só foram possíveis através de uma significativa sucessão de escritores regionais que contribuíram não apenas para a solidificação literária da cidade, mas também colaboraram na construção da história de Dourados, registrando importantes fatos que comprovam as nossas heranças, as conquistas, dificuldades e avanços de uma comunidade em formação.

A partir da década de 1980, ocorre uma diminuição no volume de publicação das colunas literárias, dando-se mais ênfase às notícias policiais, já que houve um aumento expressivo da população, fato que, consequentemente, elevou o índice de criminalidade.

Diversos escritores tiveram participação permanente nas colunas do jornal, dentre os quais se destacam: Weimar Torres, José Pereira Lins e Armando da Silva Carmello. Também encontramos significativas publicações do poeta Altair da Costa Dantas, que escreveu diversas crônicas retratando os acontecimentos do dia a dia; Issac Duarte de Barros Junior, que contribuiu na década de 1970 com diversos poemas; a escritora Mercedes Amiky também obteve um espaço para as suas publicações em 1958, conforme comprova o fragmento: "Trazendo nas veias o dom poético, Mercedes brinca com os versos e com muita facilidade os transporta para a ponta da caneta que os fixa no papel [...]" (*O Progresso*, 27 de abril de 1958). João Augusto Capilé Junior, que assinava como Jota Junior, escrevia na década de 1950 a coluna intitulada *Aquarela da vida.* Como político e escritor, Jota Junior, em muitas de suas colunas, denuncia as mazelas do governo, e em outras rememora a nossa história registrando as primeiras manifestações culturais de Dourados, os bailes, o povoado e lugares onde ocorreram importantes festas (ver Anexo I).

A partir da atuação do jornal *O Progresso,* houve um grande interesse por parte dos jovens em criar os grêmios e jornais estudantis. Na década de 1960, surgiu uma coluna destinada aos estudantes, a *Coluna estudantil*, que retratava os acontecimentos que beneficiavam os estudantes e a divulgação de informações diversas sobre a criação de escolas, bibliotecas e universidades.

O jornal, além de ser um veículo de comunicação presente na comunidade douradense até os dias de hoje, em forma impressa ou *on-line*, conserva uma ampla bibliografia de escritores que residiram na cidade ou escritores de outras localidades, que enviavam seus textos com a finalidade de serem divulgados no jornal. Diversas poesias e crônicas de escritores desconhecidos e outros reconhecidos, possuem apenas publicações nas colunas do jornal, não possuindo impressão em livro, como algumas das produções do próprio Weimar Torres e Armando Carmello. De acordo com Loro e Ferreira, o jornal foi um dos mecanismos fundamentais no processo de desenvolvimento cultural e na criação de uma literatura local.

Mesmo sendo consideradas relevantes para os estudos sobre a cidade, as colunas literárias se encontram acessíveis, até o momento, apenas na editoração do jornal. Toda a literatura publicada nas colunas não se encontra arquivada em bibliotecas ou academias. As encadernações se encontram em estado de decomposição pelas condições de armazenamento e pelo tempo. Porém, a diretora geral, Adiles do Amaral, disponibilizou as encadernações para a UFGD, que propôs uma futura digitalização das edições, dessa forma tornando todo o material acessível para novas pesquisas e consultas.

2.4 Jornalismo literário: a crônica

Com a invenção da imprensa por Gutenberg em 1456, além de folhetos, jornais e revistas, também se criou a edição de livros. Contudo, como relata José Domingos de Brito, em *Literatura e jornalismo*, os escritores publicavam suas obras, primeiramente, de forma parcial e sequenciada em periódicos (jornais ou revistas): “O jornal acabou por incorporar às suas folhas o suplemento literário, órgão de grande prestígio literário no meio intelectual do país” (BRITO, 2007, p. 13). A mescla entre o jornalismo e a literatura se obteve de forma harmoniosa, pois ambos possuem o compromisso de formar opiniões e desenvolver a comunicação humana e o processo social. O jornalismo está incumbido de oferecer informações diárias que reflitam o dia a dia das pessoas. A literatura transcreve as emoções e os fatos de forma descomprometida com a realidade.

Para se alcançar as várias camadas econômicas e ter um retorno positivo, os jornalistas passaram a utilizar uma linguagem coloquial tornando-se mais acessível aos leitores:

> Tal estratégia contagiou os próprios criadores de Literatura. Desse modo, o Jornalismo, de certa forma, dotou os escritores de uma linguagem mais ágil e comunicativa na poesia, na ficção e no ensaio [...]. Os folhetins passaram a ser a matriz dos principais romances que, testados para o grande público, na primeira versão jornalística, tomariam, a seguir, a feição do livro (BRITO, 2007, p. 12).

A crônica, como veremos, apresenta características específicas que as torna um gênero, preferivelmente, do jornalismo. De acordo com Afrânio Coutinho, em "Ensaio e crônica" (2004), a princípio, a crônica era denominada como "ensaio", gênero tradicional entre os ingleses, cujo conteúdo era documental, os escritores registravam os acontecimentos históricos e sociais de sua época como, por exemplo, a carta de Pero Vaz de Caminha, que é classificada como crônica por diversos teóricos, já que, com certa veracidade, o escrivão português contemplou e registrou cronologicamente os eventos ocorridos no dia a dia dos viajantes.

Para Daniel Piza, em *Jornalismo Cultural*, o jornalismo literário brasileiro teve como influência os romancistas ingleses dos séculos XVIII e XIX, dentre os quais o colunista cita: Daniel Defoe, Charles Dickens, Jack London e George Orwell. Ainda como salienta Piza, o Brasil respondeu de forma lenta a tal gênero:

> É também dos anos 40 uma das raras incursões do jornalismo brasileiro na reportagem literária. Na revista *Diretrizes*, dirigida por Samuel Wainer, Joel Silveira retratou o comportamento dos grã-finos paulistanos. A raridade desse gênero no Brasil se explica pela economia (revista com textos longos sempre foram vistas como comercialmente inviáveis), mas também pela cultura (o jornalismo cultural amadureceu tardiamente) (PIZA, 2004, p. 33).

Antes de ser denominada propriamente dita como crônica, era classificada como artigo de rodapé (folhetim) no século XIX, relatava sobre as questões cotidianas, de forma verossímil, ou seja, não possuía o compromisso de registrar a verdade, apenas apresentava os fatos de maneira simples e ágil. Vários escritores renomados, como Lima Barreto, Machado de Assis e Joaquim Manuel de Macedo, tiveram suas obras publicadas em folhetins e posteriormente editadas em livros.

De acordo com os resultados da pesquisa de Mestrado "A crônica e suas molduras, um estudo genológico", Caroline Valada Becker faz referências aos avanços e aos espaços ocupados pela crônica, tal gênero recria-se em um novo suporte, deixando de apresentar os aspectos documentais e passando a assumir uma escrita livre e jornalística: "Ela invadiu os jornais do século XIX e assumiu novas características, adquiridas na ação de escrever e publicar no espaço do folhetim. Ali, o gênero engendrou sua definição moderna: um escrito sucinto, de temática simples" (BECKER, 2013, p. 12). Ainda de acordo com a intelectual, os periódicos disponibilizam um espaço físico determinado e limitado para a publicação da crônica e, por sempre estar disponível no mesmo "espaço", o leitor consegue identificá-la facilmente.

O gênero em evidência exibe características livres de expressões, “tentativa leve e livre, informal, familiar, sem método nem conclusão” (COUTINHO, 2004, p. 120). Tais características ficaram conhecidas no Brasil como crônicas, da etimologia grega (Khronos = tempo), ou seja, o relato de acontecimentos em sua ordem temporal. Assim como os repórteres, os cronistas registram principalmente os fatos relacionados com os conflitos, acordos e desacordos de determinada comunidade, porém a crônica se distingue do texto informativo por apresentar elementos próprios do cronista, como: ficção, fantasia e criticismo. No Brasil, a crônica tornou-se mais evidente a partir do romantismo, tornando-se um gênero literário de grande importância para os jornais e livros literários. Como relata Coutinho:

> A crônica impõe-se, ainda que discretamente, pelo espírito de independência. E, encarada pelo cunho do individualismo que sempre a distinguiu, o pressuposto é de que o cronista aja sempre de maneira livre e desembaraçada. Não é raro o caso de, num jornal, o cronista revelar uma opinião em desacordo com a linha ortodoxa do mesmo órgão (COUTINHO, 2004, p. 135).

As crônicas podem ser classificadas como: crônica narrativa, crônica metafísica, crônica poema-em-prosa, crônica-comentário e crônica-informação. Mas, é claro, como defende o teórico acima citado, não existe uma separação concreta dos vários tipos de crônicas, já que os escritores trafegam por seus diversos tipos, e ela mesma apresenta uma natureza flexível e móvel. As crônicas de jornais, por exemplo, abordam assuntos políticos, econômicos e culturais da atualidade. Apresentando uma linguagem, muitas vezes, irônica para criticar ou satirizar determinados assuntos.

Em “A vida ao rés-do-chão” (1992), Antonio Candido discute sobre a concepção de crônica, a qual é considerada um gênero literário que utiliza uma linguagem acessível a todos. É uma escrita que demonstra sensibilidade aos acontecimentos do cotidiano:

> Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantástica, - sobretudo porque quase sempre utiliza o humor (CANDIDO, 1992, p. 14).

Uma das principais características da crônica é ser mais curta e narrada em primeira pessoa, justamente para ser veiculada no jornal. O cronista tem a intenção de “dialogar” com o leitor, apresentando o seu ponto de vista de determinado assunto. Ao desenvolver seu estilo e ao selecionar as palavras que utiliza em seu texto, o cronista está transmitindo aos receptores a sua visão de mundo. Retrata sobre os assuntos, muitas vezes, considerados banais

aos olhos dos grandes cientistas e intelectuais e transcreve as notícias utilizando uma linguagem poética. No entanto, estes aspectos da crônica possibilitaram a leitura e o interesse tanto da classe elitista quanto da classe popular. Para Brito, o meio jornalístico, assim como a literatura, possui possibilidades de produzir obras de arte:

> O homem tem sempre notícias a transmitir. De seus amigos, de seus lugares, de si mesmo. O importante, para o artista, é colocar, na aparente gratuidade dessas notícias, um sentimento capaz de permanência, uma mensagem que consiga atingir o ponto em que todos os homens se unem, a essência humana das pessoas, onde o tempo não tem presença (BRITO, 2007, p. 182).

Ao analisar as crônicas de Armando Carmello, percebe-se que o escritor tinha intenções de criticar e solicitar algumas mudanças no meio urbano, ou seja, as crônicas eram destinadas, em sua maioria, aos governantes da cidade em benefício dos moradores da zona urbana. O cronista Carmello se inspira nos acontecimentos diários da cidade. A partir dos fatos concretos, atribui certos elementos ficcionais, proporcionando uma leitura mais dinâmica e divertida em relação aos textos informativos. Apesar das crônicas apresentarem características ficcionais, isso não as descartam de serem analisadas com seriedade, pois através deste gênero textual foi possível perceber as primeiras manifestações culturais da região, os avanços e retrocessos de Dourados e, principalmente, observar as contribuições dos primeiros moradores no processo de desenvolvimento histórico da cidade de Dourados. E, além das diversas crônicas de Carmello, o jornal *O Progresso* também publicou várias seções de outros escritores sobre literatura, esporte e política.

CAPÍTULO 3: AS CONTRIBUIÇÕES LITERÁRIAS DOS ESCRITORES WEIMAR TORRES, JOSÉ PEREIRA LINS E ARMANDO DA SILVA CARMELLO

Através de algumas colunas selecionadas do jornal *O Progresso*, apontaremos no presente capítulo as principais marcas literárias de escritores locais que colaboraram para a construção da identidade e para a consolidação de práticas culturais na cidade de Dourados entre as décadas de 1950 e 1980. A escolha de tais décadas foi feita, principalmente, a partir dos conteúdos literários presentes nas encadernações, já que ao longo desses 30 anos apresenta-se um grande número de crônicas, poemas e textos em prosa publicados nas inúmeras edições do jornal.

A editoração teve fortes interesses políticos na época, porém, não deixou de ser um grande motivador de práticas culturais na cidade. O jornal armazenou vários textos literários e não literários sobre os avanços do município desde o início de sua instalação em Dourados, em 1951. Podemos averiguar que a imprensa, além de ser um meio de comunicação fundamental, que de fato cooperou para o progresso da cidade, é considerada uma riquíssima fonte de pesquisa por abordar os mais variados assuntos sobre a nossa região.

Os escritores que participaram mais efetivamente através de colunas literárias mensais ou semanais, dentre os quais destacaremos: o político e escritor Weimar Torres, proprietário do jornal e considerado um dos grandes pioneiros do incentivo para que aqui se desenvolvesse uma cidade promissora; o professor José Pereira Lins, além de pioneiro na fundação de escolas no município, escreveu diversas obras literárias, tanto ficcionais quanto críticas, e foi incentivador da expansão literária e cultural da cidade; e, por fim, o escritor e jornalista Armando da Silva Carmello, que produziu diversas obras sobre a formação histórica de Dourados e publicou várias crônicas nas colunas do jornal, nas quais retratou a história e os problemas sociais que afligiam a cidade.

3.1 Weimar Torres

3.1.1 Weimar Torres: político e proprietário do jornal *O Progresso*

> Colono,
> Se me pergunta,
> O porquê dessas matas estupendas
> Do esplendor dessa uberdade.
> Desse colosso de fertilidade
> Que em tantas terras outras não se vê [...]
> (TORRES, 2012, p. 102).

Weimar Gonçalves Torres nasceu em 1922, na cidade de Ponta Porã-MS (na época, MT). Filho de José dos Passos Rangel Torres e Dionísia Torres, formou-se em Ciências e Letras no Ginásio Municipal "Dom Bosco", em Campo Grande,e, em advocacia no ano de 1947, no Rio de Janeiro. O escritor se instalou em Dourados em 1948 e se tornou o primeiro advogado da cidade. Com o falecimento de seu pai, diretor e proprietário do jornal *O Progresso*, em Ponta Porã, Weimar transferiu a tipografia para Dourados em 1951, sendo o segundo meio jornalístico implantado na cidade. No mesmo ano casou-se com Adiles do Amaral, com quem teve duas filhas e um filho, falecido ainda criança. Quanto à carreira política, foi eleito várias vezes vereador, ocupou importantes cargos na comunidade douradense como, por exemplo, sendo um dos fundadores do Rotary Clube de Dourados,participante do Lions Clube, Promotor de Justiça e diretor da Rádio Clube de Dourados. Em 1966, conseguiu realizar sua aspiração máxima, elegendo-se Deputado Federal. O escritor e deputado foi vítima de um acidente aéreo em 1969, quando regressava para Brasília, onde residia na época com a família.

Nas pesquisas realizadas no Centro de Documentação Regional (CDR) da UFGD, foi possível escanear folhas avulsas emitidas pela Governadoria do Distrito L-12, nas quais foram datilografadas uma nota de falecimento do Deputado Federal Weimar Torres e, posteriormente, uma biografia como forma de homenagem póstuma. A nota de falecimento foi escrita pelo Secretário-Tesoureiro Theotônio Alves de Almeida, no dia 22 de setembro de 1969 (ver Anexo II). Vejamos um trecho:

> Cumprimos, hoje, o triste e inesperado dever de levar até aos companheiros, a notícia do desaparecimento do nosso companheiro e amigo o Dr. Weimar Gonçalves Torres, Deputado Federal, pelo estado de Mato Grosso, falecido na hecatombe aérea, do dia 14 de setembro de 1969, na cidade de Londrina, Estado do Paraná.

No dia 19 de setembro de 1969 já havia sido publicada uma nota de quatro laudas, contendo informações sobre a biografia do escritor, com o seguinte título: "Traços Biográficos do saudoso Deputado Federal, Cl. Dr. Weimar Gonçalves Torres", apresentando-se as conquistas da vida pessoal e profissional do poeta até o momento de sua morte. Torres ingressou no Partido Social Democrático em 1945, quando ainda era estudante, e prosseguiu lutando para alcançar sucesso na carreira política. Em 1950, elegeu-se Vereador à Câmara Municipal de Dourados e, em 1954, foi reeleito. Considerado líder da oposição, o político passou a residir em Cuiabá-MT com sua família. Organizou com alguns amigos o jornal "A Tribuna Liberal", que circulou semanalmente na capital do Mato Grosso até 1968.

A nota enfatiza que Weimar Torres se elegeu Deputado Federal em 1966, tendo participado de mudanças nos níveis federal e municipal e cumprido suas responsabilidades:

> Foi em 1966 que conseguiu realizar a aspiração máxima de sua vida pública, elegendo-se Deputado Federal. Pertencia a Comissão de Finanças da Câmara Federal, era um deputado assíduo e consciente de suas responsabilidades. Ali cumpriu sempre com o seu dever, colocando a consciência e a Pátria acima de tudo. Colocou grandes dotações nos orçamentos da República para a Casa da Criança Desamparada de Dourados, instituição idealizada por êlecomo membro do Lions Clube cujas obras estão já em grande fase de adiantamento, que Weimar desejava, ardentemente, ver funcionando, porque o problema da Assistência Social era a sua grande e diuturna preocupação (NOTA DE FALECIMENTO, 1969).

Weimar Torres constitui uma personalidade importante para a consolidação de práticas de leitura no município de Dourados, tanto pela editoração do jornal quanto por sua dedicação à literatura. Embora tenha falecido aos 46 anos, as suas produções poéticas (dois volumes datilografados e corrigidos à caneta) geraram a obra póstuma *Meus Versos*[9], e alguns textos publicados no jornal *O Progresso*, os quais permitem observar como seus anos de existência foram vividos com intensidade. Em seus registros, tem-se a imagem de um homem que foi político, empresário, leitor, escritor e incentivador de práticas de leitura.

O escritor tornou-se um homem de influência na região e seus "esboços poéticos", apesar de serem considerados "inocentes" pelo próprio escritor, são manifestações que exprimem seus sentimentos mais íntimos. E, como afirma Candido (1967), a literatura é coletiva a partir do momento em que transparece e dialoga através das imagens e palavras, sentimentos comuns a todos: "Toda obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confidência, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma 'expressão' " (CANDIDO, 1967, p. 139).

No prefácio da obra *Meus Versos* (2012), Elpídio Reis faz uma homenagem ao seu amigo de infância, ao escritor mato-grossense (hoje sul-mato-grossense) que se declara sentimental e de grande bagagem poética, porém, que não teve a oportunidade nem tempo de ver as suas criações impressas em livro:

> Weimar Torres, como poeta, era um sonhador que conversava com as estrêlas e, ao mesmo tempo, excelente intérprete dos anseios humanos. Sua poesia cresceu mais que sua pessoa, como homenagem; ganhou planícies verdejantes de nosso Estado [...]. Sua poesia nos deixa impregnados de uma doce saudade, fica soando e ressoando para sempre em nossos ouvidos, como uma lembrança imortal a convidar-

[9]Com a grande repercussão e procura pela obra póstuma, Adiles do Amaral, após 42 anos da primeira publicação, tomou a iniciativa de publicar a segunda edição em 2012. Para realizar as devidas análises e citações, optamos por consultar a segunda edição da obra.

> nos para jornadas poéticas de onde se divisam as mais belas paisagens do mundo, se ouvem as mais inesquecíveis melodias e de onde, sobretudo, se vê o universo multicor e sem pecados que os poetas gostariam que existisse (TORRES, 2012, p. 16).

De acordo com as observações e análises das encadernações do jornal nas décadas de 1950 a 1980, percebe-se um grande número de poemas, crônicas e outros textos em prosa escritos por Weimar Torres. Os poemas foram publicados, principalmente, na década de 1970, ou seja, após um ano da morte do escritor ainda selecionavam-se as suas produções para publicação. Na nota publicada em 29 de agosto de 1970 (ver Anexo III), o diretor anuncia a breve publicação de *Meus Versos*, e que todo o dinheiro arrecadado seria doado para a Casa da Criança Desamparada de Dourados, instituição que nasceu do espírito humanitário de Torres.

A maioria dos poemas publicados no jornal *O Progresso* data do período em que o escritor ainda estava no Rio de Janeiro cursando advocacia, como, por exemplo: "Sorriso" (1939); "A volta" (1940); "Sou estudante" (1941); "Angústia Universal" (1941); "Cromo" (1942); "Juventude" (1945); e "Palmeira" (1945), que foram publicados, em 1970, no jornal e, como vimos, no volume *Meus versos*. Muitas colunas, como "Mergulho no Encantamento"; "O remédio heroico"; "Ânimo"; e "Onze anos de lutas", dentre outras, sendo que a maioria não apresenta data de elaboração, foram transcritas de edições anteriores nos anos de 1970 e 1971.

Nas edições do jornal não encontramos apenas manifestações literárias do escritor, mas também vários comentários sobre a instalação do jornal e a pretensão de registrar com imparcialidade as lutas e os avanços que marcaram a transformação da pequena vila em uma progressiva cidade, "a princesa dos meus olhos", como dizia o político.

O primeiro volume do jornal *O Progresso* foi publicado no dia 21 de abril de 1951, e apresenta em letras maiúsculas o título, "VERTIGINOSA! A marcha de Dourados para o progresso" e logo abaixo uma legenda sobre a progressiva cidade:

> De uma terra inexpressiva e esquecida, passa Dourados a ser uma das regiões mais famosas da pátria, gente de toda parte se instala no município para explorar suas magníficas matas. Mais de 2.400 pessoas chegadas depois do recenseamento. Grandes vendas de terra, cinema, luz elétrica, linha de aviões diários, loteamento em massa, mais e mais casas de comércio, valorização acelerada dos imóveis, cafezais, produção imensa de algodão e cereais, instalação de grandes serrarias, um instantâneo poliformico de uma explendida realidade (*O Progresso*, 21 de abril de 1951).

É muito expressivo como era descrita a cidade, sempre apontando uma realidade positiva para os leitores. Portanto, ao fazer um intertexto com a obra da historiadora Moreira (1990), em *Memória fotográfica de Dourados*,em que temos a época registrada em forma de fotografias, na qual se pode perceber que, apesar de promissora, a cidade ainda apresentava muitas precariedades as quais o político pouco mencionava.

Como um dos primeiros veículos de comunicação, *O Progresso* aborda assuntos diretamente relacionados às questões sociais e econômicas de sua época. Obviamente, como proprietário e político, Torres e outras personalidades ligadas à vida pública procuravam promover notícias e propagandas que valorizassem a cidade e, deste modo, atrair cada vez mais populações de outras regiões.

Onze anos após a instalação do jornal, o proprietário publica uma nota relembrando a primeira manchete - "VERTIGINOSA! A marcha de Dourados para o progresso" – e o fato de que na época as tiragens apresentavam apenas seis páginas. Torres salienta que o crescimento e as melhorias da editoração só foram possíveis através das experiências e das dificuldades sofridas durante esses anos. A coluna foi transcrita novamente em 1970:

> Nosso pequeno jornal cresceu junto com a cidade. Aumentou duas vezes de formato e tem hoje oficinas próprias, em prédio próprio nas melhores instalações de um jornal em todo o Mato Grosso. Os colaboradores mudaram. Os assuntos são outros. Outras máquinas. Outra redação. Apenas, o diretor é o mesmo. Um pouco mais velho, é verdade. Um pouco mais rico. Um pouco mais triste. Mas, traz, ainda, no coração o ideal aceso pelo exemplo de um pai que amava a Liberdade, cultuava o direito e venerava a justiça (*O Progresso*, 24 de abril de 1970).

O escritor nunca deixou de salientar em suas colunas a memória de seu pai, já que este foi um grande incentivador da criação de um jornal que levasse aos leitores não apenas as notícias diárias, mas a oportunidade de entretenimento e o conhecimento de vários outros assuntos. Na coluna intitulada "Revivência" (ver Anexo IV), Torres faz uma breve homenagem ao seu pai Rangel Torres, que faleceu aos sessenta anos, e relembra os sonhos de um homem ambicioso e que tinha intenções de contribuir com a civilização de Ponta Porã, e de levar aos moradores informações diversas, principalmente, a história das lutas e conquistas que contribuíram para a fundação dessa cidade. Torres parecia se sentir honrado em dar continuidade aos objetivos de seu pai, só que agora na cidade de Dourados.

> É com a emoção dessas lembranças que hoje, em Dourados, lanço a público este jornal. Si esta terra, como aquela marcha agora, em passos largos para um futuro radiante, Deus permita que, neste milagre de revivência "O PROGRESSO" de Dourados possa cumprir o seu destino como o cumpriu em o "O PROGRESSO" de Ponta Porã (*O Progresso*, 21 de abril de 1951).

Diante das diversas colunas fica claro o imenso respeito e carinho que Torres demonstra pelo pai. No poema "Então, Meu pai, nunca mais! Então meu pai – até mais...", publicado no jornal em 1971 (ver Anexo IV), o poeta expressa sua dor e angústia ao saber que nunca mais veria seu pai novamente. Sempre se despedia dele sabendo que logo o encontraria, porém, da última vez foi diferente: "Eu me afastava tranquilo, / Tão certo como ninguém / De que lá quando regressasse / Tu lá estarias também. / Dessa vez foi diferente / Nem me quizestes sorrir! / Fechaste os olhos cansados / Para não mais os abrir..." (O Progresso, 21 abril de 1971). O que mais intriga nesse poema é a data de sua publicação, 1971. O que pressupomos é que o diretor do jornal escolheu as próprias palavras do escritor para expressar o sofrimento da família e dos amigos que o perderam de forma tão trágica.

3.1.2 As produções poéticas de Weimar Torres

A escrita, como defende Jacques Le Goff (2003), permite ao sujeito registrar momentos memoráveis de um tempo presente. O armazenamento dessas memórias possibilita a comunicação através do tempo e do espaço. Weimar Torres, ao criar seus dois cadernos de anotações, intitulados respectivamente *Coração de estudante* e *Juventude* (ver Anexo VI), inscreveu experiências e sentimentos de um determinado momento.

Como observam os estudiosos Paul Ricoeur, Ecléa Bosi e Maurice Halbwachs, dentre outros teóricos mencionados no primeiro capítulo, a memória individual está relacionada com as vivências próprias de um indivíduo, porém, essas lembranças apresentam também aspectos da memória do grupo social onde ele se socializou. Para Halbwachs (2003), os fatos exteriores influenciam diretamente nas nossas lembranças individuais. E é através da memória individual e coletiva que a história toma a sua forma.

As produções do caderno *Coração de estudante* datam da época em que o escritor estava cursando Advocacia no Rio de Janeiro, durante a década de 1940. Todavia, pode-se perceber, através dos poemas, as angústias, desejos e saudades que perturbam um jovem estudante. Após sete décadas destes registros literários, é possível analisar historicamente as manifestações e as influências de um determinado período: "Um acontecimento só toma lugar na série dos fatos históricos algum tempo depois de ocorrido. Portanto, somente bem mais tarde é que podemos associar as diversas fases da nossa vida aos acontecimentos nacionais" (HALBWACHS, 2003, p. 75).

No prefácio do caderno *Coração de Estudante*, Torres revela o início de suas inspirações, ocorrido aos 17 anos, registrando as ilusões e empolgações vividas por um adolescente romântico e patriótico. Logo no início do prefácio ele explica o título do caderno:

> Coração de estudante – foi o nome com que batizei este livro, este meu pobre livro – catecismo do meu coração e meu evangelho de amor...
> Coração de estudante – é um coração de adolescente a palpitar com a maior punjança que a vida póde dar!
> Coração de estudante – é um tabernáculo de flores e de espinhos pois é a custódia favorita da grande hostia, da sacrossanta partícula do amor (*Coração de estudante*, 1941, p. 5)

No artigo intitulado *Histórias de leitura de um deputado federal: o poeta Weimar Torres*, escrito em coautoria com a professora Alexandra Santos Pinheiro, analisou-se a materialidade e a construção poética de ambos os cadernos de anotações. Em *Coração de estudante* se lê:

> O *Coração de Estudante* possui características de um pequeno livro de capa dura marrom, cujo está escrito "Coração" a dedo com tinta branca. Na contracapa apresenta uma colagem de dois jovens apaixonados e um poema de sua autoria cujo tema é "Sublime Mendiga". No geral, o caderno está em decomposição por motivos do tempo e pela má conservação apresentando 101 páginas. Os poemas estão na maioria datilografados e outros escritos a lápis ou caneta. Pode-se perceber na 5ª página uma pequena foto de Weimar aos 17 anos e logo abaixo sua assinatura com a data de 1941 e ao lado uma outra assinatura com a data de 1963, tal observação faz pressupor que o poeta escreveu seus versos há algum tempo atrás e só depois de muitos anos voltou a analisá-los na intenção de publicá-los (PEREIRA e PINHEIRO, 2010, p. 9)

O poema "Sublime Mendiga" foi impresso em uma folha branca, recortada e colada na contracapa. Logo abaixo do poema, Torres especifica sua origem: "Rio, abril de 41. (Do livro a sair "Coração Estudante")" (ver Anexo VII). Ou seja, o autor tinha a intenção de inclui-lo em uma futura publicação. "Sublime Mendiga" foi publicado em *Meus Versos*, porém com o título alterado para "Mendiga".

Ao analisar os cadernos de anotações *Coração de estudante* e *Juventude* percebemos que Weimar Torres não considerava seus poemas dignos de publicação, isso pode explicar o fato de nunca ter publicado nenhum livro em vida. De acordo com as anotações presentes nos cadernos (ver Anexos VIII e IX), após vinte anos, Torres faz correções e exclui diversos poemas escritos na década de 1940. Portanto, através das características e anotações pertinentes nos dois cadernos, pressupõe-se que estes foram um esboço para uma futura publicação. Na última página do caderno *Coração de Estudante*, o poeta questiona a

importância de seus textos e os considera inocentes, já que muitos deles foram escritos na adolescência:

> Escrever um livro? – Só depois de ter lido todos os que já estão escritos. (...) Muitos anos depois de ter escrito estes primeiros versos, leio-os e me sinto um pouco encabulado diante de tanta pieguice e inocência que, então, povoavam meus versos. Mas, o que fazer? Rasga-los? Queimá-los? (*Coração de Estudante*, 1941, p.102).

O caderno *Juventude* está dividido em 85 páginas datilografadas. Ao lado dos poemas, há várias marcas de correções e alterações, sendo assim, estas marcações simbolizam as escolhas dos poemas para a publicação, ao que tudo indica, feitas pelo próprio escritor:

> O caderno parece estar pronto para uma futura publicação, sua conservação física se encontra em bom estado. Na quarta página escreveu a caneta o poema "Juventude". A dedicatória é destinada a si mesmo: "Á mim mesmo, ao meu romantismo incurável, à minha mocidade de ouro. Rio de Janeiro, 1944". Tal dedicatória não foi mencionada no livro póstumo. Ao passar as páginas, encontra-se uma marca de positivo, ou seja, os poemas que foram escolhidos para a publicação (PEREIRA e PINHEIRO, 2010, p. 10).

Torres, em alguns poemas, admite com certa tristeza as suas lembranças da infância e juventude. Para Ecléa Bosi (1994), mesmo que as lembranças pareçam nítidas em nossa mente, elas são apenas reflexos de um passado, no entanto, "não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor" (BOSI, 1994, p. 55). No poema "Ó Infância Adeus Juventude", o poeta revela a sua ânsia em voltar ao passado por apenas um dia, e reviver os momentos da infância e apreciar as brincadeiras e as paisagens da quadra onde residia com seus pais em Ponta Porã.

> [...] Correr de novo cantando / Debaixo dos arvoredos, / Viver de novo essa vida / Daquela quadra querida / Com meus saudosos brinquedos. / De tudo posso esquecer-me, / De tudo posso Olvidar, / Mas não esqueço um instante / Da minha infância distante / Que já não há de voltar (TORRES, 2012, p. 157).

Weimar Torres também revela sua admiração por aspectos regionais, descrevendo as belezas e conquistas do município de Dourados. É importante lembrar que as primeiras obras regionais do modernismo brasileiro surgiram entre 1930 e 1945. Nessa fase de nossa literatura, os escritores se debruçaram sobre as transformações do país, assimilando algumas das características estéticas do romantismo, como a valorização da natureza, o patriotismo e as viagens a terras desconhecidas. Nas construções poéticas de Torres, podemos perceber as

descrições sobre o local, os costumes, os valores, os acontecimentos, as crenças e a descrição do ambiente.

Os escritores regionais expõem e representam as singularidades linguísticas e culturais de uma determinada região geográfica, sempre buscando identificar-se e diferenciar-se do outro. Como salienta Afrânio Coutinho (2004) em *A literatura no Brasil*, cada região exibe as suas particularidades, as proezas da terra. E, destas manifestações literárias, é possível atestar uma literatura própria do povo brasileiro:

> O regionalismo é um conjunto de retalhos que arma o todo nacional. É a variedade que se entremostra na unidade, na identidade de espírito, de sentimentos, de língua, de costumes, de religião. As regiões dão lugar a literaturas isoladas, mas contribuem com suas diferenciações para a homogeneidade da paisagem literária do país (COUTINHO, 2004, p. 237).

Como já mencionado anteriormente, o escritor possui características próprias de um poeta patriota e romântico. Escreveu diversos poemas retratando a sua cidade natal, Ponta Porã, e sobre as belezas da promissora cidade douradense. Ainda de acordo com Coutinho, as produções literárias, para serem consideradas regionais, é preciso não apenas estarem localizadas em uma determinada região, mas dela extrair suas "substâncias reais". No poema "O milagre douradense", publicado em *Meus versos* e elaborado em Dourados no ano de 1962, época em que Torres ambicionava a cadeira na Assembleia do Estado de Mato Grosso, ele dialoga com o colono e atribui todas as exuberâncias presentes nestas terras ao sangue derramado pelo herói Antônio João:

> Colono, / Se me pergunta, / O porquê dessas matas estupendas / Do esplendor dessa uberdade. / Desse colosso de fertilidade / Que em tantas terras outras não se vê, / Colono, / Se me pergunta / O porquê da majestade milagrosa / Dessa aroeira, dessa peroba, desse ipê, / Se me pergunta, / De tudo isso o porquê, / De tudo isso a razão, / Eu contarei a você: / Foi Deus que esparramou no seio dessas matas / O sangue que jorrou do heroico Antônio João (TORRES, 2012, p. 102).

Como político, Torres menciona em suas produções personalidades que contribuíram de alguma forma para a formação do Estado. O tenente Antônio João Ribeiro ingresso no Exército como soldado voluntário em 1841. Constitui-se como herói da Guerra da Tríplice Aliança por liderar a defesa da Colônia de Dourados diante do invasor paraguaio.

O poema "Saudação a Getúlio Vargas" também demonstra o interesse do escritor pelos representantes públicos. Torres faz uma homenagem ao ex-presidente Getúlio Vargas, líder civil da Revolução de 1930, presidente do Brasil entre os anos de 1930 e 1945, e de 1951 a

1954. Vargas instalou a ditadura do Estado Novo, criou muitas leis sociais e trabalhistas, tais como a carteira de trabalho, férias remuneradas e o direito ao salário mínimo.

Como expressa o poema, o presidente é a esperança de um futuro melhor para as crianças e para os trabalhadores rurais:

> Ó filhas de campanário, / Filhos do grande Brasil, / Neste dia extraordinário, / Exultai os corações! / Crianças, erguei as vozes, / Vossas vozes de cristal, / Cantai as notas vibrantes / Do nosso Hino Imortal. [...] / Larga o gado boiadeiro, / Larga tudo brasileiro, / Larga a roça, lavrador, / Gaúcho, larga o teu laço, / Encilha em prata o teu pingo, / Pois hoje é mais que Domingo, / Ao nosso rincão gentil, / Já chegou Getúlio Vargas / Grande chefe do Brasil! (TORRES, 2012, p. 35).

Além do mais, como já mencionado anteriormente, o presidente promoveu a *Marcha para o Oeste,* que tinha por objetivo ocupar e desenvolver o interior do Brasil, implantando Colônias Agrícolas, e, dessa forma, possibilitou a grande expansão populacional e econômica no estado de Mato Grosso. A maioria dos poemas de Torres demonstra a posição política do autor. Como aponta a estudiosa Andrade, em *Os discursos sobre o progresso: a imprensa de Dourados e região no início da década de 50 do século XX*, a imprensa criou mecanismos como, por exemplo, as propagandas que exaltavam a região com o intuito de contribuir com a obra colonizadora de Getúlio Vargas: "A tentativa de promover um sentimento de coletividade para desenvolver a região economicamente, foi uma representação criada pela imprensa de Dourados e região" (ANDRADE, 2009, p. 99).

De acordo com José Couto Vieira Pontes, o jornal é um modo de apresentar as manifestações literárias de escritores que, muitas vezes, não possuem condições de publicar seus textos em livro, no entanto, é uma estratégia democrática que abre espaço para os mais variados gêneros: "Desde os primeiros movimentos e iniciativas de natureza literária, o jornal desempenhou, em Mato Grosso do Sul, o papel de divulgador e editor dos trabalhos de seus homens de letras" (PONTES, 1981, p. 25).

Assim, como também percebe Ernandes, a imprensa opera como geradora dessas manifestações, armazenando as várias opiniões de diferentes culturas e os importantes fatos que marcaram a época:

> Fosse com reportagens ou anúncios comerciais, a imprensa e seus responsáveis cumpriam a sua função de divulgar de maneira implícita ou explícita, opiniões, sentimentos e notícias que procuravam formar cidadãos honestos e tentavam moldar uma identidade unificada. Valores burgueses, liberais, corporativistas e reformadores, em face de uma sociedade heterogênea bastante marcada pela diferença (ERNANDES, 2009, p. 66).

Weimar Torres almejava contribuir com as necessárias transformações para o progresso da cidade, o jornal tinha como *slogan* a frase "pensamento e ação por uma vida melhor", ou seja, com as percepções identitárias presentes nos discursos jornalísticos e memorialísticos da imprensa, além da intenção de formar a opinião pública, Weimar, particularmente, desejava "agir" em favor de uma vida melhor e mais próspera para os moradores.

De acordo com as colunas do jornal, o vereador também declamava poemas em seus comícios. No dia 01 de agosto de 1954 foi publicada uma coluna com o poema "Terra mãe" e logo abaixo uma nota de explicação, "Poema de autoria do vereador Weimar Torres declamado no comício de domingo último, no Barreirão na Colônia Federal" (*O Progresso*, 01 de agosto de 1954). No texto, o autor expõe aos colonos que a terra que eles cultivam deve ser considerada como mãe, e, deste modo, devem cuidar dela, sabendo escolher "bons governantes" para nela atuar: "Terra douradense, / Que é tua mãe bem querida, / Colono de alma sentida / Que és um bravo eleitor / Escolhe o teu candidato / E dentre todos os nomes, / Para Prefeito: RUY GOMES, O GRANDE TRABALHADOR" (*O Progresso*, 01 de agosto de 1954). O político fomenta através do poema a sua posição e influencia os eleitores a votarem no candidato a prefeito Ruy Gomes.

Pesquisar e analisar as informações sobre o início da formação da cidade de Dourados proporciona compreender como partes desse processo a atuação dos primeiros moradores, a construção da nossa história e identidade. Nas edições do jornal encontramos diversas colunas homenageando aqueles que enfrentaram as matas brutas, a escassez de saneamento básico, moradia e estrutura educacional. Como afirma Torres na coluna acima, as lutas pelo avanço e civilização da região tiveram início com os aventureiros desbravadores, os colonos que desmataram as áreas de extensas matas, povoando o patrimônio e criando espaço para o nascimento do município de Dourados. Também devemos lembrar a força e a relutância de homens como Antonio João, que morreu em combate na guerra do Paraguai e os diversos migrantes que trabalharam incessantemente na CMD.

Na coluna "Pioneiros ó pioneiros", transcrita de 1951 para 1970 (ver Anexo X), Torres faz seu discurso como político, em que almeja uma cidade progressista com a circulação de carros, construção de casas novas e o fim da pobreza, porém, o político ressalta os nossos pioneiros, dos quais não podemos esquecer que a luta pelo progresso iniciou-se por eles e que, no entanto, não presenciaram as significativas mudanças que ocorreram com o passar dos anos:

> Sim onde estarão os últimos pioneiros daquele punhado de bravos que abriu neste sertão, há 40 ou 50 anos, a primeira morada, que plantou neste prodígio de terra a primeira lavoura, que rasgou a primeira picada e aqui lançou a semente milagrosa de uma grande cidade? Não nos esqueçamos dos pioneiros! (*O Progresso*, 1 de abril de 1970).

Segundo Abreu (1998), para tratar a memória de uma cidade não devemos ficar presos apenas às singularidades, deve-se trabalhar na recuperação simultânea da história, ou seja, os dados registrados, os costumes e as memórias da comunidade .Temos a pretensão de construir hipóteses de um passado de escritores que já não se encontram presentes, portanto, para a realização de um trabalho coerente devemos observar em que espaço esses escritores produziram seus textos, analisar todos os processos sociais, temporários e hierárquicos que fizeram parte de um lugar, além de fatores globais que influíram no cotidiano do grupo.

Como retrata Ernandes, a identidade é construída por meio de símbolos que representam certa importância para determinada sociedade como, por exemplo, a história, os heróis, os monumentos, as tradições, os costumes, etc. Para se construir uma história coerente e homogênea, em que todas as culturas possam ser lembradas e valorizadas em Dourados, diversos pontos foram criados na tentativa de contemplar as diferenças culturais existentes.

O município apresenta, atualmente, em diversos espaços do meio urbano, monumentos homenageando os nossos colonos como, por exemplo, a estátua de Antonio João, do Presidente Getúlio Vargas, do Ervateiro, dentre outros. Construções como a Praça Paraguaia e a Praça Antonio João, o Clube Nipônico, a Casa Paraguaia e a Nordestina, que pretendiam unir os descendentes, além de tornar mais "amigável" a convivência com a comunidade douradense. Também podemos encontrar diversas obras que retratam a nossa história, na qual buscamos constantemente novas informações sobre a memória e a identidade douradense.

3.2 José Pereira Lins

3.2.1 José Pereira Lins: crítico literário e escritor

> Livros, velhos e novos; livros sagrados e profanos; livros que nascem e morrem; livros que não envelhecem jamais; livros que trazem vida, que dão alento e revigoram; que corrigem, redargúem, convencem! Livros que valem prata e valem ouro, livros de chumbo e de cobre, alfarrábios talvez... Livros, sempre livros... (*O Progresso*, 23 de julho de 1956).

Diversos escritores contribuíram nas colunas do jornal com textos, ficcionais e críticos, que viriam a ser as primeiras marcas literárias da cidade. O professor José Pereira Lins, por exemplo, teve diversas iniciativas em prol da educação dos jovens e as retratou em suas

crônicas. O professor e escritor nasceu em 5 de fevereiro de 1921, no estado da Paraíba. Concluiu o ginásio em 1944, em Campo Grande e, em 1951, concluiu o bacharelado em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Lins colaborou incessantemente para o crescimento cultural e intelectual da cidade de Dourados, tendo fundado a escola Oswaldo Cruz e lecionado, além dela, no colégio Presidente Vargas e no Centro Universitário de Dourados (CEUD). Foi membro do Conselho Estadual de Educação e da Academia Douradense de Letras, e também colaborador do jornal *O Progresso*. O professor também deixou algumas contribuições literárias, tais como: *Lobivar Matos: O poeta desconhecido* (1994); *Hélio Serejo... Sublime Poema* (1996)*; O sol dos ervais: exaltação à obra de Hélio Serejo* (2002); *Os olhos de Deus: crônicas literárias* (2004); *As aves de arribação* (2006), dentre outros. José Pereira Lins faleceu em Dourados, em 2 de maio de 2011.

Lins participou ativamente, como colaborador do jornal, principalmente através da coluna intitulada "Livros, sempre livros", publicada semanalmente na década de 1950. Na coluna, o professor incentivava a leitura dos cânones, fazia comentários sobre obras como *A Divina Comédia* e *Os Lusíadas*, e também tecia considerações sobre a importância do livro. Em outras colunas, Lins demonstrava sua preocupação com a criação de bibliotecas públicas em Dourados e participava de vários eventos para a arrecadação de livros. No início de 1951, foi publicada uma nota de boas vindas ao professor:

> Acha-se em Dourados onde vai residir e fazer parte do corpo docente do Ginásio Oswaldo Cruz, desta cidade, tomando parte não só em função administrativa, como na do professorado propriamente dita, o ilustre patrício, professor José Pereira Lins, que se faz acompanhar de sua Exma. família (*O Progresso*, 12 de fevereiro de 1951).

Lins sempre se declarou preocupado com a educação da região. Pensamos que realmente é essa a função de qualquer educador, incentivar não apenas através de discursos sobre a necessidade da leitura, mas fazendo com que a ideia se torne uma prática e possibilite o conhecimento e divulgação de diversos textos. Ele adquiriu, no decorrer de sua vida, uma biblioteca pessoal de mais de dez mil exemplares, e que é atualmente acessível a toda a comunidade, junto ao acervo da biblioteca da UFGD. José Pereira Lins foi um grande motivador da criação das primeiras bibliotecas públicas de Dourados. A primeira inaugurada na cidade foi a "Biblioteca Rosa Lins", no ano de 1967.

3.2.2 José Pereira Lins e a propagação da leitura

Na presença de dados coletados e analisados de acordo com os fatores históricos, culturais e econômicos que permeiam a região sul de Mato Grosso antes da divisão do estado, pretende-se levantar suposições sobre as intenções de um escritor regional, suas produções poéticas e textos publicados no jornal.

Em uma das colunas "Livros, sempre livros", com o subtítulo de "No rôlo do livro está escrito" (ver Anexo VIII), Lins relata de forma poética o início da escrita. Desde a era medieval, os indivíduos já sentiam a necessidade da expressão por meio da grafia, bastava um pedaço de pedra ou barro e algo pontiagudo para escrever seus pensamentos. Os livros eram feitos de forma rudimentar, mas nem por isso os homens deixaram de fazê-lo:

> Estamos hoje a recordar o fato de que, mesmo depois de aperfeiçoados os caracteres do alfabeto, a difusão do livro não era coisa fácil. Mas, nem por isso deixaram os homens de escrever. Aliás, êste dom de o homem grafar o pensamento é quase tão inato como o da palavra, ou o do grito, se preferirem dizer assim. Havia barro, ladrilhos, tijolos, tabuinhas, cera. E isso bastava (*O Progresso*, 12 de agosto de 1956).

Na mesma coluna, o professor faz uma breve retrospectiva e comenta sobre a época em que grandes obras foram escritas na forma de pergaminhos, ao invés de abrir ou fechar um livro eles eram enrolados ou desenrolados. Ter essas encadernações como foco de pesquisa, com as diversas colunas destinadas à expansão literária, faz refletir sobre as intenções do professor, no século XX, em uma sociedade recém-fundada. O livro se tornou democrático, todos possuem o direito ao acesso aos livros e fazem suas escolhas de leituras. Mas, como já mencionamos no primeiro capítulo, nem sempre foi assim. Márcia Abreu (2003) analisa a questão da censura e do controle dos livros por parte da Coroa Portuguesa, pois até o século XIX os títulos proibidos eram barrados pela Inquisição. Muitos livros eram considerados imorais e a leitura destes causaria grandes transtornos para a moral e os bons costumes pregados pela Igreja.

Como defende o teórico Antonio Candido, em *O direito à literatura* (2004), a humanidade não possui apenas o direito ao vestuário e à comida, mas também à educação, à leitura de bons livros e ao lazer. A literatura alimenta as lacunas sentimentais e intelectuais dos indivíduos, humaniza e proporciona alternativas para a resolução de problemas. Dessa forma, ela é considerada essencial logo no início da vida dos jovens. Candido descreve três pontos considerados relevantes e que caracterizam a literatura:

> A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório, mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente (CANDIDO, 2004, p. 4).

A literatura deve ser vista como um processo de humanização que permite aceitar e respeitar outras culturas. Para tal efetivação, é necessário divulgação e a existência de condições básicas para a aquisição de livros, acesso a outras artes, como o cinema, a dança e o teatro. Permitir novos conhecimentos sobre a arte possibilita para o indivíduo novas expectativas de mundo e um novo olhar sobre a vida.

Nas encadernações analisadas não constam informações sobre os moradores douradenses que fizessem leituras dos jornais ou de obras literárias. Apenas contamos com registros sobre a necessidade de bibliotecas na região, pois a cidade estava crescendo e até a década de 1950, a população não tinha acesso a um ambiente público para o contato com livros e eventos culturais como cinema e teatro:

> Deve existir, entre nós, habitantes desta "urbs" que se avoluma e se agiganta, podemos dizer, em tôdos os setores das atividades humanas, o espírito compreensivo das coisas de prementes necessidades em benefício do povo. Dentre essas coisas, salta-nos aos olhos, a falta que está fazendo uma bibliotéca em Dourados (*O Progresso*, 6 de novembro de 1955).

Para Candido, a falta de leitura está relacionada a diversos fatores econômicos, políticos e culturais. Todos sabem da necessidade e da influência que a leitura proporciona para o indivíduo, no entanto, é uma habilidade que requer planejamento, organização e dedicação dos governantes, mediadores supostamente preparados para tal efetivação e um ambiente propício para o desenvolvimento de tal atividade como, por exemplo, uma biblioteca bem equipada.

Para demonstrar aos leitores do jornal a importância do livro, Lins, na coluna "Livros, sempre livros", com o subtítulo "Pensamentos", cita palavras de escritores e filósofos renomados para comprovar sua dedicação e preocupação com o fato de os jovens lerem:

> No propósito de apenas difundir conceitos e valorizar o livro, trazemos para estas colunas os seguintes pensamentos de filósofos e escritores renomados: São os livros uns mestres mudos, que ensinam sem fastio, falam a verdade sem despeito, repreendem sem pejo, amigos verdadeiros, conselheiros singelos; assim como á fôrça de tratar com pessoas honestas e virtuosas de adquirem insensivelmente os seus hábitos e costumes, também á fôrça de ler os livros se aprende a doutrina que êles ensinam [...] – Pe. Antonio Vieira (*O Progresso*, 16 de setembro e 1956).

Diante de dados já levantados aqui, percebe-se que Dourados não possui, em meados de 1940 e 1950, estrutura financeira para atender os moradores no quesito educação, já que muitos jovens tinham que concluir sua formação em outras cidades e estados. A leitura é um meio de sobrevivência no mundo em que vivemos, não importa a idade e nem a classe social. Ela possibilita a mudança de postura, possibilita a inclusão do indivíduo na sociedade em que tudo gira em torno da competitividade. Os processos de identificação e subjetivação que a leitura possibilita para o sujeito o retira do estado de passividade tornando-o ativo, propicia a manifestação de ideias e estabelece uma posição diante das escolhas governamentais.

Nas colunas do jornal, Lins também pondera o privilégio da leitura dos cânones, despertando curiosidade na descrição que faz de determinadas obras. Nas colunas em que discute a obra *Os Lusíadas* (ver Anexo IX), o professor enaltece Camões e afirma que muitos outros escritores tentaram criar algo parecido com essa obra, mas nada, de acordo com sua opinião, pode ser comparado à grande obra de Camões. O professor, além de fazer uma descrição, por duas crônicas consecutivas, da obra camoniana, conclui a coluna demonstrando preocupação com aqueles que nunca tiveram contato com o clássico:

> Felizmente ainda há quem leia Camões. Dias atrás surpreendi alguém declamando-o magistralmente: era um senhor de meia idade, mais velho do que môço. É preciso frisar bem isso, pois a mocidade de hoje já o não lê e quando não o ignoram totalmente, sabem no apenas coalho e lhe atribuem algumas anedotas fesceninas. Mas aquêle meu amigo o recitava e com que entusiasmo! (*O Progresso*, 30 de setembro de 1956).

A importância dos cânones é realmente inquestionável para qualquer professor, portanto devemos refletir neste momento a realidade dos moradores douradenses, qual valor teria tal obra para os peões e fazendeiros da época? Precisamos considerar duas alternativas, primeiro existia um grande número de analfabetos na região; segundo, também existiam os moradores que se interessavam pela cultura, faziam leituras de diversas obras. Sua intenção era provocar curiosidade nos leitores que realizavam a leitura dos jornais e que, no entanto, tomavam o conhecimento das obras literárias aos poucos. Mas, outro fator que deve ser levado em consideração é a necessidade de uma condição financeira mínima para a aquisição de tais obras, já que não havia uma biblioteca pública para empréstimos. Concluímos então que a maioria dos moradores não possuía o conhecimento, ou seja, os mecanismos que envolvem a leitura ou condições financeiras para terem acesso aos grandes cânones literários.

Lins acreditava no potencial da cidade, apesar da precária situação educacional, e trabalhou incessantemente para a construção de uma cidade alfabetizada e com bom gosto

literário. Ao pensar nessa cidade universitária, na qual Dourados se tornou no século XXI, devemos nos lembrar dos grandes nomes que contribuíram para tal "progresso", e, sem dúvida, José Pereira Lins sempre será lembrado e homenageado como grande precursor da educação na cidade.

3.3 Armando da Silva Carmello

3.3.1 A construção da identidade douradense: Armando da Silva Carmello

> Na nossa terra, vejo as laranjeiras,
> Bélas, formosas, frutos amarélos,
> Frutos tão bons, tão dôces e tão belos,
> Melhores que os das terras extrangeiras
> Na nossa terra; crescem as mangueiras
> Melhores que outros frutos, que os marmelos
> Na nossa terra, vivem tão singélos,
> Os abacates bons, as pitangueiras [...]
> (*O Progresso*, 17 de maio de 1953).

Diante da temática que permeia este trabalho, pode-se perceber que os escritores regionais selecionados nas encadernações são personalidades advindas de outras regiões, porém representam a tradição literária da cidade e trabalharam para seu progresso que, como dizia Carmello, caracteriza-se por ser uma localidade "hospitaleira". Os escritores escrevem a partir de seus *locus* de enunciação e registram os fatos de acordo com os fatores sociais de sua época.

Armando da Silva Carmello nasceu em 18 de outubro de 1904, em Cuiabá-MT, tendo sido considerado jornalista profissional. Fundou em 1935, em Campo Grande, o jornal *O Campograndense* e, em Dourados, em 1948, *O Douradense*. De acordo com registros, foi colaborador semanal do jornal *O Progresso*, escrevendo crônicas e poemas nas décadas de 1950 e 1960. Publicou os livros: *Apologia a Dourados*, 1967; *Tenda de Jacó*, 1970; *Sol da manhã*, 1974; *A poesia cumprimenta os amigos*, 1976; e *Dourados*: *terra prometida*, 1978. O escritor faleceu em novembro de 1980, em Cáceres - MT.

Armando Carmello, como assinava em suas colunas, publicou diversos textos no jornal *O Progresso*, dentre eles destacaremos os que mais contribuíram com informações sobre a formação cultural da cidade. Além de colaborar, principalmente, com as colunas intituladas "Crônica das ruas" e "Terra e gente", publicou inúmeros poemas e crônicas.

Na coluna intitulada "Jornalismo provinciano" (ver Anexo X), Carmello afirma não se considerar um jornalista profissional, mas sentia-se honrado em contribuir diariamente para o acesso à leitura dos moradores. Segundo ele, escrever para uma cidade do interior requer

observação dos acontecimentos e cautela para não provocar comentários desnecessários. O jornalismo exige compromisso com o povo, informar e ser sincero em suas palavras, porém, este que escreve, por muitas vezes, é injustiçado ao manifestar situações que causam incômodo aos que estão no poder. Ele também escreve, em sua coluna intitulada "Crônica das ruas", sobre a importância de ser um jornalista e escritor de um pequeno jornal:

> A minha maior culpa, reside talvez, nessa espécie de mania que sempre tive de ser noticiarista, repórter, ou coisa parecida, nunca porém, envaidecido com o titulo que querem me dar de jornalista, honroso titulo que coloca aquele que escreve num alto nível, pela colaboração que presta a coletividade, como se fosse um apóstolo das causas públicas, muitas das vezes com sacrifício da própria vida, como a história nos ensina, dede de tempos remotos [...]. Profissão ingrata, de pouco ou quasi nenhum rendimento, o jornalista vive auxiliando o governo a manter o regime, ele vive pregando a concôrdia, o respeito as autoridades e à Lei, vive cantando com as belezas da terra (*O Progresso*, 18 de dezembro de 1951).

Carmello se enternece com as necessidades da população e, tendo o poder da escrita como cronista do jornal, usa desse meio para promover discussões diante das mudanças que precisam ser realizadas. A cultura, a educação e o bem estar de uma população se resumem ao empenho não apenas dos governantes, mas também daqueles que clamam por seus direitos e lutam por eles.

O jornalista possuía características próprias de descrever e representar a cidade. Todas as manhãs de domingo, os moradores que tinham acesso ao jornal poderiam contemplar através das crônicas de Carmello as belezas da cidade recém-fundada e em início de desenvolvimento, comentários sobre a precariedade das ruas e da infraestrutura de saneamento básico, das lojas que na cidade se instalaram e apelos feitos ao prefeito. No entanto, tudo isso em forma de crônica exposta em um "cantinho" do jornal. Mas o que mais interessa neste momento são as colunas destinadas aos pioneiros da cidade. O escritor deixou riquíssimas informações sobre a nossa identidade, discorrendo sobre o nome das ruas que, em sua maioria, levaram o nome dos pioneiros e dos comerciantes vindos de outras regiões. Todas essas informações fazem pressupor uma comunidade multicultural.

Não precisamos buscar registros muito distantes para perceber que a comunidade douradense é uma miscigenação de paraguaios, indígenas, japoneses, argentinos, bolivianos, libaneses e muitos outros. Carmello, além de contribuir com escritos literários, deixou muitas informações históricas sobre a construção cultural de Dourados. Em sua obra *Dourados: terra prometida* (1978), o escritor faz um esboço histórico da cidade, entre as décadas de 1860 e 1960, retratando os primeiros moradores que contribuíram para o desenvolvimento do município como, por exemplo, José Serrano, Francisco Xavier Pedroso, a família Azambuja,

Manoel Lopes Cançado, Constantino Vicente de Almeida, Marcelino Pires e muitos outros. Apresenta dados estatísticos, as primeiras construções, a divisão das terras e a história da emancipação da cidade.

Na coluna intitulada "Gloria ao colono" (ver Anexo XI), Carmello faz uma singela homenagem aos colonos que diariamente promovem o progresso do município, plantam e colhem o sustento do povo. O cronista nomeia o sábado como "o dia do Colono", pois existe uma grande movimentação deles nas manhãs de sábado na praça:

> Sábado! Mais uma vêz, nestas minhas crônicas domingueiras, quero me referir que o sábado é, aqui para nós, o dia do Colôno êste em que a nossa praça mais se enche dos mesmos, os quais lhe dá a nota agradável e simpática de suas presenças, movimentando-a, dando vida e prosperidades (*O Progresso*, 24 de julho de 1955).

Nos registros de Carmello é possível perceber uma cidade que estava progredindo lenta e gradativamente, e uma das causas principais de tantos diferentes povos procurarem a cidade de Dourados se explica pela grande demanda de trabalho na lavoura e no comércio. Com a migração de diferentes povos e o hibridismo cultural, o município foi moldando-se e tornou-se representativa em toda a região.

Para Stelamaris Coser, em "Híbrido, hibridismo e hibridização", o hibridismo é um fenômeno que existe desde os primeiros deslocamentos geográficos. Os povos mudam de região ou país à procura de melhores condições de vida. Esses deslocamentos permitem o contato com outros grupos distintos. Todo sujeito migrante é um sujeito híbrido, pois deixa as suas origens e entra em contato com outros costumes e outras crenças. De acordo com Coser, com o número de povos cada vez maior se deslocando no século XX, torna-se impossível para os estudos culturais caracterizar e nomear determinadas miscigenações, os estudos devem encarar uma nova postura diante do surgimento de novas espécies:

> Em meio a tais estímulos e pressões, os estudos da cultura vêm buscando estratégias para adequar-se aos desafios apresentados pela interculturalidade e multipolaridade da era pós-moderna e pela necessidade de repensar definições de comunidade e nação. Dentre os novos conceitos e abordagens difundidos nos países de língua inglesa, ressalta a valorização da idéia de híbrido e dos processos de hibridação ou hibridismo em substituição a teorias monolíticas e categorias antigas, (supostamente) uniformes e estanques (COSER, 2005, p. 164).

O hibridismo envolve muitos outros fatores além dessas misturas, sendo que as relações de poder também estão muito presentes na dicotomia colonizador/colonizado. Forças políticas e econômicas influenciaram e influenciam alguns grupos a considerarem sua cultura como dominante dentro de outras sociedades, impondo de maneira bárbara a sua "civilização". No

entanto, as colunas do jornal não apresentam de forma clara estas questões de dominação, apenas exibe o colono como aquele que trabalha em favor do progresso, porém, é evidente que este povo teve que obedecer a certas imposições.

O multiculturalismo vem sendo considerado um dos fatores que levam à mão-de-obra e ao crescimento cultural das regiões cosmopolitas. Carmello anuncia, na coluna "Caminhos da emigração" (ver Anexo XII), a necessidade de povos trabalhadores e capacitados para trabalharem na lavoura. Então, faz referência aos nipônicos, considerados os "melhores" cultivadores na época:

> Dourados, precisa, então sem demóra preencher os claros existentes na sua grande área quilométrica, de extensão. Precisa, sem demora aproveitar a grande parte de terra cultivável, notadamente as zonas de matas [...]. a propósito dêsse assunto, fui informado de que há um plano de colonização em projeto além de outros de iniciativas particulares, com relação à emigração do elemento homem nipônico, filhos do Sol Nascente , para estas plagas (*O Progresso*, 25 de dezembro de 1955).

Com a vinda dos japoneses aperfeiçoamos técnicas de plantio, entramos em contato com a cultura dos povos orientais, crenças, alimentação, música, vestimentas etc. Do mesmo modo, após os japoneses deixarem o que lhes era familiar para trás, tiveram que se adaptar às novas condições de vida no então Mato Grosso. Como defende Herom Vargas (2007), toda sociedade é híbrida, a miscigenação cultural ocorre quando todos os elementos sofrem mudanças, como: a música, a alimentação, a vestimenta, a educação etc.

> Rigorosamente, todas as sociedades são híbridas, em algum grau e de alguma maneira, já que são sempre formas em estado dinâmico pelos contatos com elementos distintos daqueles identificados como propriamente seus. A diferença congênita que se vê nas estruturas latino-americanas é de um maior grau de profundidade dessa mestiçagem étnica, material e simbólica, e uma vasta gama de soluções criadas em tempos e espaços relativamente reduzidos [...]. A mestiçagem é tão-somente um dos principais elementos constitutivos de importantes formações socioculturais latino-americanas (VARGAS, 2007, p. 186).

O hibridismo torna-se cada vez mais discutido em nosso país e, em tempos de globalização, somos formados a partir do choque de culturas. O mundo de hoje oferece certa instabilidade, um campo cada vez maior de escolhas e novas oportunidades de convivência. Mas, nem sempre a miscigenação é encarada como algo positivo, os valores das pessoas, muitas vezes, ainda continuam sendo determinados pelo poder. Os diferentes pontos de vista e de valores entre as pessoas são geradores de muitos conflitos. As ideias estereotipadas fazem com que algumas culturas se considerem superiores a outras.

É notório que fatores políticos e econômicos também estiveram envolvidos nos processos que dizem respeito à colônia de Dourados, não temos informações sobre como foram recepcionados esses novos moradores, a única coisa que se nota é a necessidade de trabalhadores na terra. Nas várias colunas analisadas, é possível afirmar que o município foi formado a partir das diferenças culturais. Na coluna "Dourados cidade cosmopolita" (ver Anexo XIII), Carmello aponta para os fatores que levaram a cidade a tornar-se ponto de referência de moradia e trabalho no século XX, sendo considerada uma cidade cosmopolita, ou seja, acolhedora de habitantes de diversos lugares e países:

> Nossa cidade constitúe hoje um centro cosmopolita em razão da imigração quase permanente dos elementos que buscam os trabalhos da lavoura, como também daqueles que vivem da industria e no comercio. Fatores de várias e determinadas ordens fixaram esses elementos em nossa terra, dando lhe vida e vigor para as arrancadas do progresso, tanto no presente, como no futuro. [...] quando percorremos a nossa principal Avenida, que é a Marcelino Pires, e nela vemos estabelecidos, em grande número, por exêmplo, os sírios libaneses, como: Sater, Gebara, Bussuan e muitos outros; os filhos do Sol Nascente, também em grande número, como os Nichimuras, Yonekuras, Kanashiros, Katayamas, Miguita, Yamamoto e muitos outros; os lusitanos, como: o Câmara, Jauame Lobo, Henrique e muitos outros; os argentinos como: Galhardo, Teófilo Rodrigues, etc; os italianos, como: Fredizzi, Giolando, Espolador, etc; os russos como: o Terent Chenerick, etc. e assim por números intermináveis, contam se os de nacionalidades diferentes que vivem em Dourados, trabalham conosco, pela grandeza da terra comum (*O Progresso*, 20 de agosto de 1955).

Tais cidadãos, de diferentes nacionalidades (e também de outros estados do Brasil), vieram à procura de melhores oportunidades de emprego, entretanto, não devem ser considerados apenas como servidores braçais, e sim como pessoas importantes que colaboraram para o progresso da cidade, e ao andar nas ruas de Dourados é evidente as marcas da diversidade cultural em cada canto da cidade. O hibridismo não significa o apagamento total das origens pré-determinadas nos indivíduos, das suas características adquiridas desde o nascimento, mas sim, a justaposição de outras habilidades, outras influências. Obviamente, não somos cem por cento "puros", nossa identidade é e sempre será construída ao longo da troca de experiências com o outro, híbrido também.

3.3.2 "Crônica das ruas"

É de grande valia analisar algumas colunas do jornal em que o escritor Armando da Silva Carmello nos fornece informações sobre os primeiros moradores urbanos e rurais, mostrando que a cidade de Dourados convive com uma diversidade cultural desde a sua formação. Os escritores regionais, de fato, nos deixaram registros importantes sobre os

acontecimentos históricos da região. Tais fontes literárias possibilitam uma análise da consolidação de práticas de leitura, manifestações culturais, formação intelectual e o hibridismo cultural dos moradores.

É importante observar a possibilidade de intertextualidade entre a obra de Regina Heloisa Targa Moreira (1990), *Memória fotográfica de Dourados*, e as crônicas de Carmello. Na obra temos a imagem e a descrição da vida social do patrimônio do município no início do século XX até a década de 1980. As antigas fotos focalizam a vida comum dos moradores, seus hábitos, e a estrutura física de Dourados:

> O cotidiano consistia de fazeres domésticos, no que diz respeito às mulheres; e os homens se ocupavam geralmente com o trabalho nas fazendas ou em estabelecimentos comerciais. Esta faina diária quase nunca era tema de fotografia, sendo que, mesmo nos documentos escritos, muito pouco ficou do dia-a-dia. A quebra do cotidiano se dava por ocasiões geralmente eram temas de fotografias, mesmo porque, era aí que a população do Patrimônio se reunia, já que era nisto que se resumia a vida social (MOREIRA, 1990, p. 25).

Ao longo de sua estada em Dourados, Carmello teve várias participações nas edições do jornal, deixando uma variedade de informações históricas e literárias sobre a cidade. Na coluna intitulada "Crônica das ruas", o escritor faz referência aos moradores e às características urbanas de determinadas ruas, retrata o cotidiano de pessoas comuns e assuntos ligados ao crescimento geográfico, econômico, político e cultural do povoado.

Além das crônicas apresentarem informações importantes para os estudos literários da região, também contribuem para a área social, política, geográfica e histórica. Mas, devemos levar em consideração que, por serem redigidas sem compromissos científicos, acabam se perdendo em meio a outros textos.

Sergio Vilas Boas, na introdução da obra *Literatura e jornalismo* (2007), argumenta que o repórter tem por objetivo contar sobre a vida do outro, portanto, deve também fazer dela a sua história. Carmello denomina-se como um "peregrino" das ruas de Dourados, pois para descrever a existência e as nuanças de cada uma, era preciso conhecer o seu meio. Em "Crônicas da rua", com o subtítulo "Rua Santa Catarina", o escritor descreve alguns moradores que trouxeram inovações para Dourados:

> Caminheiro pertinente que sempre fui, até agora, das ruas de Dourados, venho hoje modificar o feitio das minhas viagens, para viajar com o brasileiro e paulista de fibra, descendente de alemães, Snr. José Gnutzmann, na sua charrete. É preciso que se diga que foi ele, o Snr. José, o primeiro que nos trouxe essa modalidade de veículos. É pena que com isso ele venha nos deixar viciados, à ponto de não queremos mais andar á pé. Mas, como ia contando à você, caro leitor e amigo, eu na charrete do Snr. José, gosando de uns momentos de confortável condução,

> naquela manhã clara de lindo sol do dia 9, fui ver a rua Santa Catarina (CARMELLO, *O Progresso*, 26 de agosto de 1951).

Como salienta o cronista, a charrete foi agregada ao cotidiano dos moradores (principalmente indígenas e a classe baixa) e, até os dias de hoje, presencia-se a sua circulação nas ruas da cidade. O Sr. José Gnutzmann é apenas um exemplo de vários outros que, ao se mudar para este estado, trouxeram novas experiências e habilidades. A crônica prossegue com uma homenagem à rua, aos moradores que construíram nela as suas casas e o cronista a compara com o progresso do Estado de Santa Catarina:

> A rua Santa Catarina, que nos lembra um dos Estados do nosso grandioso Brasil, aquele Estado progressista do Sul que dispõe atualmente de 52 municípios e que conta com 1.578.159 habitantes distribuídos nos mesmos. E assim, a rua Santa Catarina vai ser, em futuro não muito remoto, uma rua bem movimentada e também progressista como as demais de Dourados. Pudéra! Santa Catarina está ai mesmo para abençoar a todos nós que trazemos na lembrança o seu santo e lindo nome!... (*O Progresso*, 26 de agosto de 1951).

Tendo em vista a influência política que os volumes do jornal exerciam, pressupõe-se que as crônicas eram uma forma descontraída de promover opiniões positivas sobre o município que, de acordo com o cronista, estava progredindo gradativamente. E, deve-se salientar que a cultura indígena e/ou paraguaia, como já exemplificado no capítulo anterior, apesar de grande influência cultural, pouco é exaltada ou lembrada nas colunas do jornal. Carmello, por exemplo, descreve várias ruas da cidade que carregam o nome de Estados ou personalidades importantes, e destaca os moradores que faziam parte delas. Porém, não descreve sobre os moradores indígenas e paraguaios.

Em *Memória fotográfica de Dourados*, são visualizados com maior clareza os mesmos aspectos físicos das ruas apontados nas crônicas de Carmello. Na décima segunda página da obra, observa-se duas imagens da Praça Antonio João: “Vê-se em primeiro plano, a rua Principal, hoje Avenida Marcelino Pires e a Praça Antônio João – esta cercada – tendo ao centro um campo de futebol natural. As residências que aí existiam são poucas e conservam aspecto de chácaras” (MOREIRA, p. 12, 1990). A foto foi tirada na década de 1930 e, aproximadamente após 20 anos, tem-se uma visão diferente sobre a praça. De acordo com Carmello:

> Estou ficando velho nesta secçãozinha, que a amabilidade dos meus confrades Weimar Torres e Naurestides Brandão me colocaram. Pretendia deixá-la neste numero, não fôsse o que os meus olhos estão vendo pelas ruas da nossa cidade. Coisas de bastante interesse para a nossa coletividade. Interesse que precisa de alguns comentários. A nossa principal e bela Praça Antonio João, com os seus

> muros lateráis, representa a menina dos olhos do nosso Prefeito, na hora atual. Uma observação, este cronista deseja externar ao nosso Chefe do Executivo Municipal. Ss. vai mandar pintar os muros (*O Progresso*, 27 de janeiro de 1953).

Através de crônicas como esta, Armando Carmello se tornou um dos mais importantes críticos das mazelas do governo e reivindicou melhorias para a cidade. Para propiciar transformações sociais, o jornalista precisa captar as necessidades da sociedade e aprofundar-se nos acontecimentos que a envolvem, já que esta é a produtora de acontecimentos, informações e conteúdos diversos. Porém, é preciso frisar que tais jornalistas estão sujeitos a limitações, pois se deve muitas vezes seguir a ideologia política, a linha editorial e as estratégias comerciais adotadas pela editoração do jornal.

A praça não é mais um cercado para jogar futebol, na década de 1950 ela passa a ser um patrimônio público importante para os moradores, "menina dos olhos do nosso Prefeito". O cronista expõe a necessidade de um cuidado especial com a praça, já que está localizada no centro da cidade e é local de referência para os moradores. Como afirma Moreira, na foto tirada, as casas estavam localizadas mais ao centro e com aspectos de chácaras, mas com o crescimento da população e com a urbanização da cidade, a rua principal foi destinada, principalmente, para as casas comerciais. Ainda, de acordo com a historiadora, a região central também era ponto de encontro para a realização das festividades da cidade:

> Esta região central tem uma importância primordial, pois, é ai que acontecem as festividades cívicas e religiosas, ponto alto da vida social do povoado. Por ocasião das festividades, esta região central do povoado acolhia os moradores das fazendas ou das chácaras, que andavam léguas e léguas a cavalo para aqui chegar (MOREIRA, 1990, p. 12).

A periodicidade na qual Carmello publicava suas crônicas nos permite observar e acompanhar os avanços da sociedade na época. Na coluna publicada em 17 de junho 1951, ele retrata as mudanças na fisionomia da cidade com as novas construções, "indício veemente de um progresso vertiginoso que nos assalta". Como verdadeiro peregrino, ele menciona a rua Pernambuco, que também leva o nome de um dos Estados do Brasil. A rua é uma das principais da cidade por contemplar construção do empreendedor Austrilio Ferreira de Souza, o cinema Cine Santa Rita. Diante de tais dados, percebe-se que as crônicas de Carmello contribuíram para a valorização da memória coletiva e do processo de formação histórica da cidade de Dourados. Como afirma Le Goff:

> Exorbitante a história como ciências e como culto público, ao mesmo tempo a montante, enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/monumentos, e aval, eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a

> memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominadas, lutando, todas, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção (LE GOFF, 2003, p. 469).

Pode-se dizer que Armando da Silva Carmello descreveu, de forma geral, a memória de um grupo, do qual participou, e que hoje forma, através de seus textos e de muitos outros, um conjunto de reflexões sobre o desenvolvimento do município. O escritor não menciona os bairros mais afastados do centro e nem a miséria de algumas famílias, descrevendo apenas as ruas com construções que julga importantes para o desenvolvimento da cidade ou os moradores mais influentes. Por mais que o escritor represente a classe dominante, não podemos deixar de analisar e de considerar como importantes suas crônicas sobre os moradores e sobre as ruas de Dourados, sobretudo do ponto de vista histórico, mas também literário. Através das colunas do jornal descreveu suas experiências de jornalista e registrou intencionalmente ou não, informações históricas que contribuem para as pesquisas atuais, sobretudo nas áreas de literatura e história, mas também geografia, política, costumes, etc, e que certamente merecem ser lidas e discutidas entre acadêmicos e leitores em geral, interessados em conhecer o processo de formação cultural da cidade de Dourados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação de mestrado teve como objetivo específico analisar textos literários do jornal *O Progresso* em um período de três décadas (1950 a 1980). Para a obtenção de resultados coerentes que levassem a uma reflexão sobre a origem cultural de determinado grupo, recorremos a diversas fontes. Primeiramente, é preciso afirmar que os textos selecionados das edições do jornal devem ser vistos como registros memorialísticos, pois conservam lembranças de uma época que estava passando por transformações econômicas, geográficas e culturais. E, como afirma Le Goff (2003), a memória está nos próprios alicerces da História, confundindo-se com o documento, com o monumento e com a oralidade.

Weimar Gonçalves Torres, José Pereira Lins e Armando da Silva Carmello publicavam seus textos, possivelmente, não com intenções de se tornarem reconhecidos nacionalmente, mas com o intuito de levar para todo o Estado as características deste novo município que se formava. Demonstravam a necessidade de trabalhadores e governadores empenhados no processo de desenvolvimento de Dourados, pois a cidade era considerada atrasada na economia, religião, educação, dentre outros setores sociais, com alto índice de criminalidade e apresentando uma população rústica e miscigenada.

Após analisar algumas das colunas, tendo como base leituras de diversos teóricos e estudiosos que retratam o regionalismo, observamos a preocupação em registrar fatos que representassem a identidade da cidade. Por ser uma região localizada no interior do Brasil sertanejo, na faixa fronteiriça com o Paraguai, procurou-se destacar e enaltecer as características vigentes do local. Porém, como se pode constatar em algumas colunas, a população indígena foi totalmente excluída da nova sociedade que se formava. Na coluna de Carmello intitulada “Os primeiros povoadores”, ele aponta os colonos como os primeiros moradores do município: “Vem do ano de 1884, a entrada, para as terras do Município, do primeiro morador, de nome José Serrano” (*O Progresso*, 01 de janeiro de 1955). Observa Ernandes:

> Em Dourados o contato com as frentes de expansão e ocupações nacionais, trouxeram soluções e com elas novos problemas. Se os espaços considerados vazios, as matas virgens e as terras abundantes e férteis atraíram migrantes, a existência atraiu os primeiros grupos religiosos protestantes. A instalação do não-índio, demonstrava não só a desestruturação dos territórios e da cultura indígena pela tomada da terra e pela utilização da mão-de-obra, mas também alcoolismo, de doenças e novos costumes e crenças (ERNANDES, 2009, p. 34).

Através de tal afirmativa levantada pelo historiador, é possível afirmar que a cultura douradense foi moldada tendo como critérios, estratégias políticas de civilização e exploração do grande território considerado "desocupado". Nas colunas analisadas, principalmente nas crônicas de Carmello, destaca-se a migração de diversos povos para o trabalho braçal. Em "Colono de ontem e hoje" o escritor relata sobre a importância dos migrantes em nossa região:

> Como preâmbulo da crônica de hoje, para os leitores do nosso jornal, devo dizer com toda a certeza e com conhecimento próprio, que sempre os colonos de Dourados mereceram, a nossa maior atenção; sempre os colonos de Dourados encontraram, de nossa parte, isto é, da redação deste pequeno jornal do interior matogrossense, todo o apoio e toda a consideração que bem merecem como elementos que constituem a artéria principal que trabalha pelo abastecimento de todos os setores da vida nacional, no seu trabalho nas lavouras (*O Progresso*, 08 de abril de 1956).

Na obra de Moreira tem-se a imagem fotográfica dos colonos trabalhando em seus lotes: "Quem recebia o lote tinha como proposta de vida se tornar proprietário, obter lucro com a terra e melhorar de vida. Para que isto acontecesse, os trabalhadores teriam que alcançar uma grande produtividade, a partir da disciplina que lhe era imposta" (MOREIRA, 1990, p. 83). Os colonos recebiam os lotes de 20 a 50 hectares gratuitamente, porém deveriam tornar as terras produtivas e geradoras de lucros. Toda área do então sul de Mato Grosso necessitava ser colonizada e modernizada, para garantir a integridade territorial e política do país.

As memórias registradas nas colunas do jornal apresentam um viés próprio de cada escritor. O professor Lins, por exemplo, escreveu colunas voltadas para interesses educacionais, incentivou a leitura dos cânones literários e a criação de bibliotecas públicas. Conclui-se que o escritor, de alguma forma, contribuiu para o desenvolvimento da cidade. Porém, deve-se levar em consideração que a cidade, na época retratada, apresentava uma situação educacional precária e, tendo como base o número de habitantes, o índice de leitores era muito baixo. De acordo com Rangel Torres, mencionado na dissertação de Ernandes: "Para Rangel Torres, os douradenses eram trabalhadores rurais que nem liam jornais, pouco ou nada viajados, longe de estar à altura para um mandato que exigia aptidão. Mas, eram homens com tino para as coisas, capazes de fazer muito pela prosperidade do local" (*apud* ERNANDES, 2009, p. 32). Ou seja, os moradores possuíam apenas qualificação para o trabalho braçal e não possuíam formação suficiente para exercer cargos públicos.

É a partir da história do local que o sujeito pensa e produz conhecimento. Os poetas e cronistas do jornal desempenharam a função de manifestar e motivar a vinda de outras nacionalidades para a região, para isso exploravam e relatavam os pontos positivos do local. Mário Cezar Silva Leite, no prefácio da obra *Literatura, arte e cultura na fronteira Sul-mato-grossense*, destaca que a literatura regional procura identificar a própria comunidade:

> Em decorrência de sua definição, identificação e diferenciação o discurso regionalista visa não apenas à criação de sua auto-imagem, mas à inserção no conjunto – e na disputa – do discurso nacional que, por seu turno, elege e cria determinadas regiões como legítimas representantes do nacional (LEITE, *apud* SANTOS, 2010, p. IX).

A identidade cultural de um local está diretamente relacionada com o meio natural e social. Os símbolos criados para representar uma história estabelecem vínculos que implicam um tipo de consciência e de materialidade social que evidencia certo apego e afeição pelo local. Tais aspectos são de grande importância para o desenvolvimento de determinada região, visto que a valorização da cultura popular contribui para que a sociedade fortaleça a individualização e a diferenciação diante do Outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras / Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 2003.

ABREU, Márcia. (Org). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras / Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999.

ABREU, Márcia. (Org.). *Cultura letrada no Brasil*: Objetos e práticas. Campinas: Mercado das Letras / Associação de Leitura no Brasil (ABL); São Paulo: FAPESP, 2005 (Coleção História da Leitura).

ABREU, Mauricio de Almeida. Sobre a memória das cidades. In: *Revista Território*, ano III, nº 4, jan./jun. 1998.

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca:* escritos efêmeros sobre arte, cultura, e literatura. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ALMEIDA, Theotônio Alves de. *Circular nº 5* – Nota de falecimento de Weimar Torres. Dourados, 22 de setembro de 1969.

AMARILHA, Carlos Magno Mieres. 30 anos de Mato Grosso do Sul: memórias, histórias e umas pendengas. CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira e GONÇALVES, Carlos Barros (orgs.). *VI Semana da História de Dourados:* História, memória e produção intelectual. Dourados: UFGD: APGH, 2009, p. 55- 65.

AMARILHA, Carlos Magno Mieres. *Uma prosa douradense*. Dourados: Grupo Literário Arandu, 2012.

ANDRADE, Fernanda Chaves de. Os discursos sobre o progresso: a imprensa de Dourados e região no início da década de 50 do século XX. In: GONÇALVES, Carlos Barros; CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira (Orgs.). *Anais da VI semana de história de Dourados:* história, memória e produção intelectual. Dourados, MS: UFGD: APGH, 2009.

BARZOTTO, Leoné Astride. A construção da identidade cultural por meio do texto literário pós-colonial: Brasil e Guiana. In: BUNGART NETO, Paulo; PINHEIRO, Alexandra Santos (Orgs.). *Estudos culturais e contemporaneidade*: Literatura, história e memória. Dourados: Ed. UFGD, 2012, p. 81-107.

BECKER, Caroline Valada. *A crônica e suas molduras, um estudo genológico.* Revista Estação Literária, v. 11, jan./jun. 2013.

BONNICI, Thomas. Teoria crítica pós-colonialista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs). *Teoria literária:* abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3ª Ed. Maringá: Eduem, 2009, p. 257-285.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*: lembranças de velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléia. *O tempo vivo da memória*: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BUNGART NETO, Paulo; PINHEIRO, Alexandra Santos (Orgs.). *Estudos culturais e contemporaneidade*: Literatura, história e memória. Dourados: Ed. UFGD, 2012.

BURKE, Peter (Org). *A escrita da história*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

CAMPESTRINI, Hildebrando; GUIMARÃES, Acyr Vaz. *História de Mato Grosso do Sul*. Assembléia Legislativa de Mato Grosso do Sul, 1991.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e cultura*, v.24. n. 9, set. 1972, p.803-809.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *Vários escritos*. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 235-263.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Ed. Nacional, 1967.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: *A crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992, p. 13-22.

CARMELLO, Armando da Silva. *Dourados*: Terra prometida. Dourados: Edição do Autor, 1978.

CARLI, Maria Aparecida Ferreira. *Dourados e a democratização da terra:* povoamento da Colônia Municipal de Dourados (1946-1956). Dourados: Editora da UFGD, 2008.

CHARTIER, Roger. Poderes e limites da representação. Marin, o discurso e a imagem. In: CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*: a história entre incertezas e inquietude. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002, p. 163-179.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COSER, Stelamaris. Híbrido, hibridismo e hibridização. In: FIGUEIREDO, Eurídice. *Conceitos de Literatura e Cultura.* Juiz de Fora: UFJF, 2005, p. 163-188.

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria (Orgs.). *A Literatura no Brasil*. São Paulo: Global, 2004.

DECCA, Edgar Salvadori de; LEMAIRE, Ria. *Pelas margens*: Outros caminhos da história e da literatura. Campinas: Ed. da Unicamp; Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

EAGLETON, Terry. *Depois da teoria*: Um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo. Tradução de Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos* (Org.). Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*: uma história dos costumes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ERNANDES, Mercolis Alexandre. *A construção da identidade douradense:* 1920 a 1990. Dourados: UFGD, 2009.

FERREIRA, Áurea Rita de Ávila; LORO, Telma Valle de. *Manifestações Literárias em Dourados*. Fundação Cultural e de Esportes de Dourados – FUNCED / Prefeitura Municipal de Dourados. Dourados: Ed. Presença, 1985.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. *Leitura, literatura infanto-juvenil e educação*. Londrina: EDUEL, 2007.

GOMES, Otávio Gonçalves. *A poesia de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Resenha Tributária, 1982.

GRESSLER, Lori Alice. *Aspectos históricos do povoamento e da colonização do Estado de Mato Grosso do Sul:* Destaque especial ao município de Dourados. Dourados: Ed. L.A Gressler, 1988.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva.* Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

INAGAKI, Edna Mitsue. *Imigração japonesa para o Brasil:* Os japoneses em Dourados (século XIX e XX). Dourados, MS: Editora UEMS, 2008.

LANGER, Protásio Paulo; MARQUES, Sônia Maria dos Santos; MARSCHNER,Walter Roberto (Orgs). *Sudoeste do Paraná:* ocupação territorial e diversidade étnica. Dourados: Ed. da UFGD, 2010.

LE GOFF, Jacques. *História e memória.* Tradução Bernardo Leitão. 5ª ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003.

PEREIRA, Adriana Viana; PINHEIRO, Alexandra Santos. Histórias de leitura de um deputado Federal: o poeta Weimar Torres. São Carlos: Departamento de Letras / Centro de Educação e Ciências Humanas, 2010.

LEMAIRE, Ria. O mundo feito texto. In: DECCA, Edgar Salvadori de Decca; LEMAIRE, Ria (Orgs.). *Pelas margens*: outros caminhos da história e da literatura. Campinas: Ed. da Unicamp; Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000, p. 9-13.

LINS, José Pereira. *Hélio Serejo... sublime poema!* Dourados: Ed. Departamento Cultural do Colégio Oswaldo Cruz, 1994.

LINS, José Pereira. *Lobivar Matos*: O poeta desconhecido. Dourados: Ed. Departamento Cultural do Colégio Oswaldo Cruz, 1994.

LINS, José Pereira. *Os olhos de Deus*. Dourados: Ed. Dinâmica, 2004.

LINS, José Pereira. *As aves de arribação*. Dourados: Ed. Nicanor Coelho, s/d.

LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza (Orgs). *História da imprensa no Brasil.* 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista*: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: FAPESP, 2001.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. *Introdução aos Estudos Culturais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MOREIRA, Regina Heloisa Targa. *Memória fotográfica de Dourados.* Campo Grande, MS: UFMS, 1990.

NOGUEIRA, Albana Xavier; ROSA, Maria da Glória Sá. *A literatura sul-mato-grossense na ótica de seus construtores*. Campo Grande: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2011.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário.* São Paulo: Contexto, 2007.

O Progresso. Encadernações do jornal entre 1951 e 1980.

PEREIRA, Adriana Viana; PINHEIRO, Alexandra Santos. Histórias de leitura de um deputado Federal: o poeta Weimar Torres. São Carlos: Departamento de Letras / Centro de Educação e Ciências Humanas, 2010.

PESAVENTO, Sandra Janathy. História & Literatura: uma velha-nova história. In: COSTA, Cléria Botelho & MACHADO, Maria Clara Tomaz (Orgs). *História e Literatura:* identidades e fronteiras. Uberlândia: EDUFU, 2006, p. 11-27.

PIZA, Daniel. *Jornalismo Cultural*. São Paulo: Contexto, 2004.

PONTES, José Couto Vieira. *A história da literatura sul-mato-grossense*. São Paulo: Editora do Escritor, 1981.

REIS, Elpídio. *Ponta Porã, polca, churrasco e chimarrão*. Rio de Janeiro: Folha Carioca Editora Ltda, 1981.

RODRIGUES, J. Barbosa. *Isto é Mato Grosso do Sul:* nasce um estado. Campo Grande: Edição do Autor, 1978.

RODRIGUES, J. Barbosa. *História de Mato Grosso do Sul*. São Paulo: Editora do Escritor, 1985.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. *Fronteiras do local*: Roteiro para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. *Entretextos*: crítica comparada em literaturas de fronteiras. Campo Grande: Life Editora, 2012.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. *Literatura, arte e cultura na Fronteira Sul-Mato-Grossense.* Dourados: Seriema, 2010.

SOUZA, Roney Salina de. *Assafaru = A viagem: imigrantes sírios e libaneses em Dourados*. Dourados: Editora UEMS, 2008.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições de Graal, 1977.

TORRES, Weimar Gonçalves. *Coração de Estudante* (Caderno de Anotações), 1941.

TORRES, Weimar Gonçalves. *Juventude* (Caderno de Anotações), 1944.

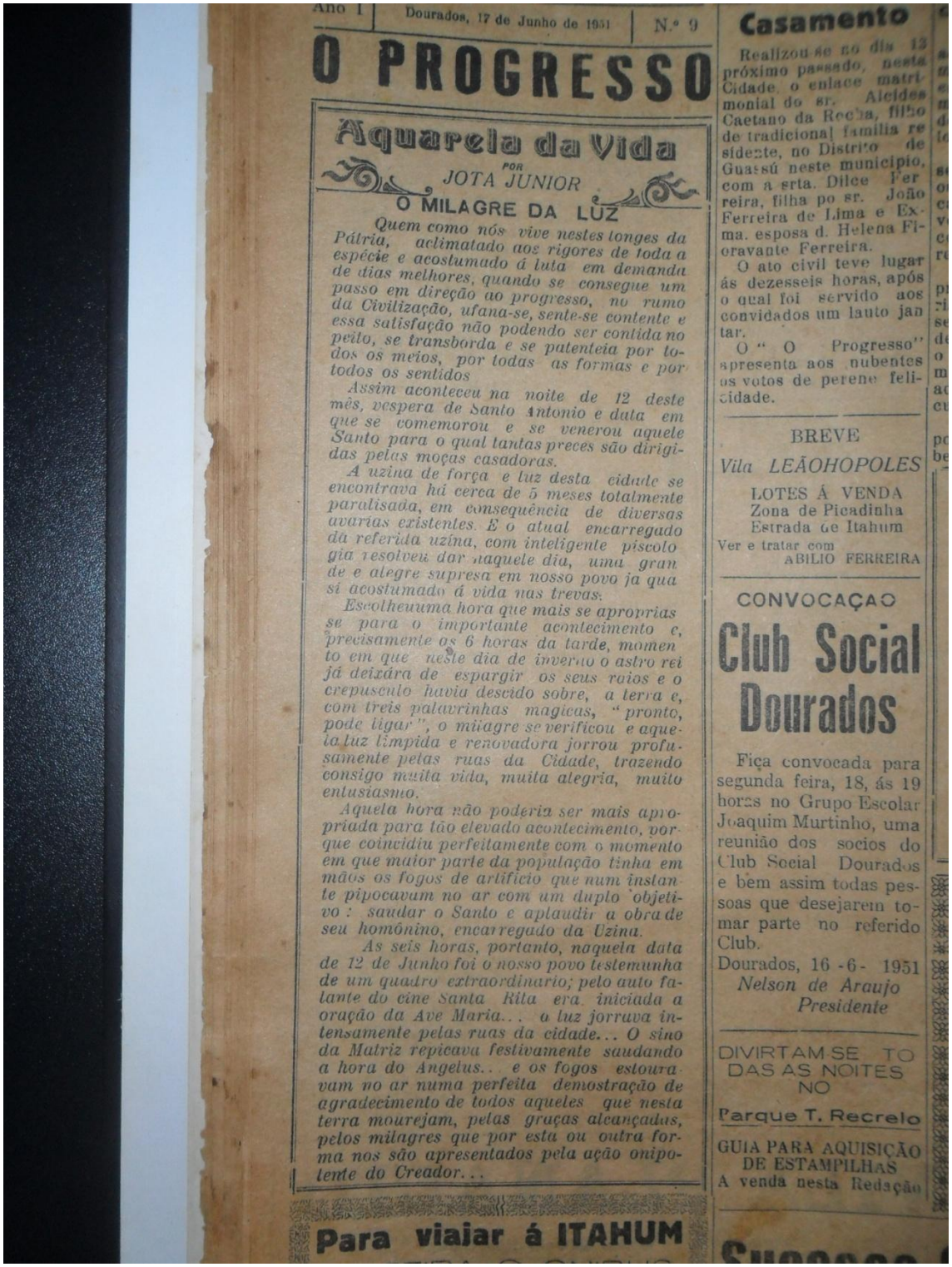
TORRES, Weimar Gonçalves. *Meus Versos*: Edição póstuma dos versos de Weimar Torres. Ed. Alvorada: Campo Grande, 2012.

THOMPSON, Paul. Interpretação: a construção do passado. *A voz do passado:* história oral. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1998, p. 104-137.

VARGAS, Herom. *Hibridismos musicais de Chico Science & Nação Zumbi.* Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

ANEXOS

Anexo I



Ano I | Dourados, 17 de Junho de 1951 | N.º 9

O PROGRESSO

Aquarela da Vida

POR JOTA JUNIOR

O MILAGRE DA LUZ

Quem como nós vive nestes longes da Pátria, aclimatado aos rigores de toda a espécie e acostumado á luta em demanda de dias melhores, quando se consegue um passo em direção ao progresso, no rumo da Civilização, ufana-se, sente-se contente e essa satisfação não podendo ser contida no peito, se transborda e se patenteia por todos os meios, por todas as formas e por todos os sentidos

Assim aconteceu na noite de 12 deste mês, vespera de Santo Antonio e data em que se comemorou e se venerou aquele Santo para o qual tantas preces são dirigidas pelas moças casadoras.

A uzina de força e luz desta cidade se encontrava há cerca de 5 meses totalmente paralisada, em consequência de diversas avarias existentes. E o atual encarregado da referida uzina, com inteligente piscologia resolveu dar naquele dia, uma grande e alegre supresa em nosso povo ja quasi acostumado á vida nas trevas.

Escolheuuma hora que mais se apropriasse para o importante acontecimento e, precisamente os 6 horas da tarde, momento em que neste dia de inverno o astro rei já deixára de espargir os seus raios e o crepusculo havia descido sobre, a terra e, com treis palavrinhas magicas, "pronto, pode ligar", o milagre se verificou e aquela luz limpida e renovadora jorrou profusamente pelas ruas da Cidade, trazendo consigo muita vida, muita alegria, muito entusiasmo.

Aquela hora não poderia ser mais apropriada para tão elevado acontecimento, porque coincidiu perfeitamente com o momento em que maior parte da população tinha em mãos os fogos de artificio que num instante pipocavam no ar com um duplo objetivo: saudar o Santo e aplaudir a obra de seu homônino, encarregado da Uzina.

As seis horas, portanto, naquela data de 12 de Junho foi o nosso povo testemunha de um quadro extraordinario; pelo auto falante do cine Santa Rita era iniciada a oração da Ave Maria... a luz jorrava intensamente pelas ruas da cidade... O sino da Matriz repicava festivamente saudando a hora do Angelus... e os fogos estouravam no ar numa perfeita demostração de agradecimento de todos aqueles que nesta terra mourejam, pelas graças alcançadas, pelos milagres que por esta ou outra forma nos são apresentados pela ação onipotente do Creador...

Casamento

Realizou-se no dia 12 próximo passado, nesta Cidade, o enlace matrimonial do sr. Alcides Caetano da Rocha, filho de tradicional familia residente, no Distrito de Guassú neste municipio, com a srta. Dilce Ferreira, filha po sr. João Ferreira de Lima e Exma. esposa d. Helena Fioravante Ferreira.

O ato civil teve lugar ás dezesseis horas, após o qual foi servido aos convidados um lauto jantar.

O "O Progresso" apresenta aos nubentes os votos de perene felicidade.

BREVE

Vila LEÃOHOPOLES

LOTES Á VENDA
Zona de Picadinha
Estrada de Itahum

Ver e tratar com
ABILIO FERREIRA

CONVOCAÇAO

Club Social Dourados

Fiça convocada para segunda feira, 18, ás 19 horas no Grupo Escolar Joaquim Murtinho, uma reunião dos socios do Club Social Dourados e bem assim todas pessoas que desejarem tomar parte no referido Club.

Dourados, 16-6-1951
Nelson de Araujo
Presidente

DIVIRTAM-SE TODAS AS NOITES NO

Parque T. Recreio

GUIA PARA AQUISIÇÃO DE ESTAMPILHAS
A venda nesta Redação

Para viajar á ITAHUM

O Progresso, 17 de junho de 1951.

Anexo II

GOVERNADORIA DO DISTRITO L-12

1969 - 1970

CL – RUY GOMES
Governador
Fones 203 e 297 — Caixa Postal 218
Rua Sergipe 593
DOURADOS — MATO GROSSO

CL – THEOTÔNIO ALVES DE ALMEIDA
Secretário Tesoureiro
Fone 263 — Caixa Postal 218
Rua Paraíba 584
DOURADOS — MATO GROSSO

Circular nº 5/ST. Dourados, 22 de setembro de 1969.

Prezados Companheiros :

Cumprimos, hoje, o triste e inesperado dever de levar até aos Companheiros, a notícia do desaparecimento do nosso Companheiro e Amigo o DR.WEIMAR GONÇALVES TORRES, Deputado-Federal, pelo Estado de Mato Grosso, falecido na hecatombe-aérea, do dia 14 de setembro de 1 969, na cidade de Londrina, Estado do Paraná.

O CL. WEIMAR GONÇALVES TORRES, ingressou em nossas hostes em outubro de 1 959. Exerceu vários cargos,com destaque, inclusive o cargo de Presidente de Divisão.

O extinto era genro do CL VLADEMIRO MULLER DOAMARAL e cunhado do CL. MIGUEL ANGELO DO AMARAL e do CL. EDUARDO UGOLINI DE MOURA.

Juntamos um pequeno esbôço biográfico do nosso,já saudoso, Companheiro, não só como uma homenagem póstuma, como também para que nos sirva de paradigma, nós que também amamos a nossa Pátria, a nossa Família e, principalmente, amamos os menos protegidos pelo destino.

Nós servimos,

CL.THEOTÔNIO ALVES DE ALMEIDA
SECRETÁRIO-TESOUREIRO - DISTRITO L-12.

Anexo III

VALÉRIA

COLUNA RELIGIOS

DEUS

Algumas pessoas parecem não s
mas capazes de pensar em Deus.
Não é Deus que se afasta da pe
mas é esta que se afasta de Deus.

Algumas pes-
soas pretendem
poder tratar me-
lhor da sua vida
material, afas-
tando-se de De-
us, calando e ne-
gando a Deus.
Porém, onde fal-
ta a Deus, falta
muita coisa..
Com Paulo VI,
podemos dizer:
onde falta Deus,

falta a razão suprema das coisas e da
e a luz das certezas primeiras e o
ativo moral e irrecusável, sem os q
ordem humana não pode passar.
Deus quer que todos os homem se
irmãos.
Bem que Deus mais aprecia é a
de Justiça e da caridade.
Nós tem o propósito de levar a ef
mundo a grande obra da promo
cia, a começar pelas crianças, dê
mais tenros anos.
E é o grande amigo, com quem
de fazer e manter amizade.

mos em Nossa Gráfica

Revista do Govêrno dos EUA desta-

MEUS VERSOS

É o livro de autoria de WEIMAR TORRES, *que foi poeta da mais fina sensibilidade, jornalista criterioso, homem público impoluto e batalhador incansável pelo progresso de Dourados, cidade que êle amava com todas as véras de sua alma, e onde deixou marcos imperecíveis, que atestarão às gerações, o quanto foi benéfica a sua existência.*

Entre êsses testemunhos que o tempo não destrói, destaca-se pelo alto significado social, a CASA DA CRIANÇA DESAMPARADA DE DOURADOS", obra que nasceu do seu espírito humanitário, e por forma eloquente mostra quanto era grande, o seu amor pelas crianças de nossa cidade, desprotegidas da sorte.

Muito em breve o livro MEUS VERSOS *vai ser posto à venda, e a renda total reverterá inteiramente em benefício da CASA DA CRIANÇA DESAMPARADA DE DOURADOS.*

Ao comprar êsse livro você estará homenageando duplamente a memória de quem se tornou credor da gratidão dos douradenses.

Porque tôda a beleza deslumbrante, suave ternura e doce candura que êsse livro encerra; assim como a magnânima obra de assistência à nossa infância desvalida, são fruto da sublime inspiração e do espírito abnegado de WEIMAR TORRES.

O Progresso, 29 de agosto de 1970.

Anexo IV

REVIVENCIA

Há muito tempo atraz, havia, em cidade visinha nossa, um jornal. Chamava-se, como este, " O PROGRESSO ". A cidade florescente galgava, passo a passo os degráus da civilização. E, aquele jornal pequeno e despretencioso, registrou com serenidade e equilibrio, testemunhou com fé e heroïsmo os fatos mais assinalados de uma jornada empolgante em demanda ao futuro e, em pinceladas fortes e vivas, retratou a historia das lutas inglorias e gloriosas, das campanhas revolucionarias, dos ideais e angustias de uma gente brava que através de anos e anos legaram à Mato Grosso e à Patria uma formosa e alviçareira Ponta Porã.

Dirigiu esse jornal, a mão firme de um homen que, si outros predicados não ostentava, posuia os da bondade, da justiça e da perseverança. E o espirito dessas qualidades irradiava claramente em cada numero daquele " O PROGRESSO ", como a lua se espelhando numa clara lagoa da campina.

Bondoso, ele sabia dar acolhida e voz aos humildes para clamarem contra os opressores. Justo, não lhe faltou jamais a palavra para enaltecer a virtude e verberar o erro. Perseverante, não descansou nunca em meio da jornada.

Esse homem dorme para sempre. Morreu como viveu. Farol que se apagou após sessenta anos de trabalho, extinguiu-se aclaraddo ainda, com seus derradeiros lampejos os caminhos da Bondade e da Justiça, perseverante em sua fé e no seu destino até o ultimo raio de luz...

É com a emoção dessas lembranças que hoje, em Dourados, lanço a público este jornal. Si esta terra, como aquela marcha agora, em passos largos para o um futuro radiante, Deus permita que, neste milagre de revivencia, " O PROGRESSO " de Dourados possa cumprir o seu destino como o cumpriu o " O PROGRESSO " de Ponta Porã.

E possa eu em sua direção, ser bom, justo e perseverante como o foi a figura inesquecivel de meu pai.

WEIMAR TORRES

O Progresso, 21 de abril de 1951.

Anexo V

SOCIAIS

Então, Meu pai, Nunca Mais!

Então Meu pai — até mais ...

Tanta vez nos despedimos
Em outros tempos atraz,
E, ao desperdir-nos, sorrindo,
com os olhos seus me fitando:
— Então meu filho até quando?
— Então meu pai, — até mais...

Eu me afastava tranquilo,
Tão certo como ninguem.
De que quando lá regressasse
Tu lá estarias também.

Dessa vez foi diferente
Nem me quizestes sorrir!
Fechaste os olhos cansados
Para não mais os abrir...

Depois. Depois te levaram...
Bem sei que não voltarás...
Porque, por que me deixaste?
Então meu pai, nunca mais!..

Nem viste a dôr lancinante
Nem me fitaste siquer.
Meu Deus meu pai nesse instante
Porque não tive o poder
De aprisionar tua alma,
De não deixar-te morrer?

Por que não vens de mansinho...
Venha ver que estou sózinho
— Por que da morte não sais?
Venha ver que estou chorando...
Então, meu filho até quando?
Então meu pai! — Nunca mais!!!

Weimar Torres

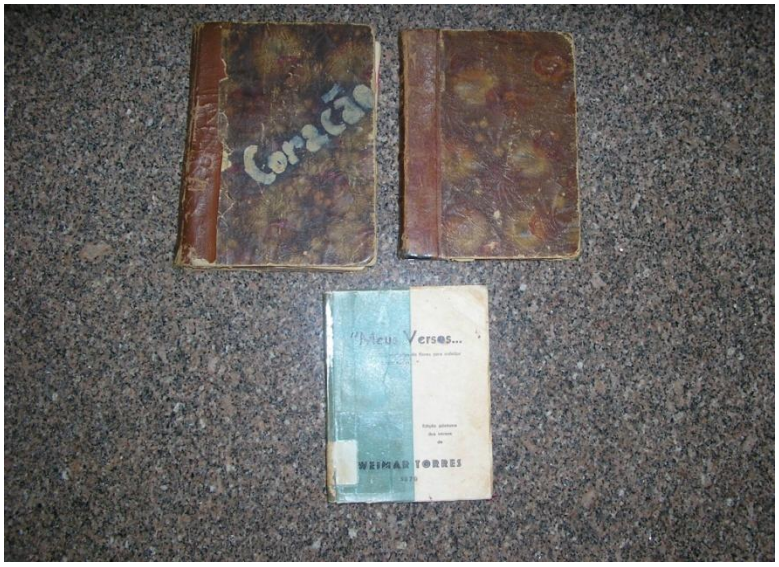
★

ANIVERSÁRIOS

Hoje — Sr. Raul Santos; sra. Dirce da Silva Gon

O Progresso, 21 abril de 1971.

Anexo VI



Caderno de anotação *Coração de Estudante*, *Juventude* e obra póstuma *Meus Versos*.

Anexo VII

Sublime Mendigo

Um dia... era de inverno... O vendaval gemia
Enchendo de misterio a natúreza morta,
E então tu apareces-te chorando em minha porta
E então tu me pediste a esmola da alegria.

A tua triste historia silencioso ouvi-a:
Uma historia de dor que o coração nos corta
Teu nome me disseste, chamava-te Maria,
E disseste a chorar, "Já nada me conforta."

Então pródigo e bom, eu dei-te o quanto tinha,
E então o teu sorriso encheu a vida minha,
Tornando-a mais doce e menos dolorida.

Mas veio a primavera... e tu me abandonas-te
E tu talvez não saibas, mendiga, que levaste
Na esmola que te dei a minha propria vida!

Weimar Torres

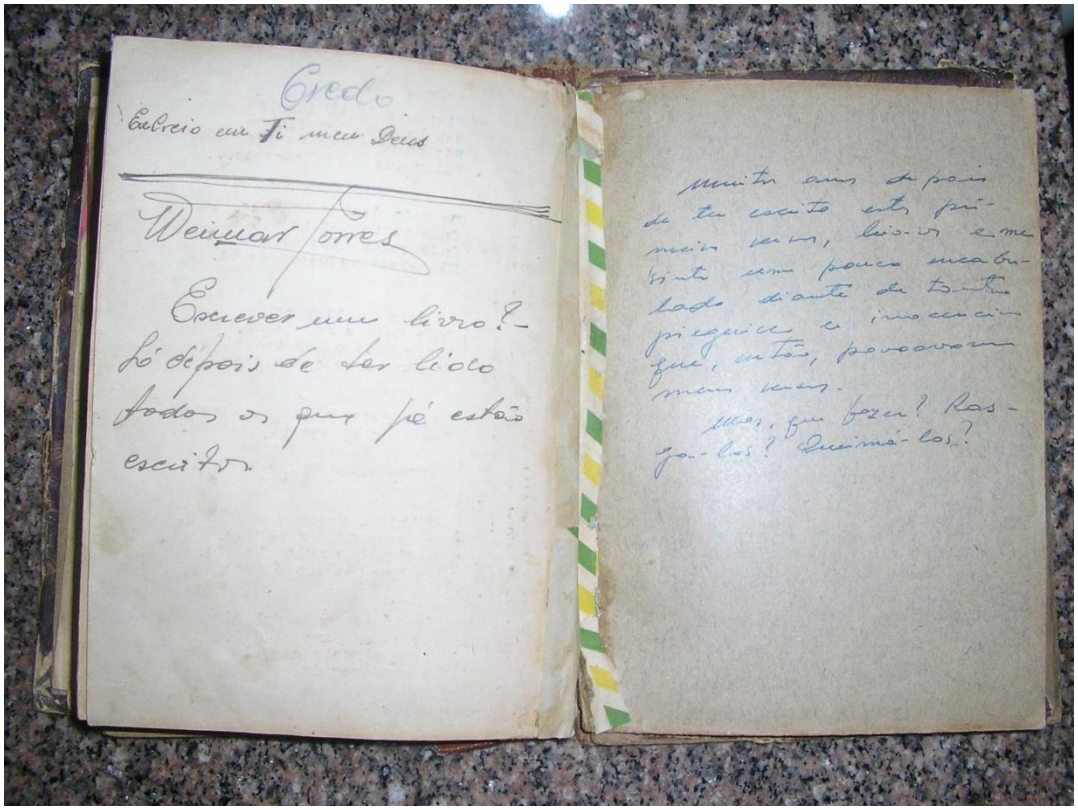
Rio, Abril de 41.
(Do livro a sair "Coração Estudante")

Contracapa do caderno da anotação *Coração de estudante*.

Anexo VIII

Caderno de anotação *Coração de Estudante*.

Anexo IX



Caderno de anotação *Juventude*

Anexo X

Pioneiros ó pioneiros

Dentro de 10 ou 15 anos, Dourados será uma grande cidade, com suas ruas repletas de automóveis, suas grandes industrias, suas magnificas lojas, seus edificios enormes, seu ginasio, seus cinemas, sua vida trepidante de cidade moça, palpitando em anseios e caprichos de mulher.

Quando tudo isso acontecer, não existirão mais muitas e muitas destas casas humildes, de janelinhas pobres, como olhos de crianças timidas e friorentas...

Quando tudo isso acontecer, e essas matas se transformarem em rosarios de cafezais, em ridentes lavouras enormes, quando a locomotiva apitar neste pedaço de chão, tudo sem duvida estará melhor.

Mas, nesses dias gloriosos, em que Dourados resplenderá aos olhos da patria, onde estarão os pioneiros?

Sim onde estarão os ultimos pioneiros daquele punhado de bravos que abriu neste, sertão, há 40 ou 50 anos, a primeira morada, que plantou neste prodigio de terra a primeira lavoura, que rasgou a primeira picada e aquí lançou a semente milagrosa de uma grande cidade?

Não nos esqueçamos dos pioneiros!

Não olvidemos os que batizaram esta terra e que já dormem para sempre no silencio de que nunca se desperta!

Dentro de 10 ou 15 anos, quando Dourados for uma grande cidade, onde estarão os pioneiros?

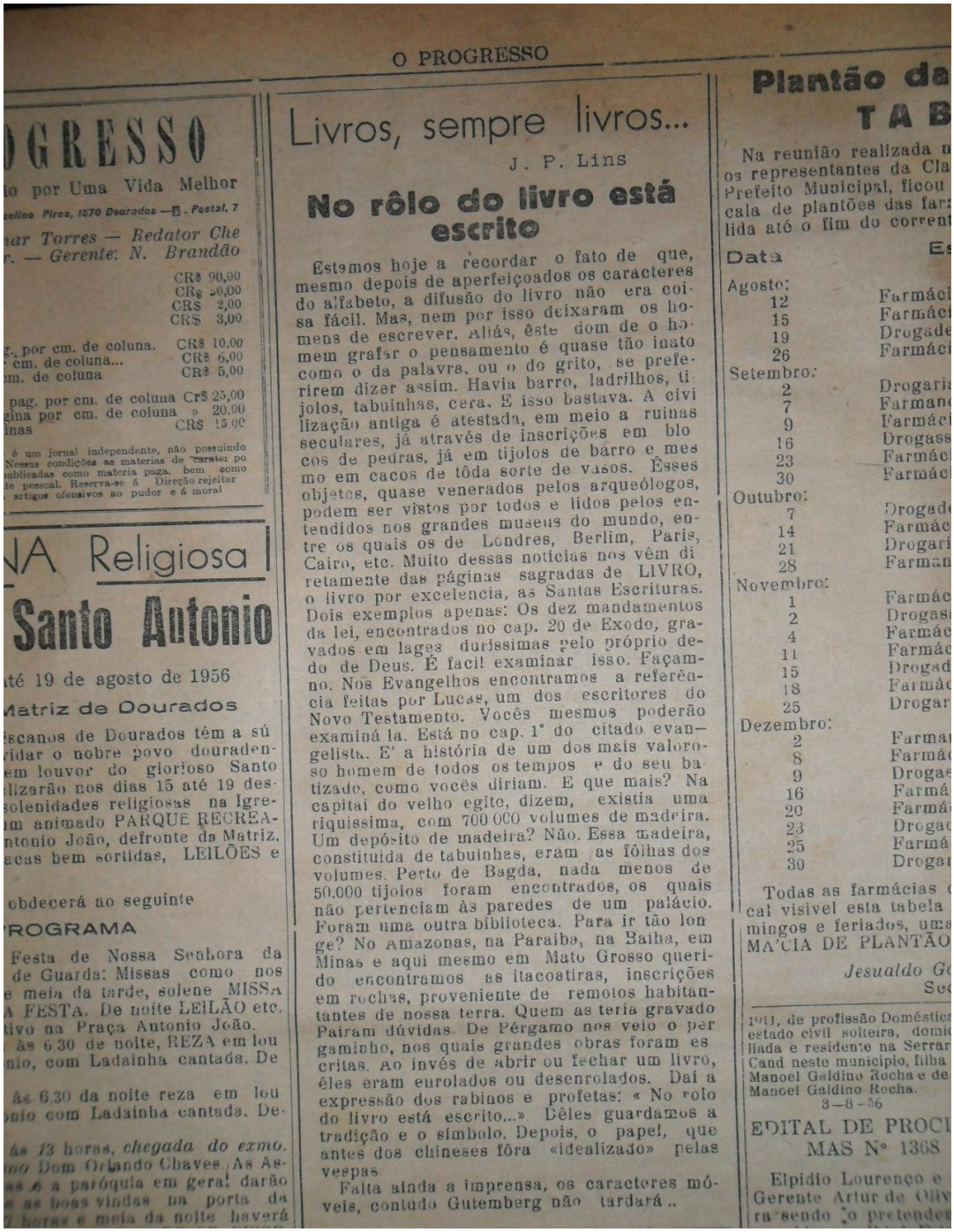
Estarão, por certo, no coração de todos que aquí vieram terminar a tarefa que eles iniciaram, de dar ao mundo mais uma Canaã mais uma terra Prometida.

Weimar Torres

Artigo Transcrito de O Progresso de Maio de 1951

O Progresso, 1 de abril de 1970.

Anexo XI



O PROGRESSO

GRESSO

o por Uma Vida Melhor

elino Pires, 1570 Dourados — . Postal, 7

ar Torres — Redator Che
r. — Gerente: N. Brandão

CR$ 90,00
CR$ 50,00
CR$ 2,00
CR$ 3,00

. por cm. de coluna. CR$ 10,00
cm. de coluna... CR$ 6,00
m. de coluna CR$ 5,00

pag. por cm. de coluna Cr$ 25,00
gina por cm. de coluna » 20,00
inas CR$ 15,00

é um jornal independente, não possuindo
Nessas condições as materias de carater po
ublicadas como materia paga, bem como
te pessoal. Reserva-se á Direção rejeitar
artigos ofensivos ao pudor e á moral

NA Religiosa

Santo Antonio

até 19 de agosto de 1956

Matriz de Dourados

iscanos de Dourados têm a sú
idar o nobre povo douradenses
em louvor do glorioso Santo
lizarão nos dias 15 até 19 des-
solenidades religiosas na Igre-
m animado PARQUE RECREA-
ntonio João, defronte da Matriz.
acas bem sortidas, LEILÕES e

obdecerá ao seguinte

ROGRAMA

Festa de Nossa Senhora da
de Guarda: Missas como nos
e meia da tarde, solene MISSA
A FESTA. De noite LEILÃO etc.
ivo na Praça Antonio João.
às 6.30 de noite, REZA em lou
nio, com Ladainha cantada. De

às 6.30 da noite reza em lou
nio com Ladainha cantada. De-

às 13 horas, chegada do exmo.
mo Dom Orlando Chaves. As As-
as e a paróquia em geral darão
e as boas vindas na porta da
horas e meia da noite haverá

Livros, sempre livros...

J. P. Lins

No rôlo do livro está escrito

Estamos hoje a recordar o fato de que, mesmo depois de aperfeiçoados os caracteres do alfabeto, a difusão do livro não era coisa fácil. Mas, nem por isso deixaram os homens de escrever. Aliás, êste dom de o homem grafar o pensamento é quase tão inato como o da palavra, ou o do grito, se preferirem dizer assim. Havia barro, ladrilhos, tijolos, tabuinhas, cera. E isso bastava. A civilização antiga é atestada, em meio a ruinas seculares, já através de inscrições em blocos de pedras, já em tijolos de barro e mesmo em cacos de tôda sorte de vasos. Êsses objetos, quase venerados pelos arqueólogos, podem ser vistos por todos e lidos pelos entendidos nos grandes museus do mundo, entre os quais os de Londres, Berlim, Paris, Cairo, etc. Muito dessas notícias nos vêm diretamente das páginas sagradas de LIVRO, o livro por excelencia, as Santas Escrituras. Dois exemplos apenas: Os dez mandamentos da lei, encontrados no cap. 20 de Exodo, gravados em lages durissimas pelo próprio dedo de Deus. É facil examinar isso. Façamno. Nos Evangelhos encontramos a referência feitas por Lucas, um dos escritores do Novo Testamento. Vocês mesmos poderão examiná la. Está no cap. 1° do citado evangelista. E' a história de um dos mais valoroso homem de todos os tempos e do seu batizado, como vocês diriam. E que mais? Na capital do velho egito, dizem, existia uma riquissima, com 700 000 volumes de madeira. Um depósito de madeira? Não. Essa madeira, constituida de tabuinhas, eram as fôlhas dos volumes. Perto de Bagda, nada menos de 50.000 tijolos foram encontrados, os quais não pertenciam às paredes de um palácio. Foram uma outra biblioteca. Para ir tão longe? No Amazonas, na Paraiba, na Baiha, em Minas e aqui mesmo em Mato Grosso querido encontramos as itacoatiras, inscrições em rochas, proveniente de remotos habitantes de nossa terra. Quem as teria gravado Pairam dúvidas. De Pérgamo nos veio o pergaminho, nos quais grandes obras foram escritas. Ao invés de abrir ou fechar um livro, êles eram enrolados ou desenrolados. Daí a expressão dos rabinos e profetas: « No rolo do livro está escrito...». Dêles guardamos a tradição e o símbolo. Depois, o papel, que antes dos chineses fôra «idealizado» pelas vespas.

Falta ainda a imprensa, os caracteres móveis, contudo Gutemberg não tardará ..

Plantão da
TAB

Na reunião realizada n
os representantes da Cla
Prefeito Municipal, ficou
cala de plantões das far
lida até o fim do corren

Data	Es
Agosto:	
12	Farmáci
15	Farmáci
19	Drogade
26	Farmáci
Setembro:	
2	Drogari
7	Farman
9	Farmáci
16	Drogass
23	Farmáci
30	Farmáci
Outubro:	
7	Drogad
14	Farmác
21	Drogari
28	Farman
Novembro:	
1	Farmác
2	Drogas
4	Farmác
11	Farmác
15	Drogad
18	Farmác
25	Drogar
Dezembro:	
2	Farma
8	Farmác
9	Drogas
16	Farmá
20	Farmá
23	Drogad
25	Farmá
30	Drogar

Todas as farmácias
cal visivel esta tabela
mingos e feriados, uma
MA'CIA DE PLANTÃO

Jesualdo G
Se

1911, de profissão Doméstica
estado civil solteira, domi
liada e residente na Serrar
Cand neste municipio, filha
Manoel Galdino Rocha e de
Manoel Galdino Rocha.
3—8—56

EDITAL DE PROCI
MAS Nº 1368

Elpidio Lourenço e
Gerente Artur de Oliv
ra sendo o pretender

O Progresso, 12 de agosto de 1956.

Anexo XII

o papel-moeda em c

tembro de 1956 | N.º 275

RESSO

portes

Uma
ha na chuteira

Dr. Petiscão

tirada conseguiu espalmar
ra a trave superior. O mes
o Ronald desfrutou tambem
duas oportunidades, fren-
a frente com o goleiro, mas
faltou o pé esquerdo.
E o Cruzeiro nessa primei-
metade de luta, atuou com
lor; revelando-se melhor
defesa do que no ataque.
ando maior era a pressão
Ubiratan, em um dos con-
ataques, do Cruzeiro, a
a vai a corner. Cobra Re-
e cria uma confusão na
ta do arco de Eladinho, e
ola, parece que, embuida
magnetismo penetra man-
ente no goal, indo às ma-
s da rede do alvi negro.
iro tentou salvar, porem
ra tarde. Pelo o que pare-
cheira outro frango do
linho' nas condições em
foi marcado . . . de cor-
direto. E esse goal, veio
parte desanimar o Ubira
Tanto que, quase a tota-
le do segundo tempo, o
zeiro impos no campo, de-
strando maior agressivi-
Atacou muito, porem al-
a oportunidade que lhe
u, não foi aproveitada,
sive em uma quando, Ba-
entrou de ofside, e fren-
frente com o goleiro,
fazer classe, proporcio-
o uma fácil defesa do
nho. Rosa apita outro pe
inexistente, benefician-
tra vez o Ubiratan. Ou
z o Ubiratan não apro-
Laudelino encarregado
brar, chuta fóra. Tambem
o de ser citado, uma
nidade que Lourenço
cara-a-cara com o

Livros, sempre livros...

J. P. Lins

Os Lusíadas

Felizmente ainda há quem leia Camões. Dias atrás surpreendi alguém declamando-o magistralmente: era um senhor de meia idade, mais velho do que môço. E' preciso frisar bem isso, pois a mocidade de hoje já o não lê e quando não o ignoram totalmente, sabem no apenas caolho e lhe atribuem algumas anedotas fesceninas. Mas aquêle meu amigo o recitava e com que entusiasmo! Se o que faz a Pátria, como dissera Bilac, é o idioma criado ou herdado pelo povo, o bom velhote se me afigura um excelente patriota, á paisana, sem possibilidade de condecorações, mas, em todo o caso, patriota.

Chamou-se Luiz Vaz de Camões. Quatro cidades disputam o privilégio de tê-lo ouvido nos primeiros vagidos e a data do seu nascimento é incerta. Descendente de boa família, mas sem fortuna, pouco se sabe da sua infância e educação, contudo Frei Bartolomeu Ferreira, o insuspeito censor de *Os Lusíadas*, afirma textualmente: «O Autor mostra nêle muito engenho e muita erudição nas ciências humanas» e êle mesmo confessa: «Não me falta na vida honesto estudo, com longa experiência misturado» e sem mórbida modéstia, refere se ao seu «engenho e arte, coisas que juntas se encontram raramente», tendo num sonêto auto biográfico, declarado: «vôo sem ter asas; sou cego e guio» e, «sem ter contradições, sempre contendo» e ainda consta deixara a vida pelo mundo em pedaços repartida. Dentre os multiplos caracteristicos de Camões, como soldado e poeta, de espírito forte e violento, que o levou muitas vêzes a prisões e ao exílio; de memória extraordinária, capaz de assimilar tôda a literatura da Renascença, obtendo vastos conhecimentos de Geografia, Astronomia; revelando ainda conhecimentos de Botânica e Medicina, nem se descuidando da Teologia, como sói acontecer nos bons tempos de outrora, destacamos o seu patriotismo manifesto no fulgor da linguagem, patente em todo o Poema:

Para servir vos braços às armas feitos,
Para contar-vos, mente às musas dada.

Portugal perigava. Camões injustamente prêso desejava lutar. A injustiça do Rei não lhe arrefecera o amor à Pátria. Obtendo o perdão solicitado, sai para salvá la.

Torna-se a própria imagem da Pátria. Não desta Pátria «metida numa austera apagada e vil tristeza» mas desta Pátria que faria cessar a fama de «gregos e troianos» e a quem os próprios «deuses» temeriam. O contacto com o inimigo levara-o ao conselho:

« A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na fantasia
Sonhaddo, imaginando ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando.

Quanto pode um poeta! Pelo calor do seu zelo transformou a consiência dos seus irmãos, do relaxamento em que se encontrava ao reajustamento dos seus valores

Prefeitura Municipal de Dourados

Segundo qu
monstrativo, o
pela Caixa de
ção, dos valore
tidade e im
das notas de p
da, existiam en
lação, em 31 d
findo, 814.382.8
las de um a m
ros, no total d

Miss
Co

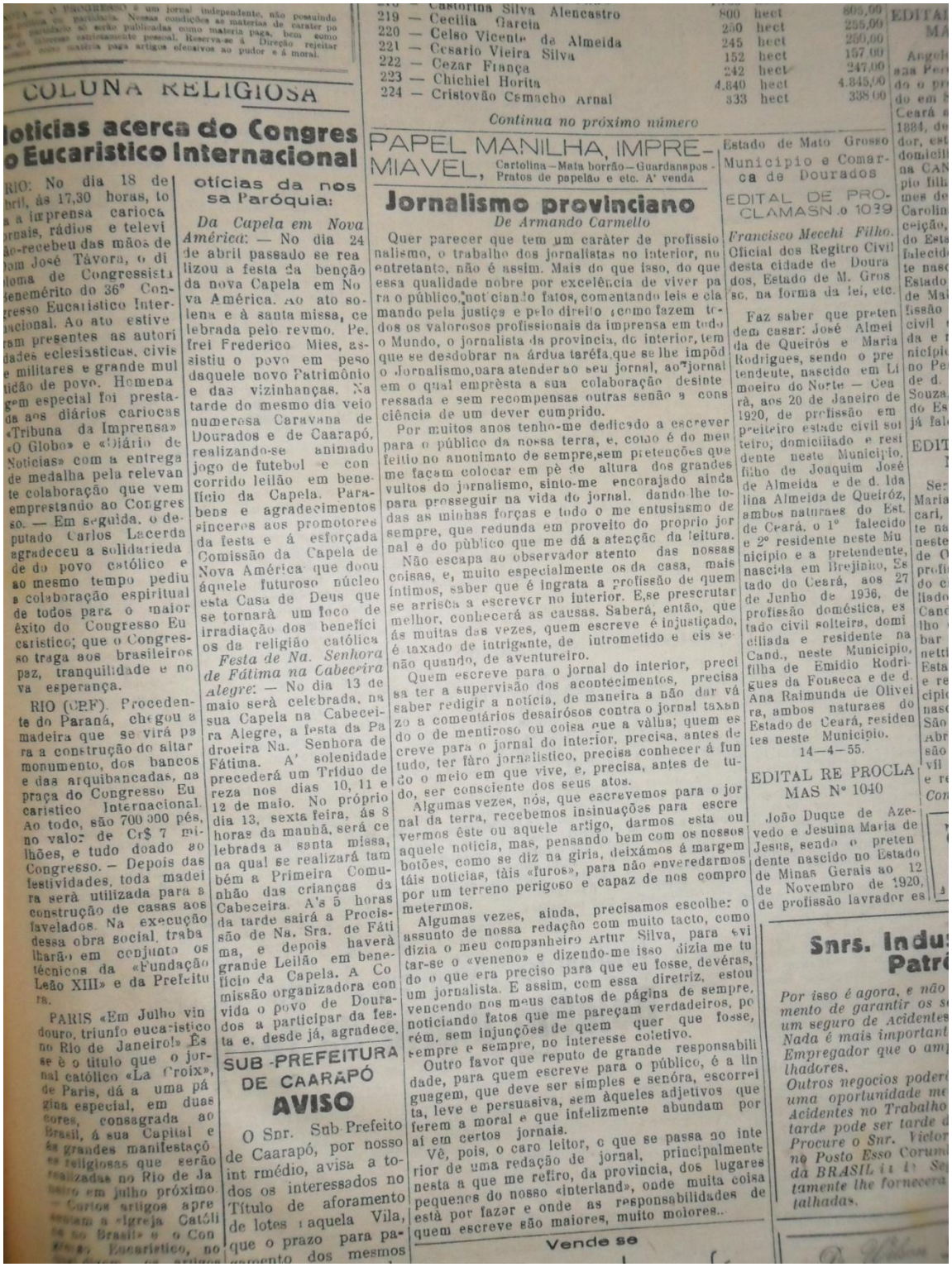
A senhora EL
VES DA SILVA
CO e familia, c
todos os parente
gos para assisti
dez horas, do di
Outubro, na Faze
ra Branca, a mi
farão celebrar p
sagem do aniver
saudoso Joaquim
co. Antecipa
agradecem à to
mais êsse ato de
de e piedade cri

NOIVAD

Ficaram noivos
sete do corrente
Emidio Pereira d
valho e a Snrta.
Pinheiro do Ama
Ele é filho do
Ernesto Pereira
valho e exma esp
Aures Pereira de
lho e ela é filha
sal Cat

O Progresso, 30 de setembro de 1956.

Anexo XIII



O PROGRESSO é um jornal independente, não possuindo [illegible] partidária. Nessas condições as matérias de caráter po[illegible] partidário só serão publicadas como matéria paga, bem como [illegible] interesse exclusivamente pessoal. Reserva-se á Direção rejeitar [illegible] como matéria paga artigos ofensivos ao pudor e á moral.

COLUNA RELIGIOSA

Noticias acerca do Congresso Eucaristico Internacional

RIO: No dia 18 de abril, ás 17,30 horas, toda a imprensa carioca jornais, rádios e televisão-recebeu das mãos de Dom José Távora, o diploma de Congressista Benemérito do 36° Congresso Eucaristico Internacional. Ao ato estiveram presentes as autoridades eclesiasticas, civis e militares e grande multidão de povo. Homenagem especial foi prestada aos diários cariocas «Tribuna da Imprensa» «O Globo» e «Diário de Noticias» com a entrega de medalha pela relevante colaboração que vem emprestando ao Congresso. — Em seguida, o deputado Carlos Lacerda agradeceu a solidarieda de do povo católico e ao mesmo tempo pediu a colaboração espiritual de todos para o maior êxito do Congresso Eucaristico; que o Congresso traga aos brasileiros paz, tranquilidade e nova esperança.

RIO (CPF). Procedente do Paraná, chegou a madeira que se virá para a construção do altar monumento, dos bancos e das arquibancadas, na praça do Congresso Eucaristico Internacional. Ao todo, são 700.000 pés, no valor de Cr$ 7 milhões, e tudo doado ao Congresso. — Depois das festividades, toda madeira será utilizada para a construção de casas aos favelados. Na execução dessa obra social, trabalhará em conjunto os técnicos da «Fundação Leão XIII» e da Prefeitura.

PARIS «Em Julho vindouro, triunfo eucaristico no Rio de Janeiro!» Ésse é o titulo que o jornal católico «La Croix», de Paris, dá a uma página especial, em duas cores, consagrada ao Brasil, á sua Capital e ás grandes manifestações religiosas que serão realizadas no Rio de Janeiro em julho próximo. — Carlos artigos apresentam a «Igreja Católica no Brasil» e o Congresso Eucaristico, no [illegible]

Noticias da nossa Paróquia:

Da Capela em Nova América: — No dia 24 de abril passado se realizou a festa da benção da nova Capela em Nova América. Ao ato solena e à santa missa, celebrada pelo revmo. Pe. frei Frederico Mies, assistiu o povo em peso daquele novo Patrimônio e das vizinhanças. Na tarde do mesmo dia veio numerosa Caravana de Dourados e de Caarapó, realizando-se animado jogo de futebol e concorrido leilão em benefício da Capela. Parabens e agradecimentos sinceros aos promotores da festa e á esforçada Comissão da Capela de Nova América que doou áquele futuroso núcleo esta Casa de Deus que se tornará um foco de irradiação dos benefícios da religião católica.

Festa de Na. Senhora de Fátima na Cabeceira Alegre: — No dia 13 de maio será celebrada, na sua Capela na Cabeceira Alegre, a festa da Padroeira Na. Senhora de Fátima. A' solenidade precederá um Triduo de reza nos dias 10, 11 e 12 de maio. No próprio dia 13, sexta feira, ás 8 horas da manhã, será celebrada a santa missa, na qual se realizará também a Primeira Comunhão das crianças da Cabeceira. A's 5 horas da tarde sairá a Procissão de Na. Sra. de Fátima, e depois haverá grande Leilão em benefício da Capela. A Comissão organizadora convida o povo de Dourados a participar da festa e, desde já, agradece.

SUB-PREFEITURA DE CAARAPÓ

AVISO

O Snr. Sub-Prefeito de Caarapó, por nosso intermédio, avisa a todos os interessados no Título de aforamento de lotes naquela Vila, que o prazo para pagamento dos mesmos

	— Castorina Silva Alencastro	800	hect	805,00
219	— Cecilia Garcia	250	hect	255,00
220	— Celso Vicente de Almeida	245	hect	250,00
221	— Cesario Vieira Silva	152	hect	157,00
222	— Cezar França	242	hect	247,00
223	— Chichiel Horita	4.840	hect	4.845,00
224	— Cristovão Camacho Arnal	333	hect	338,00

Continua no próximo número

PAPEL MANILHA, IMPREMIAVEL, Cartolina — Mata borrão — Guardanapos — Pratos de papelão e etc. A' venda

Jornalismo provinciano

De Armando Carmello

Quer parecer que tem um caráter de profissionalismo, o trabalho dos jornalistas no interior, no entretanto, não é assim. Mais do que isso, do que essa qualidade nobre por excelência de viver para o público, noticiando fatos, comentando leis e clamando pela justiça e pelo direito, como fazem todos os valorosos profissionais da imprensa em todo o Mundo, o jornalista da provincia, do interior, tem que se desdobrar na árdua taréfa, que se lhe impõe o Jornalismo, para atender ao seu jornal, ao jornal em o qual emprèsta a sua colaboração desinteressada e sem recompensas outras senão a consciência de um dever cumprido.

Por muitos anos tenho-me dedicado a escrever para o público da nossa terra, e, como é do meu feitio no anonimato de sempre, sem pretenções que me façam colocar em pè de altura dos grandes vultos do jornalismo, sinto-me encorajado ainda para prosseguir na vida do jornal, dando-lhe todas as minhas forças e todo o meu entusiasmo de sempre, que redunda em proveito do proprio jornal e do pùblico que me dá a atenção da leitura.

Não escapa ao observador atento das nossas coisas, e, muito especialmente os da casa, mais íntimos, saber que é ingrata a profissão de quem se arrisca a escrever no interior. E, se prescrutar melhor, conhecerá as causas. Saberá, então, que ás muitas das vezes, quem escreve é injustiçado, é taxado de intrigante, de intrometido e eis se não quando, de aventureiro.

Quem escreve para o jornal do interior, precisa ter a supervisão dos acontecimentos, precisa saber redigir a notícia, de maneira a não dar vázo a comentários desairósos contra o jornal taxando o de mentiroso ou coisa que a vàlha; quem escreve para o jornal do interior, precisa, antes de tudo, ter fàro jornalistico, precisa conhecer á fundo o meio em que vive, e, precisa, antes de tudo, ser consciente dos seus atos.

Algumas vezes, nós, que escrevemos para o jornal da terra, recebemos insinuações para escrevermos êste ou aquele artigo, darmos esta ou aquele noticia, mas, pensando bem com os nossos botões, como se diz na giria, deixámos á margem táis noticias, táis «furos», para não enveredarmos por um terreno perigoso e capaz de nos comprometermos.

Algumas vezes, ainda, precisamos escolhe: o assunto de nossa redação com muito tacto, como dizia o meu companheiro Artur Silva, para evitar-se o «veneno» e dizendo-me isso dizia me tudo o que era preciso para que eu fosse, devéras, um jornalista. E assim, com essa diretriz, estou vencendo nos meus cantos de página de sempre, noticiando fatos que me pareçam verdadeiros, porém, sem injunções de quem quer que fosse, sempre e sempre, no interesse coletivo.

Outro favor que reputo de grande responsabilidade, para quem escreve para o público, é a linguagem, que deve ser simples e senóra, escorreita, leve e persuasiva, sem àqueles adjetivos que ferem a moral e que infelizmente abundam por aí em certos jornais.

Vê, pois, o caro leitor, o que se passa no interior de uma redação de jornal, principalmente nesta a que me refiro, da provincia, dos lugares pequenos do nosso «interland», onde muita coisa está por fazer e onde as responsabilidades de quem escreve são maiores, muito maiores..

Vende se

Estado de Mato Grosso
Municipio e Comarca de Dourados

EDITAL DE PROCLAMAS N.o 1039

Francisco Mecchi Filho, Oficial dos Registro Civil desta cidade de Dourados, Estado de M. Grosso, na forma da lei, etc.

Faz saber que pretendem casar: José Almeida de Queirós e Maria Rodrigues, sendo o pretendente, nascido em Limoeiro do Norte — Ceará, aos 20 de Janeiro de 1920, de profissão empreiteiro estado civil solteiro, domiciliado e residente neste Municipio, filho de Joaquim José de Almeida e de d. Idalina Almeida de Queiróz, ambos naturaes do Est. de Ceará, o 1° falecido e 2° residente neste Municipio e a pretendente, nascida em Brejinho, Estado do Ceará, aos 27 de Junho de 1936, de profissão doméstica, estado civil solteira, domiciliada e residente na Cand., neste Municipio, filha de Emidio Rodrigues da Fonseca e de d. Ana Raimunda de Oliveira, ambos naturaes do Estado de Ceará, residentes neste Municipio.

14—4—55.

EDITAL RE PROCLAMAS N° 1040

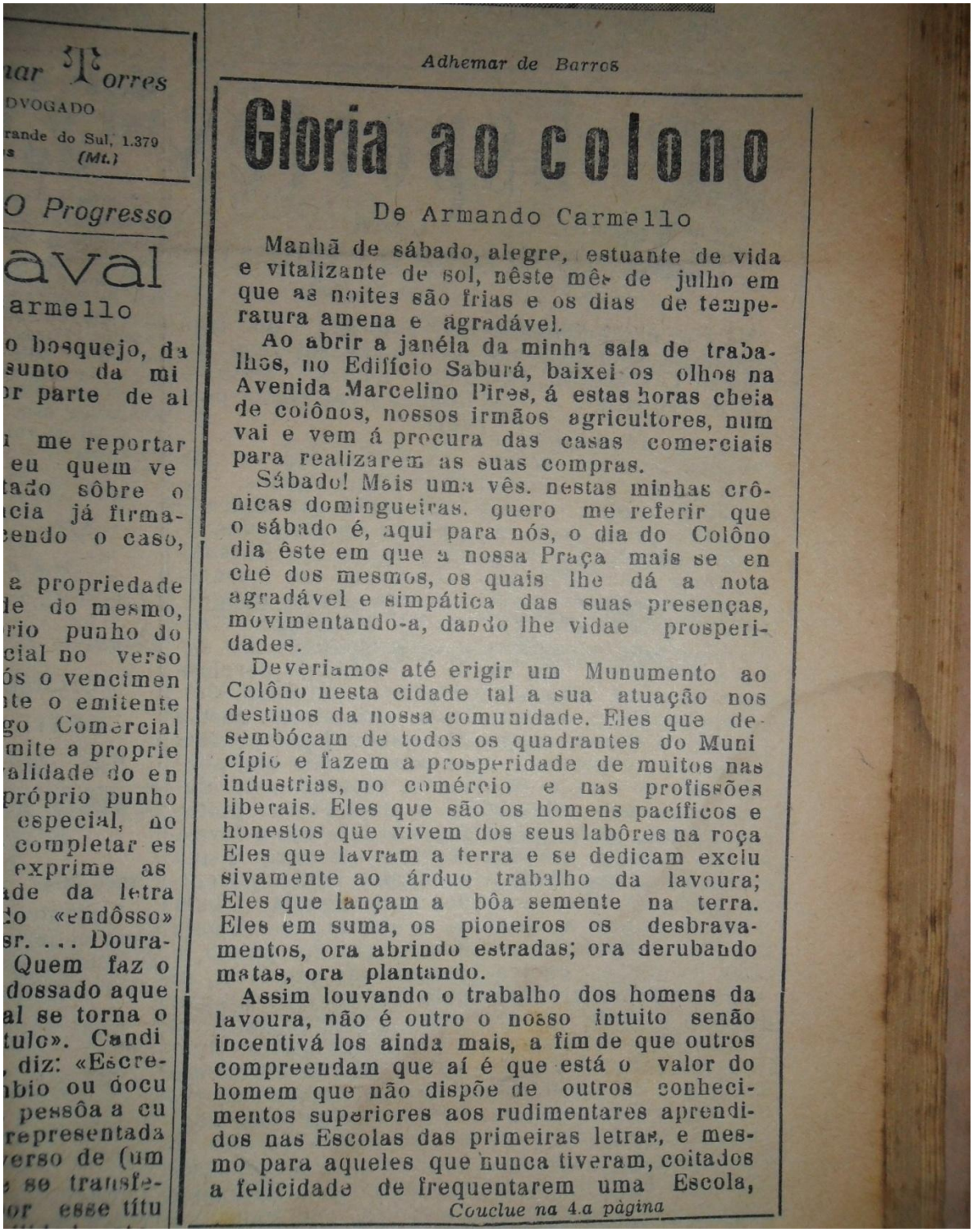
João Duque de Azevedo e Jesuina Maria de Jesus, sendo o pretendente nascido no Estado de Minas Gerais ao 12 de Novembro de 1920, de profissão lavrador es

Snrs. Indus Patrõ

Por isso é agora, e não mento de garantir os s um seguro de Acidentes Nada é mais important Empregador que o am lhadores.
Outros negocios poder uma oportunidade me Acidentes no Trabalho tarde pode ser tarde d Procure o Snr. Victor no Posto Esso Corum da BRASIL e lhe Se tamente lhe fornecerá talhadas.

O Progresso, 8 de maio de 1955.

Anexo XIV



ar Torres
DVOGADO
rande do Sul, 1.379
s (Mt.)

O Progresso

aval
armello

o bosquejo, da
sunto da mi
r parte de al

me reportar
eu quem ve
tado sôbre o
cia já firma-
endo o caso,

a propriedade
le do mesmo,
rio punho do
cial no verso
ós o vencimen
te o emitente
go Comercial
mite a proprie
alidade do en
próprio punho
especial, no
completar es
exprime as
ade da letra
o «endôsso»
sr. ... Doura-
Quem faz o
dossado aque
al se torna o
tulo». Candi
diz: «Escre-
bio ou docu
pessôa a cu
representada
erso de (um
se transfe-
or esse titu

Adhemar de Barros

Gloria ao colono

De Armando Carmello

Manhã de sábado, alegre, estuante de vida e vitalizante de sol, nêste mês de julho em que as noites são frias e os dias de temperatura amena e agradável.

Ao abrir a janéla da minha sala de trabalhos, no Edifício Saburá, baixei os olhos na Avenida Marcelino Pires, á estas horas cheia de colônos, nossos irmãos agricultores, num vai e vem á procura das casas comerciais para realizarem as suas compras.

Sábado! Mais uma vês. nestas minhas crônicas domingueiras. quero me referir que o sábado é, aqui para nós, o dia do Colôno dia êste em que a nossa Praça mais se enche dos mesmos, os quais lhe dá a nota agradável e simpática das suas presenças, movimentando-a, dando lhe vidae prosperidades.

Deveriamos até erigir um Munumento ao Colôno nesta cidade tal a sua atuação nos destinos da nossa comunidade. Eles que desembócam de todos os quadrantes do Município e fazem a prosperidade de muitos nas industrias, no comércio e nas profissões liberais. Eles que são os homens pacíficos e honestos que vivem dos seus labôres na roça Eles que lavram a terra e se dedicam exclusivamente ao árduo trabalho da lavoura; Eles que lançam a bôa semente na terra. Eles em suma, os pioneiros os desbravamentos, ora abrindo estradas; ora derubando matas, ora plantando.

Assim louvando o trabalho dos homens da lavoura, não é outro o nosso intuito senão incentivá los ainda mais, a fim de que outros compreendam que aí é que está o valor do homem que não dispõe de outros conhecimentos superiores aos rudimentares aprendidos nas Escolas das primeiras letras, e mesmo para aqueles que nunca tiveram, coitados a felicidade de frequentarem uma Escola,

Conclue na 4.a página

O Progresso, 24 de julho de 1955.

Anexo XV

Caminhos da Emigração

Armando Carmello

Lanço o meu olhar por sôbre a amplidão sem fim do nosso Município, que no dia 20 completou 20 anos e fico pensando, vendo ainda ao longe o colorido das matas: não seria melhor que tudo isso estivesse já cultivado? Quão bélo não seria!... E outras considerações de ordem economica me veem à imaginação, tudo no sentido de que o nosso Município, poderá ser, em tempos não muito distantes de nós, um grande celeiro, com a sua àrea quasi totalmente plantada com todas as espécies de cereais, dêsde ao valoroso café, até as plantas de maiores consumos aquisitórios, como o feijão, arros, batatas, etc.

Ora, para que tenhamos esse ideal realizado, um dia, necessário se tórna que o braço do homem aí esteja, plantando, zelando pelas lavouras, colhendo, finalmente. E o homem aonde está? Onde encontramos esses elementos?

Dourados, precisa, então sem demóra, preencher os claros existentes na sua grande área quilométrica, de extenção. Precisa, sem demóra aproveitar a grande parte de terra cultivável, notadamente as zonas de matas.

Agora vem a pergunta: De que modo poderemos processar essa rápida transformação? Além do elemento trabalhador que temos, em excelentes condições, nossos patrícios de outros Estados como bem próva o que vemos nas colônias visinhas da séde, precisamos ainda de maior número de trabalhadores para o desbravamento dessas grandes zonas cobertas de matas onde a terra, como sempre, pede que se plante néla, que a cultive, que a régue com o trabalho diurno, que a dê assistencia, afinal, para o melhor aproveitamento do homem.

A propósito dêsse assunto, fui informado de que há um plano de colonização em projéto além de outros de iniciativas particulares, com relação á emigração do elemento homem nipônico, filhos do Sol Nascente, para estas plágas.

No meu fraco entender, a idéia é ótima. Os japonezes são hàbeis agricultores, homens ordeiros pacatos e valentes trabalhadores da lavoura.

A próva disso, temo-la nos Estados aonde o braço japonez se levantou nas lavouras, como no Estado de São Paulo, em várias regiões, Paraná Amazonas e no próprio Mato-Grosso mesmo; mui especialmente em Campo Grande, onde os japonezes trabalham há longos anos na agricultura e fizeram daquela terra de Luiz Antonio uma grande cidade, farta em tudo, quér em café, cereais e verdura de todos os matizes, não só na parte manufatureira, que também se observou em grande escala.

E o meu desejo, como disse acima, é vêr o nosso Municipio que ainda é jovem, fórte e vigoroso, como um grande celeiro, não só do nosso querido Estado de Mato Grosso, como do Brasil nosso amado Brasil que ainda impórta muita coisa para o seu consumo intérno, quado, no meu fraco entender repito devia exportar e exportar bastante, sendo a terra ideal para a fartura.

Que venham os japonezes também colaborar conôsco na grande obra da redenção econômica do nosso rico Municipio!

Dep. Alberto Monteiro

rem conta do Ho
da Colonia (N.C.D.)
Apesar do temp
voso as 17 horas
recebidas pelo povo
e vivas e foguete
alegria.
Ao cortar a fita
bólica de entrega
Hospital, às Irmãs V
tinas, o D.D. Admini
dor, Dr. Frederico M
da Schimith, pronun
um bélo discurso,
prindo se assim a
ração do I.N.I.C.
O Exmo. Snr. B
Dom Orlando Ch
presente ao ato so
entregou-lhes as ch
dando a bençam ao
sentes e ao prédio,
ter agradecido a d
Providencia e ao I
pelo rico presente
Hospital ficou sendo
mado «*Hospital de*
sa Senhora de Fati
tendo por superior
Irmã *Bernadete Fr*
auxiliada pelas I
Clara e Angela.

Prefeitura Munici

AVISO

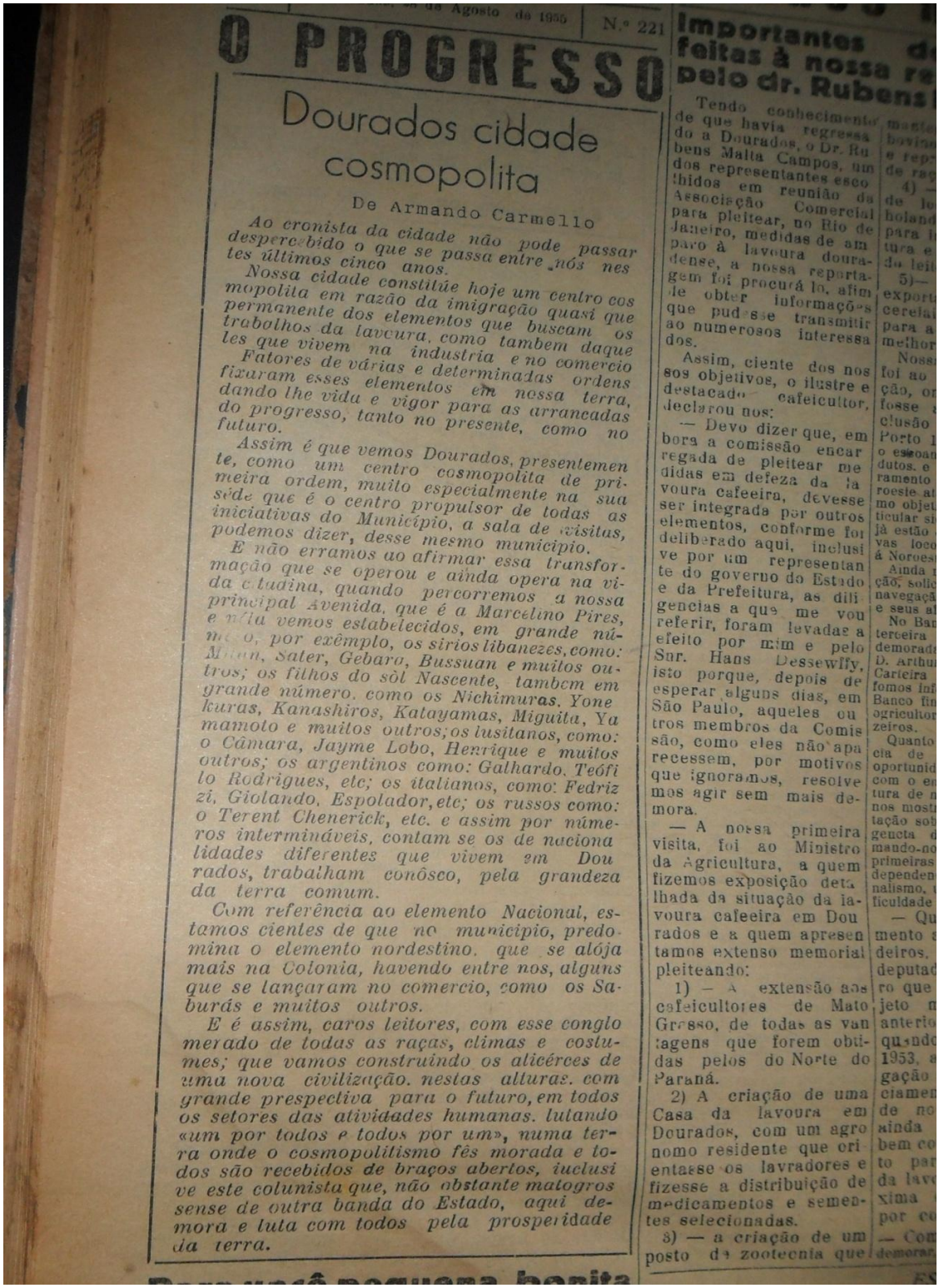
Aos proprieta de veiculos

A Prefeitura Mu
pal de Dourados,
melhor esclareci
de todos trancreve
xo, o que dispõe,
nº 93, de 4 de Ma
1955, sôbre o *IMPO*
DE LICENÇA
VEICULOS:
Artigo 60 — O I
to de Licença sobre
culos é devido pelo
proprietarios embo
rigido por terceiro
de que circulem
do Municipio.
Aritgo 61 — De
os veiculos estar
trados no livro p
da Prefeitura e po
na frente e atra
visiveis suas plac
identificação, na
determinada pelo
go Nacional de Tr
Artigo 62 — O
mento do impôs
veiculos, caso sej
depois da época

teiro, tudo faser
evitar que o crèdi
recolhido aos Cóf
blicos, como tem
tecido nos anos a
res.

O Progresso, 25 de dezembro de 1955.

Anexo XVI



de Agosto de 1955 N.º 221

O PROGRESSO

Dourados cidade cosmopolita

De Armando Carmello

Ao cronista da cidade não pode passar despercebido o que se passa entre nós nestes últimos cinco anos.

Nossa cidade constitúe hoje um centro cosmopolita em razão da imigração quasi que permanente dos elementos que buscam os trabalhos da lavoura, como tambem daqueles que vivem na industria e no comercio.

Fatores de várias e determinadas ordens fixaram esses elementos em nossa terra, dando lhe vida e vigor para as arrancadas do progresso, tanto no presente, como no futuro.

Assim é que vemos Dourados, presentemente, como um centro cosmopolita de primeira ordem, muito especialmente na sua séde que é o centro propulsor de todas as iniciativas do Município, a sala de visitas, podemos dizer, desse mesmo municipio.

E não erramos ao afirmar essa transformação que se operou e ainda opera na vida citadina, quando percorremos a nossa principal Avenida, que é a Marcelino Pires, e nela vemos estabelecidos, em grande número, por exêmplo, os sirios libanezes, como: Mian, Sater, Gebara, Bussuan e muitos outros; os filhos do sòl Nascente, tambem em grande número, como os Nichimuras, Yonekuras, Kanashiros, Katayamas, Miguita, Yamamoto e muitos outros; os lusitanos, como: o Câmara, Jayme Lobo, Henrique e muitos outros; os argentinos como: Galhardo, Teófilo Rodrigues, etc; os italianos, como: Fedrizzi, Giolando, Espolador, etc; os russos como: o Terent Chenerick, etc. e assim por números intermináveis, contam se os de nacionalidades diferentes que vivem em Dourados, trabalham conôsco, pela grandeza da terra comum.

Com referência ao elemento Nacional, estamos cientes de que no municipio, predomina o elemento nordestino, que se alója mais na Colonia, havendo entre nos, alguns que se lançaram no comercio, como os Saburás e muitos outros.

E é assim, caros leitores, com esse conglomerado de todas as raças, climas e costumes; que vamos construindo os alicérces de uma nova civilização, nestas alturas, com grande prespectiva para o futuro, em todos os setores das atividades humanas, lutando «um por todos e todos por um», numa terra onde o cosmopolitismo fês morada e todos são recebidos de braços abertos, inclusive este colunista que, não obstante matogrosense de outra banda do Estado, aqui demora e luta com todos pela prosperidade da terra.

Importantes de feitas à nossa re pelo dr. Rubens

Tendo conhecimento de que havia regressado a Dourados, o Dr. Rubens Malta Campos, um dos representantes escolhidos em reunião da Associação Comercial para pleitear, no Rio de Janeiro, medidas de amparo à lavoura douradense, a nossa reportagem foi procurá lo, afim de obter informações que pudesse transmitir ao numerosos interessados.

Assim, ciente dos nossos objetivos, o ilustre e destacado cafeicultor, declarou nos:

— Devo dizer que, embora a comissão encarregada de pleitear medidas em defeza da lavoura cafeeira, devesse ser integrada por outros elementos, conforme foi deliberado aqui, inclusive por um representante do governo do Estado e da Prefeitura, as diligencias a que me vou referir, foram levadas a efeito por mim e pelo Snr. Hans Dessewffy, isto porque, depois de esperar alguns dias, em São Paulo, aqueles outros membros da Comissão, como eles não apareceessem, por motivos que ignoramos, resolvemos agir sem mais demora.

— A nossa primeira visita, foi ao Ministro da Agricultura, a quem fizemos exposição detalhada da situação da lavoura cafeeira em Dourados e a quem apresentamos extenso memorial pleiteando:

1) — A extensão aos cafeicultores de Mato Grosso, de todas as vantagens que forem obtidas pelos do Norte do Paraná.

2) A criação de uma Casa da lavoura em Dourados, com um agronomo residente que orientasse os lavradores e fizesse a distribuição de medicamentos e sementes selecionadas.

3) — a criação de um posto de zootecnia que

O Progresso, 20 de agosto de 1955.